



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de Marília
Faculdade de Filosofia e Ciências

Bruna Vilas Bôas

**PEDAGOGIA E PREVENÇÃO DE ACIDENTES INFANTIS: CONHECIMENTOS E
OPINIÕES DE DISCENTES E DOCENTES E AÇÃO EDUCATIVA COM
UNIVERSITÁRIOS**

Marília

2016

Bruna Vilas Bôas

**PEDAGOGIA E PREVENÇÃO DE ACIDENTES INFANTIS: CONHECIMENTOS E
OPINIÕES DE DISCENTES E DOCENTES E AÇÃO EDUCATIVA COM
UNIVERSITÁRIOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação (Linha de Pesquisa 01: Psicologia da Educação: processos educativos e desenvolvimento humano).

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Regina Gimenez-Paschoal

Marília

2016

Vilas Bôas, Bruna.

V697p Pedagogia e prevenção de acidentes infantis : conhecimentos e opiniões de discentes e docentes e ação educativa com universitários / Bruna Vilas Bôas. – Marília, 2016.

201 f. ; 30 cm.

Orientadora: Sandra Regina Gimenez-Paschoal.

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2016.

Bibliografia: f. 126-133.

1. Prevenção de acidentes infantis. 2. Educação – Estudo e ensino. 3. Professores - Formação. I. Título.

CDD 371.7

Bruna Vilas Bôas

**PEDAGOGIA E PREVENÇÃO DE ACIDENTES INFANTIS: CONHECIMENTOS E
OPINIÕES DE DISCENTES E DOCENTES E AÇÃO EDUCATIVA COM
UNIVERSITÁRIOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação (Linha de Pesquisa 01: Psicologia da Educação: processos educativos e desenvolvimento humano).

Membros componentes da banca examinadora

Presidente e orientadora _____

Profa. Dra. Sandra Regina Gimenez-Paschoal

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília

2ª Examinadora _____

Dra. Alessandra de Moraes

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília

3ª Examinadora _____

Dra. Raimunda Abou Gebran

Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente

4ª Examinadora _____

Dra. Camélia Santino Murgu da Silva

Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente

5ª Examinadora _____

Dra. Patrícia Unger Raphael Bataglia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília

De tudo ficaram três coisas:
a certeza de que estamos começando,
a certeza de que é preciso continuar,
a certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar!
Façamos da interrupção, um caminho novo.
Da queda, um passo de dança.
Do medo, uma escada.
Do sonho, uma ponte.
Da procura, um encontro!

Fernando Sabino

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por todas as oportunidades concebidas e pelo Seu fortalecimento constante que me permitiu continuar batalhando pelos meus sonhos. Obrigada pelas pessoas que Colocastes em meus caminhos para me conduzir nessa caminhada, por todas as vivências e aprendizagens adquiridas que me permitiu prosseguir nos caminhos necessários para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

À minha orientadora, professora doutora Sandra Regina Gimenez-Paschoal, por ter confiado em mim e por todos os anos de trabalho e aprendizado contínuo. Carregarei sempre comigo todos os ensinamentos, o amor e dedicação à pesquisa, a ética, e, sobretudo, a determinação e coragem para a conquista de nossos ideais.

Às professoras e doutoras Alessandra de Moraes e Raimunda Abou Gebran, pela disponibilidade e pelas sugestões oferecidas durante a banca de avaliação, desde o início de minha formação acadêmica, contribuindo para a compreensão de pesquisa e a redação deste trabalho.

Às professoras e doutoras Camélia Santino Murgo da Silva e Patrícia Unger Raphael Bataglia, que aceitaram muito gentilmente serem membros da banca de avaliação e contribuírem para o fechamento deste trabalho.

Às professoras e doutoras Eliane Giachetto Saravali, Silvia Aparecida Fornazari e Silvia Regina Ricco Lucato Sigolo por ter aceitado o convite de serem membros suplentes da banca de avaliação.

Aos meus pais, José Vilas Bôas e Lucia Helena da Silva Camargo Vilas Bôas, pelo amor e dedicação para com a nossa família, por me ensinarem os caminhos certos a serem trilhados, por me incentivarem a seguir adiante nos meus objetivos, lutando pelos meus ideais e por compreenderem todos esses anos de distância de nosso lar.

Às minhas irmãs, Nayara Vilas Bôas e Isabela Vilas Bôas, pela ajuda nos momentos em que precisei e pela torcida para que no final tudo acabasse bem.

À minha tia Neusa da Silva, pelos momentos de acolhimento em razão da distância da minha família, pelo seu incentivo para que eu não desistisse de lutar e por suas orações constantes por mim. Meu mais sincero agradecimento por todas as vezes que proporcionou o alento e direcionamento de que eu necessitava!

Ao meu amigo, parceiro e namorado, Carlos Eduardo Shiniti Saito, pela paciência e carinho comigo além dos valiosos auxílios durante a coleta de dados dessa pesquisa. Muito

obrigada por dividir comigo a sua história e me fazer feliz e fortalecida para continuar na busca dos nossos sonhos. Toda minha gratidão e amor!

Aos meus amigos, pelos momentos especiais que passamos juntos e que permitiam a renovação das minhas forças para seguir adiante. Um agradecimento especial à Bruna da Costa Scota que dividiu comigo momentos de angústia e alegria e que me acompanhou nesse processo desde o início até o final dessa trajetória.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Educação e Acidentes - EDACI, pela partilha de momentos de aprendizagem e companheirismo, em especial à doutora Maria Aparecida Brandão Bonadio Keppler e às mestras Flávia Arantes Táparo e Bruna da Costa Scota que atuaram como pesquisadores de pesquisa nesse trabalho.

Aos professores e colegas da pós-graduação, pelos momentos de aprendizado e crescimento acadêmico que me proporcionaram.

Aos docentes e discentes que participaram desse estudo, por terem consentido a realização dessa pesquisa e pelo acolhimento durante o período em que o programa de ensino foi aplicado na Universidade. Muito obrigada pela participação e envolvimento com essa pesquisa, reforçando meu desejo em atuar no ensino superior e poder contribuir com a vossa formação.

Resumo

Os acidentes infantis constituem problema de saúde pública mundial pela elevada morbimortalidade, mas podem ser prevenidos por meio da educação. Entretanto, a formação de professores sobre o tema ainda é incipiente. Foram realizados dois Estudos. No Estudo 1 o objetivo foi caracterizar conhecimentos e opiniões de discentes e docentes de cursos de Pedagogia em relação à temática dos acidentes infantis a partir de relatos, bem como conhecimentos da mesma natureza formalizados na estrutura curricular dos cursos. Ocorreu em duas Universidades Públicas: uma da grande São Paulo e outra do interior paulista. Participaram três professores, média de 41(\pm 8,1) anos, 2 do sexo feminino, e 96 graduandos dos anos finais do curso, média de 25,7(\pm 6,8) anos, 83% do sexo feminino, sendo turmas A e B da grande São Paulo e turmas C e D do interior paulista. Foram utilizados questionários para docentes e discentes, aplicados em sala de aula. A estrutura curricular dos cursos foi obtida online e foi feita análise comparativa. Os resultados indicaram que apenas 14,3% dos graduandos percebiam a previsibilidade dos acidentes e 20% receberam orientações sobre a temática durante a graduação. As turmas apresentaram interesse em aprender sobre a temática, destacando-se as turmas A e C. Os professores afirmaram não ter abordado o tema na disciplina que atuavam ou em outras disciplinas que lecionaram no curso de Pedagogia. A docente das turmas C e D indicou interesse por uma intervenção com os alunos. A estrutura curricular indicou a ausência de disciplinas que abordassem temas de educação em saúde. Concluiu-se que os graduandos possuíam pouco conhecimento sobre o tema, mas demonstraram interesse pela temática. O tema poderia ser abordado de forma transversal na estrutura curricular do curso. No Estudo 2 os objetivos foram elaborar, aplicar e avaliar ação educativa com discentes de Pedagogia em uma Universidade Pública do interior paulista. Participaram 25 graduandos da turma C. Foi elaborada apostila de estudo sobre conceitos; tipos de acidentes mais frequentes; primeiros socorros; legislações que preconizam a importância de trabalhar o tema no contexto escolar e sugestões de atividades práticas para a educação infantil e o ensino fundamental. A aplicação foi por meio de slides, vídeos e atividades práticas, em quatro encontros de aproximadamente 90 minutos, na sala de aula. Os resultados indicaram que novos conhecimentos foram adquiridos pelos participantes a cada encontro, tendo destaque as legislações sobre o tema, pois inicialmente nenhum aluno tinha o conhecimento e todos aprenderam. Os alunos realizaram planos de ensino para atuação com o tema em sala de aula. Concluiu-se que a intervenção favoreceu a aprendizagem de conceitos sobre o tema e ofereceu subsídios para proposição de atividades para trabalhar futuramente com a temática. Professores e discentes avaliaram de forma satisfatória a intervenção. Considerando os dois estudos e visando à formação de professores, sugeriu-se a inclusão do tema na estrutura curricular de cursos de pedagogia, especificamente em disciplinas e/ou estágios que contemplem as questões de educação em saúde e envolvam os graduandos em atividades teóricas e práticas sobre a temática.

Palavras –chaves: Prevenção. Acidentes infantis. Pedagogia. Formação de professores.

Abstract

Childhood accidents are a problem of public health worldwide due to high morbidity and mortality, but can be prevented through education. However, teachers' training about it still been incipient. The present study consists of two studies. In Study 1 the objective was to characterize the knowledge and opinions of students and teachers of pedagogy courses about childhood accidents based on reports as well as knowledge of the same nature formalized in the curricular structure of the courses. Was realized in two Public Universities: one in a city of São Paulo and the other one in a city at the countryside of São Paulo. Three teachers participated, mean of 41 (\pm 8.1) years, 2 female, and 96 undergraduate students of the final years of the course, mean of 25.7 (\pm 6.8) years, 83% female, classes A and B located in the city of São Paulo and classes C and D located at the University of the countryside of São Paulo. Questionnaires were answered by students and teachers inside the classroom. The curricular structure of the courses was obtained online and was made a comparative analysis. The results indicated that only 14.3% of the students perceived predictability of accidents and 20% received information on the subject during the college. Classes A and C showed more interest in learning about the subject, although positive percentages prevailed in all classes. The classes showed an interest in learning about the subject, highlighting classes A and C. The teacher of the classes C and D indicated the interest for an intervention with the students. The subject could be approached transversally in the curricular structure of the course. In Study 2 the objectives were to elaborate, apply and evaluate educational action with students of Pedagogy. Participated 25 graduates from class C. It was made an educational activity held in four meetings previously scheduled with the teacher. A study book was elaborated focused on: the concepts and the most frequent types of accidents; first aid; legislations about the importance of to work with theme in the school context, suggestions of practical activities aimed at the kindergarten and elementary school. The subjects were approached through slides, videos and practical activities, in four meetings of approximately 90 minutes, in the classroom. The results indicated that new knowledge was acquired by the participants at each meeting, highlighting the legislation on the subject, since initially no students had the knowledge and all of them learned later. The students made teaching plans to act with the theme in the classroom. It was concluded that the intervention contributed to the learning of concepts on the subject and offered subsidies to propose activities to work with the theme in the future. Teachers and students evaluated the intervention in a satisfactory way. Considering the two studies and aiming at teacher training, it was suggested to include the theme in the curricular structure of pedagogy courses, specifically in disciplines and / or stages that contemplate the issues of health education and involve undergraduates in theoretical and practical activities about it.

Keywords: Prevention. Childhood accidents. Pedagogy. Teacher training.

Lista de Tabelas

Tabela 1	Frequência e porcentagem de discentes do Estudo 1 por turma, identificando sexo e média de idade (N=96).....	41
Tabela 2	Frequência e porcentagem das profissões dos discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia (N=54).....	42
Tabela 3	Frequência e porcentagem das profissões dos discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia (N=42).	42
Tabela 4	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre o conceito dos acidentes infantis (N=54).....	55
Tabela 5	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os assuntos que receberam informações referentes ao tema dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade (N=31).....	56
Tabela 6	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os meios de comunicação que receberam informações sobre o tema dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade (N=31).....	57
Tabela 7	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as informações referentes ao tema dos acidentes infantis recebidas fora das atividades curriculares da faculdade (N=31).....	57
Tabela 8	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os assuntos que poderiam ser discutidos nas atividades curriculares do curso (N=49).....	60
Tabela 9	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as disciplinas em que poderia ser discutido o tema dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso (N=49).....	61
Tabela 10	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as estratégias de ensino-aprendizagem que poderiam ser utilizadas com o tema dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso (N=49).....	62
Tabela 11	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os conteúdos que poderiam ser abordados nas atividades curriculares do curso (N=49).	63
Tabela 12	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre quem deveria abordar o assunto nas atividades curriculares do curso (N=49).....	64
Tabela 13	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os locais onde realizaria a atividade de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=12).	65
Tabela 14	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as atividades que realizariam acerca da atividade de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=12).....	66
Tabela 15	Conhecimentos e opiniões de discentes turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os materiais que poderiam ser utilizados para realização das atividades de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=12).....	67

Tabela 16	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre o que poderia ser feito para favorecer a atuação profissional nas atividades de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=12).....	68
Tabela 17	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os motivos pelos quais não realizaram as atividades de prevenção de acidentes infantis em sala de aula (N=25).....	68
Tabela 18	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os assuntos que abordaram nas atividades de prevenção de acidentes infantis que realizaram em sala de aula (N=12).....	69
Tabela 19	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os tipos de atividades que foram realizadas em sala de aula nas atividades de prevenção de acidentes infantis (N=12).....	70
Tabela 20	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os materiais que foram utilizados nas atividades de prevenção de acidentes infantis que realizaram em sala de aula (N=12).....	70
Tabela 21	Conhecimentos e opiniões de discentes turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as formas de avaliação das atividades de prevenção de acidentes infantis que realizaram em sala de aula (N=12).....	71
Tabela 22	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os comentários e/ou sugestões sobre o questionário respondido (N=54).	72
Tabela 23	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os aspectos positivos quanto ao preenchimento deste questionário (N=54).	73
Tabela 24	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma A do curso de Pedagogia sobre os aspectos negativos quanto ao preenchimento deste questionário (N=54).....	73
Tabela 25	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de São Paulo sobre o conceito de acidentes infantis (N=42).....	74
Tabela 26	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os assuntos que receberam informações referentes ao tema dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade (N=24).....	75
Tabela 27	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os meios de comunicação que receberam informações sobre o tema dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade (N=24).....	76
Tabela 28	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as informações referentes ao tema dos acidentes infantis recebidas fora das atividades curriculares da faculdade (N=24).....	76
Tabela 29	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os assuntos que poderiam ser discutidos nas atividades curriculares do curso (N=40).....	78
Tabela 30	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as disciplinas em que poderia ser discutido o tema dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso (N=40).....	79

Tabela 31	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as estratégias de ensino-aprendizagem que poderiam ser utilizadas com o tema dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso (N=40).....	80
Tabela 32	Conhecimentos e opiniões de discentes da das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os conteúdos que poderiam ser abordados nas atividades curriculares do curso (N=40).	80
Tabela 33	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre quem deveria abordar o assunto nas atividades curriculares do curso (N=40).	81
Tabela 34	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os locais onde realizaria a atividade de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=17).	82
Tabela 35	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as atividades que realizariam acerca da atividade de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=17).....	82
Tabela 36	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a população em que realizariam atividade relacionada à prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=17).....	83
Tabela 37	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os materiais que seriam utilizados nas atividades de prevenção de acidentes infantis que realizariam depois de formados (N=17).....	83
Tabela 38	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre o que poderia ser feito para favorecer a atuação profissional nas atividades de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=17).....	84
Tabela 39	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os motivos pelos quais não realizaram as atividades de prevenção de acidentes infantis em sala de aula (N=20).....	85
Tabela 40	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os comentários e/ou sugestões sobre o questionário respondido (N=42).	86
Tabela 41	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos positivos quanto ao preenchimento deste questionário (N=42).	87
Tabela 42	Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos positivos quanto ao preenchimento deste questionário (N=42).	87
Tabela 43	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os assuntos que abordariam com seus alunos (N=23).....	105
Tabela 44	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as atividades que realizariam com seus alunos (N=23).....	106
Tabela 45	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os locais onde realizariam as atividades com seus alunos (N=23).....	107

Tabela 46	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os objetivos a serem alcançados com seus alunos (N=23).....	107
Tabela 47	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a população envolvida nas atividades com seus alunos (N=23).....	108
Tabela 48	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os materiais que seriam utilizados nas atividades com seus alunos (N=23).	108
Tabela 49	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os procedimentos que realizariam nas atividades com seus alunos (N=23).	109
Tabela 50	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a forma de avaliação das atividades que realizariam com seus alunos (N=23).	110
Tabela 51	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que poderiam favorecer a realização das atividades (N=23).....	111
Tabela 52	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que poderiam dificultar a realização das atividades (N=23).....	112
Tabela 53	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que poderiam favorecer a realização das atividades (N=23).....	112
Tabela 54	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os assuntos abordados na ação educativa (N=27).....	114
Tabela 55	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a forma como os assuntos foram abordados na ação educativa (N=27).....	114
Tabela 56	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as questões de estudos aplicadas durante a ação educativa (N=27).....	115
Tabela 57	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a interação entre a pesquisadora e os discentes durante a ação educativa (N=27).	115
Tabela 58	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que favoreceram a realização da ação educativa (N=27).....	116
Tabela 59	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que dificultaram a realização da ação educativa (N=27).....	117
Tabela 60	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os motivos pelos quais consideram que a pesquisadora cumpriu seus objetivos durante a ação educativa (N=27).....	118
Tabela 61	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que contribuíram em sua formação como pedagogos durante a ação educativa (N=27).....	118
Tabela 62	Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre como pretendem abordar a temática dos acidentes infantis em sua atuação profissional (N=27).....	119

SUMÁRIO

	Página
1 APRESENTAÇÃO.....	13
2 INTRODUÇÃO.....	15
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	19
3.1 Acidentes infantis em escolares.....	19
3.2 Formação de professores e a prevenção de acidentes infantis.....	26
3.3 Análise do comportamento na Educação.....	33
4 MÉTODO.....	40
4.1 Ambiente.....	40
4.2 Participantes.....	41
4.3 Materiais.....	43
4.4 Procedimentos.....	44
4.4.1 Seleção dos participantes.....	44
4.4.2 Estudo piloto.....	45
4.4.3 Aplicação dos questionários.....	46
4.4.4 Elaboração da intervenção com os discentes no curso de Pedagogia.....	48
4.4.5 Intervenção com os discentes no curso de Pedagogia.....	49
4.4.6 Análise dos dados coletados.....	54
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	55
5.1 Conhecimentos e opiniões dos discentes de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo.....	55
5.2 Conhecimentos e opiniões dos discentes de Pedagogia de Universidade do interior paulista.....	74
5.3 Conhecimentos e opiniões dos professores dos dois cursos de Pedagogia	89
5.4 Análise da Estrutura Curricular dos dois Cursos de Pedagogia.....	91
5.5 Intervenção com discentes de Pedagogia.....	99
5.5.1 Primeiro encontro.....	100
5.5.2 Segundo encontro.....	102

5.5.3	Terceiro encontro.....	105
5.5.4	Avaliações dos discentes sobre a intervenção realizada.....	113
5.5.5	Avaliações da docente da turma sobre a intervenção realizada.....	120
6	CONCLUSÕES.....	122
	REFERÊNCIAS.....	126
	APÊNDICES.....	136

1 APRESENTAÇÃO

O interesse da autora pelo tema originou-se ainda durante os anos iniciais de graduação, quando obteve a oportunidade de atuar como bolsista PROEX no projeto de pesquisa e extensão intitulado “Ações educativas para prevenção de acidentes infantis: coleta de subsídios, elaboração de estratégias, aplicação e avaliação” (AEPAI), financiado inicialmente pelo CNPq no Edital 024/2004 e desenvolvido junto a outros membros do Grupo de Pesquisa “Educação e Acidentes” (EDACI), com coordenação da professora doutora Sandra Regina Gimenez-Paschoal.

Tomando por base o contexto de atividades como bolsista, foi realizado o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia (VILAS BÔAS, 2010), com o objetivo de coletar subsídios para elaboração de um material paradidático, aplicar e avaliar o material com escolares do Ensino Fundamental de uma cidade do interior paulista. Este estudo se ampliou e contribuiu para a realização do Mestrado em Educação (VILAS BÔAS, 2013), que teve como objetivo avaliar o efeito de dois procedimentos pedagógicos (jogo educativo e ação educativa com livro paradidático) na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de quedas acidentais infantis no ensino fundamental. No decorrer do mestrado, como parte das atividades de bolsista, houve o estágio de docência em uma disciplina da orientadora que tratava da Psicologia do Desenvolvimento e havia atividades teóricas e práticas dos graduandos, o que trouxe surpresas, pois na formação em pedagogia da autora tais atividades não haviam ocorrido experiências desta natureza em disciplina da graduação, bem como a forma que as atividades eram realizadas trouxe inspiração e motivação para também fazer algo similar acontecer em curso de Pedagogia. Esse contexto despertou o interesse da autora pelo envolvimento em outras duas disciplinas da orientadora, as quais também incluíam atividades de integração teórico prática. Os estudos realizados e o envolvimento em disciplinas de graduação indicaram a necessidade de trabalhar no ensino superior com a temática, na busca por enriquecer a formação dos estudantes de Pedagogia e fornecer subsídios para futura atuação no contexto da educação básica, surgindo assim o presente estudo.

Para este doutorado havia sido idealizado um planejamento preliminar mais amplo, visando num primeiro momento investigar a formação de graduandos de Pedagogia sobre a temática, tanto em universidades do país como do exterior, de modo a comparar os dados e obter subsídios para realizar uma ação educativa com universitários. Num segundo momento seria realizada atuação mais prática, no sentido de contribuir com universidades do país e oferecer oportunidades de trabalharem com o tema em sala de aula, uma vez que os futuros

pedagogos poderiam atuar no contexto da educação básica e representariam importantes disseminadores de conhecimentos, tanto para as crianças como entre seus familiares. Entretanto, o planejamento para fora do país não pode ser efetivado, em razão de inúmeras dificuldades, como a falta de bolsa de estudos para concretizar esta demanda, a despeito de inúmeras tentativas, e o trabalho como professora. Ou seja, os dois primeiros anos de doutorado, 2014 e 2015, foram conciliados com uma jornada de 32 horas semanais na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, como professora contratada atuante em salas de recursos multifuncionais, com deficientes intelectuais. No terceiro ano do doutorado, 2016, houve efetivação como professora de ensino fundamental na grande São Paulo, e acúmulo de cargo como professora bilíngue em uma instituição de educação infantil particular, com total de 50 horas semanais de trabalho. O presente trabalho, portanto, contempla as investigações que foram passíveis de serem conciliadas com o trabalho de professora.

No primeiro semestre do ano de 2015 foi realizado o estudo piloto e as coletas de dados definitivas do Estudo 1. No segundo semestre do mesmo ano foi realizado o Estudo 2. No ano de 2016 foi feita a redação do trabalho e a preparação para os exames de qualificação (no primeiro semestre) e defesa da tese (no segundo semestre).

As dificuldades para realizar o presente trabalho têm sido grandes, mas é maior o desejo em contribuir para a produção de conhecimento e para trabalhar em prol da disseminação de informações pertinentes à temática da prevenção de acidentes infantis no contexto da formação inicial de futuros professores da educação básica.

2 INTRODUÇÃO

Os acidentes infantis são problema de saúde pública mundial, resultando não apenas em agravos físicos e/ou psicológicos para as crianças, mas também sendo responsáveis por consideráveis gastos públicos.

A escola tem sido apontada como um local propício para disseminação de conhecimentos sobre a educação em saúde para os escolares, sendo que o professor desempenha papel de extrema relevância para a aprendizagem de conceitos que podem trazer implicações no repertório comportamental infantil. Além disso, as crianças adquirem conhecimentos que as permitem atuar como disseminadores de conhecimentos, na medida em que repassam informações àqueles que a cercam (CARDOSO; REIS; IERVOLINO, 2008).

No âmbito da educação das crianças de 0 a 6 anos, os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil estabelecem a importância da atenção à saúde, destacando a necessidade de que as práticas cotidianas assegurem a prevenção de acidentes, os cuidados com a higiene e uma alimentação saudável, buscando garantir as condições para um bom desenvolvimento infantil nessa faixa etária (BRASIL, 2006).

Os parâmetros curriculares nacionais (PCNs), bem como as atuais diretrizes da educação básica, trazem a importância de se trabalhar com a temática da prevenção de acidentes infantis no contexto do ensino fundamental, explicitando a necessidade de orientar as crianças sobre os fatores de risco e de segurança e oferecer um ambiente seguro (BRASIL, 1996; BRASIL, 2013).

De acordo com os PCNs, o objetivo de ensino da temática consiste em garantir que os alunos conheçam e tenham orientações de como prevenir os riscos de acidentes domésticos, escolares e acidentes ocorridos em outros lugares públicos, identificando adequadamente as situações de risco à integridade da saúde pessoal e de terceiros.

Além disso, os alunos deverão conhecer e utilizar medidas de primeiros socorros ao seu alcance.

Espera-se que sejam capazes de realizar procedimentos básicos de primeiros socorros em caso de pequenos acidentes, tais como: a higienização de ferimentos superficiais, o uso de compressas frias em caso de contusões, o controle de perda de sangue pelo nariz, etc. Ao final do segundo ciclo, o aluno deve ainda ser capaz de discernir problemas de maior gravidade, reconhecendo a necessidade de buscar auxílio de adultos e/ou profissionais de saúde (BRASIL, 1997, p. 81).

Com relação às diretrizes curriculares do curso de Pedagogia, não há algo específico quanto à temática da prevenção dos acidentes infantis ou acerca da educação em saúde de

forma geral, entretanto, as diretrizes preconizam que os cursos de formação inicial deverão promover o “conhecimento de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biopsicossocial” (BRASIL, 2006, p. 10). As diretrizes estabelecem ainda o desenvolvimento de ações que valorizem o trabalho coletivo, interdisciplinar e com intencionalidade pedagógica clara para o ensino e o processo de ensino-aprendizagem, atuando como “agentes interculturais para a valorização e o estudo de temas específicos relevantes” (BRASIL, 2006, p. 8).

A temática da prevenção dos acidentes infantis, entretanto, não somente é desejável no contexto da educação primária como é essencial que seja abordada durante a formação inicial de professores, de modo que eles possam adquirir os conhecimentos adequados sobre o tema e possam trabalhar curricularmente o assunto em sala de aula.

Para conhecimento a respeito dos trabalhos acadêmicos que poderiam tratar de temáticas semelhantes a esta pesquisa, foram realizadas buscas no banco de dados SCIELO e nos periódicos da CAPES. As palavras-chaves utilizadas foram: formação docente, Pedagogia, prevenção e acidentes infantis. Não foi aplicado filtro para a data de publicação dos artigos encontrados.

O Quadro 1 apresenta os resultados encontrados nas buscas.

Quadro 1 – Trabalhos encontrados de acordo com a busca por palavras-chaves e por bases de dados.

Palavras-chave	SCIELO	CAPES
Formação de professores	704	4.321
Formação de professores + prevenção	19	15
Formação de professores + prevenção + acidentes	2	4

Fonte: da própria autora.

Na base SCIELO, a busca pela formação de professores resultou na identificação de 704 artigos. Então, procurou-se identificar quais trabalhos abordavam a temática da prevenção, sendo que foram encontrados 19 artigos, dos quais apenas um abordava os acidentes, especificamente a implicação fonoaudiológica nos acidentes humanos.

Na base de dados da CAPES foram encontrados 4.321 artigos relacionados à formação de professores, sendo que 15 deles abordavam questões relacionadas à prevenção. A busca foi ainda delimitada por meio do descritor “acidentes infantis” no qual foram encontrados 4 artigos relacionados: ao conhecimento e instrumentalização de professores sobre o

desenvolvimento da fala, ações interdisciplinares sobre traumas dentários nos cursos de odontologia e educação física, violência e maus-tratos infantis.

A busca permitiu verificar ausência de estudos que contemplem a temática da prevenção de acidentes infantis no contexto da educação superior, especificamente nos cursos de Pedagogia.

Considerando as experiências e pesquisas da autora, bem como as informações da literatura, em especial apontando elevado número de mortes e de agravos à saúde causados pelos acidentes infantis e a escassez de estudos com essa temática em relação à formação de professores, foram realizados no presente trabalho dois Estudos, sendo o primeiro destinado a conhecer a formação e opinião de discentes e docentes do curso de Pedagogia e o segundo com a intenção de oferecer subsídios para a atuação profissional e contribuir na formação inicial dos futuros professores.

A hipótese da pesquisa do Estudo 1 é que os estudantes do curso de Pedagogia apresentam poucos conhecimentos sobre a temática dos acidentes infantis, bem como não indicam sugestões de atividades que envolvam o tema no contexto de sala de aula da educação básica. A hipótese de pesquisa do Estudo 2 é que ações educativas realizadas com estudantes de Pedagogia sobre a temática dos acidentes infantis podem contribuir para sua formação acadêmica, ampliando opiniões e conhecimentos e fornecendo subsídios para sugestões de atividades que podem vir a realizar futuramente enquanto professores da educação básica.

Nesse sentido, os objetivos gerais desse estudo foram caracterizar a temática da prevenção dos acidentes infantis na formação inicial de professores e contribuir para a inserção da abordagem do tema no curso de Pedagogia.

Os objetivos específicos do Estudo 1 foram: caracterizar conhecimentos e opiniões de discentes e docentes de cursos de Pedagogia em relação à temática dos acidentes infantis a partir de relatos, bem como conhecimentos da mesma natureza formalizados na estrutura curricular dos cursos. Os objetivos do Estudo 2 foram elaborar, aplicar e avaliar ação educativa com universitários do curso de Pedagogia sobre a temática da prevenção de acidentes infantis.

As descrições do presente trabalho encontram-se subdivididas em quatro partes: revisão de literatura, método, resultados e discussão e conclusões.

Na revisão de literatura será apresentada a temática dos acidentes infantis, enfocando os cinco tipos de acidentes mais frequentes entre os escolares, sendo eles: atropelamento, engasgamento, intoxicação, quedas e queimaduras (BRASIL, 2012). Também será abordada a

importância da educação como instrumento a favor da prevenção dos acidentes infantis bem como sobre a eficácia de programas de ensino no ensino superior, propiciando conhecimentos teóricos e práticos aos universitários do curso de Pedagogia.

O Estudo 1 configura-se como uma pesquisa descritiva. O Estudo 2 constitui um delineamento de tipo semiexperimental, com abordagem quantitativa e qualitativa.

Na parte referente ao método, está descrito o ambiente onde foi realizada a pesquisa, os participantes, os materiais utilizados, bem como os procedimentos adotados no decorrer de sua realização. Essa tese e a intervenção desenvolvida se fundamentam nos princípios da Análise do Comportamento.

Em seguida, são apresentados os resultados e as discussões deles decorrentes, revelando os aspectos identificados por meio de questionários aplicados com os discentes do curso de Pedagogia sobre seus conhecimentos e opiniões a respeito da temática e a análise da estrutura curricular do curso, assim como será descrita a elaboração, aplicação e avaliação da intervenção realizada em uma das turmas que fizeram parte do estudo de caracterização.

Espera-se que o presente estudo favoreça a inserção de conteúdo com a temática da prevenção de acidentes infantis curricularmente em cursos de Pedagogia e contribua na formação inicial dos professores que futuramente atuarão com a temática no contexto da educação básica.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura está dividida em três partes. A primeira aborda a temática dos acidentes infantis e os cinco principais acidentes que acometem as crianças em idade escolar, segundo a literatura, sendo eles: atropelamento, engasgo, intoxicação, quedas e queimaduras. A segunda parte contextualiza a temática no âmbito da educação e da formação de pedagogos sobre o tema. A terceira parte traz os princípios e contribuições da Análise Experimental do Comportamento para a educação.

3.1 Acidentes infantis em escolares

Os acidentes constituem causas constantes de atendimentos e de internações no Brasil, com elevada demanda nos serviços de saúde e gerando sofrimento para as vítimas e seus familiares (MARTINS; ANDRADE, 2005).

De acordo com o Ministério da Saúde, o conceito de acidente remete a um “[...] evento não intencional e evitável, causador de lesões físicas e/ou emocionais no âmbito doméstico ou nos outros ambientes sociais, como o do trabalho, do trânsito, da escola, de esportes e de lazer” (BRASIL, 2005, p. 8).

Ao longo dos últimos anos, portanto, o conceito da palavra “acidente” deixa de ser “interpretado como obra do destino ou do acaso, ou ainda como algo comum entre crianças menores de cinco anos” (ACKER; CARTANA, 2009, p. 65) e passa, então, a ser visto como um evento capaz de ser prevenido e evitado.

As lesões ocasionadas por causas externas matam mais de cinco milhões de pessoas, anualmente, em todo o mundo, o que representa cerca de 9% da mortalidade mundial. Causam também danos a outros milhões de sobreviventes, gerando hospitalizações, bem como atendimentos ambulatoriais e de emergência (WHO, 2012).

Além dos custos financeiros, as consequências dos acidentes podem ser sequelas físicas, incapacidades permanentes e temporárias, bem como dificuldades emocionais à própria vítima (HARADA et al., 2000; BRASIL, 2005).

Dados do Ministério da Saúde mostram que as causas externas vitimaram aproximadamente 145 mil pessoas no Brasil no ano de 2011, correspondendo à terceira maior causa de morte no país (12% do total), e foram responsáveis por cerca de um milhão de internações (aproximadamente 9% do total), sendo a quinta causa de internações no Sistema

Único de Saúde (SUS). Isso sem contar o número de vítimas que não necessitou de internação ou sequer utilizou o sistema de saúde (BRASIL, 2011).

No ano de 2009 foram realizadas 883.472 internações no Sistema Único de Saúde (SUS) por causas externas, com um custo total de aproximadamente 860 milhões de reais, representando cerca de 8,0% do total de internações e ocupando o quinto lugar entre as causas de internação. No tocante aos menores de dez anos, no mesmo ano foram internadas 90.258 crianças por causas externas, com taxa de internação de 27,4 por 10 mil habitantes (ANDRADE et al., 2012).

Estudos apontam que crianças menores sofrem mais os acidentes de queimaduras, afogamentos, quedas e intoxicações, sendo que as crianças maiores sofrem mais atropelamentos e quedas de bicicletas. Já os adolescentes estão mais sujeitos a afogamentos, traumas no trânsito e lesões por armas de fogo (MARTINS, 2006; BATALHA, 2016).

Martins e Andrade (2007) afirmam que os acidentes são mais comuns entre sujeitos do sexo masculino, devido às diferenças de comportamento de cada sexo e aos fatores culturais, no qual há uma maior liberdade aos meninos e maior cuidado com as meninas. As atividades de maior risco desenvolvidas pelos meninos seriam responsáveis por deixá-los mais expostos aos acidentes infantis.

Estudos epidemiológicos encontrados na literatura indicam a residência domiciliar como o principal local para a ocorrência de acidentes infantis, entretanto, os mesmos ocorrem em outros ambientes, inclusive a própria escola (ANDRADE et al., 2009; MEDINA-GOMEZ, 2015).

Sena, Ricas e Viana (2008) afirmam que o ambiente escolar é um lugar propício a acidentes devido ao grande número de crianças que nele se encontra, interagindo e desenvolvendo as mais diversas atividades motoras e esportivas. O tempo que as crianças passam na escola vem gradativamente aumentando com as transformações sociais da família e com a inserção crescente da mulher no mercado de trabalho.

Poucos foram os estudos encontrados na literatura que abordavam a ocorrência de acidentes no ambiente escolar. Diversos estudos apontam mediante a análise dos registros de ocorrências escolares, a falta de sistematicidade na notificação dos registros, uma vez que estes foram escritos por diferentes agentes escolares, tais como: auxiliar de escrita, vice-diretora e a própria diretora. Os autores apontam que os registros muitas vezes apenas relatavam o tipo de lesão ocorrida com a criança, bem como sua causa, sem que houvesse a informação acerca de quais foram os procedimentos adotados após o ocorrido, bem como

quais suas consequências para as crianças (CARVALHO, 2008; VILAS BÔAS, 2010; SCOTA, 2016).

Vilas Bôas (2010) identificou um fato relevante com relação às datas em que os registros foram notificados. No ano de 2007, período em que a diretora esteve afastada da escola em razão de uma licença gestante, foram registradas 157 notificações de ocorrência de acidentes no ambiente escolar. Nos anos de 2008 e 2009 foram registrados, respectivamente, apenas três e dois casos. Até o segundo semestre do ano de 2010, não havia sido registrado qualquer tipo de ocorrência. Nenhuma mudança no ambiente foi relatada para justificar a brusca redução das ocorrências de acidentes infantis.

Os dados encontrados no estudo de Vilas Bôas (2010) suscitaram a ideia de que a forma como são notificados esses registros pode também ser influenciada pela postura dos dirigentes da escola em relação à problemática dos acidentes infantis, bem como quanto à forma como sistematizam os fatos ocorridos na Unidade Escolar.

Nesse sentido, é importante pensar que os profissionais que atuam na escola, além de cumprirem o papel de disseminar conhecimentos, devem também estar atentos para garantir que a escola seja um ambiente seguro. Por meio da observação dos ambientes escolares, Scota (2016) percebeu que faltam nas instituições de ensino cuidados básicos para a prevenção dos acidentes, tais como: protetores de tomada, pisos antiderrapantes, armários trancados, etc.

Faz-se necessário que diretores e gestores da educação e em especial os professores, estejam sensibilizados com a temática, buscando evitar a ocorrência de acidentes infantis na escola e demais ambientes, pois, ainda são frequentes.

A seguir serão expostas informações relevantes de estudos encontrados na literatura nacional e internacional sobre os cinco tipos de acidentes mais frequentes entre os escolares (BATALHA, 2016), sendo eles: atropelamento, engasgamento, intoxicação, quedas e queimaduras.

Em relação aos acidentes de transportes, estes correspondem a 25% do total de acidentes. Estudos apontam um aumento de 40% dos índices até 2030, caso não sejam implementadas medidas eficientes de prevenção (SOUZA et al., 2007).

O trânsito no Brasil é apontado como um dos mais perigosos do mundo, sendo sua proporção relacionada a um acidente para cada lote de 410 veículos em circulação. Na Suíça, a relação é de um acidente para cada 21.400 veículos (BASTOS; ANDRADE; SOARES, 2005). “O Brasil está na 13ª posição no ranking mundial de mortalidade por acidentes de trânsito, com uma taxa de 23 óbitos por 100.000 habitantes, na faixa etária de 15 a 24 anos” (CARVALHO et al., 2005, p. 24).

Os fatores relacionados aos riscos de atropelamentos são: sexo masculino, faixa etária de 3 a 12 anos, residências sem quintal ou área para lazer, relação com a quantidade de ruas que a criança atravessa, consumo de álcool, classes sociais menos favorecidas (LAFLAMME; DIDERICHSEN, 2000; LASCALA; GRUENEWALD; JOHNSON, 2004).

Quanto à prevenção dos atropelamentos, as principais orientações consistem em evitar que crianças menores de 10 anos andem nas ruas sem o acompanhamento de um adulto e que tenham orientações sobre o comportamento adequado de um pedestre. Assim, percebe-se a relevância do papel da escola para disseminar conhecimentos não somente entre os alunos, mas para a comunidade em geral, quanto aos fatores de risco e de segurança que podem contribuir para a diminuição da ocorrência dos acidentes infantis.

Em relação aos acidentes por engasgamento, segundo Rovin e Rodgers (2000), as crianças mais novas correm o maior risco de aspiração de corpo estranho acidental. Esse aumento da incidência tem sido atribuído a vários fatores entre as crianças mais jovens, incluindo que: têm a tendência para colocar pequenos objetos na boca e não tem ainda os molares que permitem mastigar certos alimentos adequadamente. A maioria dos Estudos mostram que menos de 15% das aspirações de corpo estranho ocorre entre as crianças com mais de 5 anos de idade. Meninos compreendem mais de 50% de todos os casos de aspiração de corpo estranho.

Os engasgos são mais frequentes entre lactentes e crianças nos primeiros anos de vida. Na última década, crianças menores de 5 anos representavam 84% dos casos de engasgo, a sendo quase 73% deles ocorridos nos primeiros três anos de vida. O sexo masculino prepondera sobre o feminino, numa relação de 2:1 (TORO et al., 2000).

Bittencourt e Camargos (2002) apontam que aspectos socioeconômicos são apontados como um dos fatores de risco de acordo com a literatura internacional médica, devido ao recebimento de alimentos inapropriados para a idade, indicando provavelmente uma falta de orientação para a prevenção de tais acidentes.

A relação entre os fatores sociais e a ocorrência de acidentes infantis deveria ser mais estudada por meio de estudos empíricos, entretanto, parece consensual que à medida que as pessoas têm conhecimentos sobre os fatores de risco que os circundam passam a observar com mais atenção o ambiente ao seu redor.

Scota (2016) verificou que após a realização de ações educativas com professoras da educação infantil de uma instituição municipal de ensino na cidade de Bauru, houve o envolvimento das participantes em ações de mudanças no ambiente escolar no sentido de aumentar a segurança e diminuir os riscos para acidentes, bem como pelo menos uma das

professoras realizou atuação com responsáveis pelos escolares, voltadas para a prevenção de acidentes domésticos, no sentido de promoverem ambientes seguros para o desenvolvimento das crianças (na escola e no ambiente doméstico).

Com relação aos cuidados para a prevenção do engasgamento as principais orientações consistem em não oferecer alimentos sólidos ou líquidos enquanto a criança estiver deitada e ter atenção especial com alimentos, tais como: pipoca, cereja, milho, uva, balas duras e grandes, dentre outros.

No que se refere aos acidentes por intoxicação, Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) apontam a ocorrência de 111.362 casos de intoxicação no Brasil em 2007, sendo 39.878 casos na faixa etária de zero a 14 anos, representando 35,87% do total das intoxicações (BRASIL, 2007).

Segundo Martins, Andrade e Paiva (2006), o ambiente doméstico possui diversas situações e comportamentos de risco para as intoxicações:

No dormitório, a criança pode encontrar remédios, perfumes, cosméticos, entre outros; no banheiro, a existência de produtos de higiene e de limpeza favorece a ocorrência de casos acidentais de envenenamento; na cozinha, a criança depara, com facilidade, com sabão, detergente, produtos de limpeza, bebidas alcoólicas e outros; na área de serviço, as ceras, solventes, inseticidas, raticidas, álcool, fertilizantes, alvejantes, entre outros produtos, constituem um verdadeiro arsenal para intoxicações acidentais. (MARTINS; ANDRADE; PAIVA, p. 412).

Aleixo e Itinose (2008) identificaram que a maioria dos casos de intoxicação infantil estava relacionada com o armazenamento incorreto das substâncias, com a idade das crianças com características próprias como curiosidade, imitação de procedimentos realizados por adultos, entre outras.

Dados similares foram encontrados nos estudos de Tavares et al. (2013), que evidenciaram como fatores associados à intoxicação infantil o sexo masculino e a faixa etária entre zero e quatro anos; como fator predisponente, a residência, em que a presença do adulto no momento do acidente não impediu a ocorrência da intoxicação; e entre os fatores desencadeantes o acesso facilitado a medicamentos e a via de exposição oral. Considerando a intoxicação infantil um agravo evitável, os autores apontam o foco para atitudes de prevenção, com orientações sobre acondicionamento de agentes tóxicos, vigilância das famílias com conscientização dos riscos do ambiente doméstico, bem como apoio estatal, com implantação de embalagem de proteção à criança, com tampa inviolável e disponibilização de doses fracionadas para acabar com as “farmácias caseiras”.

Os principais cuidados a serem tomados para evitar a ocorrência das intoxicações são: 1) manter os medicamentos em lugares trancados e fora do alcance das crianças, 2) nunca armazenar produtos de limpeza em lugares de fácil acesso à criança, 3) armazenar alimentos em locais separados dos produtos de limpeza e venenos.

Entre os acidentes infantis, as quedas têm sido apontadas por vários autores como o tipo de acidente mais frequente, sendo a principal causa de atendimento hospitalar e de internação (FILOCOMO et al., 2002; BALLESTEROS, 2003; MARTINS; ANDRADE, 2010).

Além dos custos sociais, econômicos e emocionais, as quedas são responsáveis por grande parte dos traumatismos não fatais, como por exemplo, déficits neurológicos decorrentes de traumatismos cranioencefálicos, vitimando crianças e adolescentes em plena fase de crescimento e desenvolvimento (HAMLEY et al., 2002; MARTINS; ANDRADE, 2010).

Filócomo et al. (2002) realizaram um estudo no qual identificaram os acidentes na infância registrados em um pronto socorro infantil que atende pacientes de diversas localidades do município de São Paulo. Os dados indicaram que a faixa etária mais atingida foi entre 7 a 11 anos, sendo 56,1% do sexo masculino e 43,9% feminino, e que as quedas foram os tipos de acidentes mais frequentes (46,9%). O autor verificou ainda que dentre o total de quedas, 60,9% foram decorrentes de queda da própria altura e 39,1% de outros lugares, como: cama (13,5%), bicicleta (12,3%), escada (9,2%), cadeira (6,1%), muro (6,1%) e outros.

Em 2004, na faixa etária de 0-19 anos, o SUS internou, devido a quedas, 96.162 crianças e jovens. Na faixa de 5-9 anos, foram 29.883 internações (o que correspondeu a 31,1% das internações gerais), já entre 10-14 anos, foram 26.505 internações (27,6%). Em Minas Gerais, 11.270 autorizações de internações hospitalares (AIH) foram pagas devido à internação por queda na faixa etária de 0-19 anos, ou seja, 11,7% do total brasileiro (SENA, 2006).

Waksman e Gikas (2003) informam que as lesões mais frequentes decorrentes das quedas são as lacerações (cortes) e as fraturas, sendo que os traumatismos cranioencefálicos contribuem para a maioria das mortes. Os autores afirmam ainda que dentre as principais estratégias para prevenir a ocorrência dos acidentes, destacam-se: sensibilização para promoção de proteção automática por meio de produtos seguros, motivação para mudanças de comportamento individuais por meio de leis ou normas administrativas e orientação às pessoas em risco para alterar seu comportamento e melhorar sua proteção, objetivando a

conscientização das pessoas para evitar os fatores de risco e promover os fatores de segurança.

O uso de equipamentos de segurança, tais como a cotoveleira e a joelheira, são essenciais na prática de esportes e podem prevenir que a criança se machuque em quedas de bicicletas e/ou patins. A supervisão de um adulto durante as brincadeiras também é de suma importância para a prevenção de quedas acidentais infantis.

As queimaduras também estão entre os principais acidentes infantis, sendo a quarta causa de morte a sétima em admissão hospitalar (WILLIS et al., 2007). Além disso, são consideradas mundialmente como um dos principais problemas de saúde pública, sendo consideravelmente elevados os casos de mortalidade devido a sua ocorrência (BRITO et al., 2010). Quando não levam à morte, podem ocasionar sequelas graves, tais como limitações funcionais, psicológicas e de ordem social (SILVA et al., 2010).

Leão et al. (2011, p. 573) definem as queimaduras como “[...] lesões aos tecidos orgânicos causadas por agentes externos, com destruição do revestimento epitelial”. Os autores identificaram o perfil epidemiológico das queimaduras no maior centro de queimados da América Latina, localizado no estado de Belo Horizonte e constataram que a maioria dos pacientes internados era do sexo masculino (62,5%), com média de idade de 29 anos, sendo 66% provenientes de Belo Horizonte e 34%, do interior ou de outros estados. O álcool foi o agente etiológico mais frequente (34,4%), o causador das queimaduras mais extensas (média de 28% de superfície corporal queimada) e o maior responsável pelos óbitos (52,7%). Quanto à intencionalidade, 79% foram queimaduras acidentais, seguidas pelas tentativas de autoextermínio (12%) e agressão (9%). A média do tempo de internação foi de 23,5 dias, com taxa de mortalidade de 16,3%, que vem caindo progressivamente.

Dados do *National Burn Repository* revelaram que, dentre as queimaduras ocorridas entre 1995 e 2005, mais de 6 mil foram em crianças com menos de 2 anos de idade, 2.987 em crianças entre 2 anos e 4 anos de idade, e mais de 3 mil naquelas com mais de 5 anos de idade (RING, 2007).

De acordo com Viana et al. (2009), estima-se que no Brasil ocorram cerca de um milhão de acidentes por queimaduras anualmente, dos quais apenas 200.000 pacientes buscam assistência hospitalar, evidenciando, portanto, a ocorrência de uma subnotificação nacional sobre o número de vítimas.

Aragão et al. (2012) investigaram o perfil epidemiológico de crianças com menos de 12 anos de idade, atendidas na Unidade de Tratamento de Queimados do Hospital de Urgência de Sergipe e identificaram que, dentre as crianças vítimas de queimaduras, a faixa

etária de 1 ano a 3 anos é a mais frequente, sendo o líquido aquecido o principal agente responsável pelas queimaduras. As regiões de tórax e membro superior foram as mais atingidas, predominando as queimaduras de segundo grau.

Fernandes et al. (2012) verificou também que a maioria das crianças e adolescentes vítimas de queimaduras em um hospital no Nordeste brasileiro compõe-se de lactentes (37%), pré-escolares (33,2%) e do gênero masculino (54%). Os eventos ocorreram, principalmente, no domicílio (85,5%), acidentalmente (90%) e por escaldamento (69,6%). Predominaram as queimaduras de 2º grau, em 62,6% dos casos, e aproximadamente 24,2% da amostra evoluíram com complicações secundárias, sendo a infecção a mais comum (12,1%). Os autores apontam a necessidade em intensificar programas educativos nas escolas, nos centros comunitários e meios de comunicação, já que grande parte dos acidentes ocorreu no ambiente doméstico e poderiam ter sido evitados.

A relação entre a ocorrência de acidentes infantis e as questões sociais tem sido bastante discutida. O acesso das crianças aos fatores de risco, tais como, manuseio do fogão e/ou produtos inflamáveis parece ser mais comum nas camadas menos favorecidas, nas quais a criança permanece muitas vezes em casa sem a supervisão de um adulto, quando os pais trabalham fora. Além disso, Medina-Gomez (2015) realizou um estudo descritivo de tipo transversal no período de agosto de 2009 a julho de 2010 e identificou uma relação entre a escolaridade dos pais com os acidentes nas crianças, indicando a necessidade em reforçar as medidas preventivas no lar para evitar acidentes nas crianças.

Evitar que a criança entre na cozinha, manter as panelas com o cabo voltado para dentro do fogão, evitar o uso de toalhas cumpridas que pode ser puxadas pelas crianças pequenas e possibilitando que líquidos quentes caiam sobre elas, manter produtos inflamáveis longe do alcance das crianças, cuidados com o contato das crianças com eletrodomésticos e cuidados com a queimadura solar são alguns dos fatores de segurança que podem contribuir para a prevenção de queimaduras entre as crianças em idade escolar.

3.2 Formação de professores e a prevenção de acidentes infantis

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 20 de dezembro de 1996, estabelece como fins da educação o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Diversos autores apontam que as instituições de ensino têm sido consideradas como um dos locais mais propícios para a realização de trabalhos preventivos em relação aos

acidentes infantis (BLANK, 2002; WILLER et al., 2004; CARDOSO; REIS; IERVOLINO, 2008; OLIVEIRA, 2008; GONSALES, 2012; VILAS BOAS, 2013).

As diretrizes curriculares nacionais da educação básica retratam a relevância de programas e projetos com os quais a escola desenvolverá ações inovadoras sobre a prevenção dos fatores que vem ameaçando a saúde e o bem-estar, principalmente das juventudes. O foco de tais ações será na reeducação dos sujeitos vitimados, proporcionando experiências que permitam ações coletivas ou individuais que possibilitem um entendimento da importância de se cuidar de sua própria saúde e bem-estar (BRASIL, 2013).

A Secretaria Municipal da Saúde (SMS) e a Secretaria Municipal da Educação (SME) da cidade de São Paulo, em cumprimento à Lei 13.780, de fevereiro de 2004 (regulamentada pelo Decreto 45.986, de 16 de junho de 2005), instituiu o Programa de Atenção à Saúde do Escolar, com o objetivo de promover a saúde nas unidades escolares.

Dentre as principais ações coletivas a serem desenvolvidas nas escolas, destaca-se a prevenção de acidentes, tanto no ambiente escolar quanto no seu entorno, assim como os primeiros socorros que devem ser prestados às vítimas desses agravos. [...] para atingir tal objetivo, a Secretaria Municipal da Saúde realiza Cursos de Prevenção de Acidentes e Primeiros Socorros nas Escolas para os profissionais da educação, visando a preparação dos mesmos para o adequado enfrentamento de tais situações. (SECRETARIA DE SAÚDE – SP, 2007, p. 13).

No ano de 2009, o Ministério da Educação divulgou material em que constam os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil. De acordo com este material:

A atenção à saúde das crianças é um aspecto muito importante do trabalho em instituições de educação infantil. As práticas cotidianas precisam assegurar a prevenção de acidentes, os cuidados com a higiene e uma alimentação saudável, condições para um bom desenvolvimento infantil nessa faixa etária até seis anos de idade. (BRASIL, 2009, p. 48).

Castanho e Mancini (2016) afirmam que a implantação de programas em escolas públicas municipais de Ensino Fundamental em tempo Integral tem sido enfatizada nas políticas de governo atuais e tem como principal desafio o enfrentamento de vários problemas que se configuram no quadro da educação brasileira, tais como: rendimento escolar insatisfatório dos alunos, acesso à educação de qualidade e efetiva ampliação da responsabilidade da família e da comunidade na formação integral das crianças e jovens.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental estabelecem como objetivos gerais que o aluno aprenda a cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando

hábitos saudáveis. A temática dos acidentes infantis é abordada neste documento tanto do ponto de vista da aprendizagem de medidas de primeiros socorros ao alcance das crianças e das medidas práticas de prevenção como, afirmando a importância da disseminação de informações (BRASIL, 1997).

Embora haja a preocupação de se abordar o tema com o componente curricular no ensino fundamental, Carvalho (2008) verificou o conteúdo dos livros didáticos de ciências quanto ao tema e identificou que a literatura utilizada em sala de aula contribui pouco para a abordagem do tema com os alunos. O tema fica restrito apenas a matéria Ciências, com ausência do tema em diversas séries e, quando presentes, estão localizados nos finais dos livros na maioria dos textos. O autor sugere a realização de mais estudos sobre este aspecto, pois, apesar de contemplados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a prevenção de acidentes e a promoção de saúde parecem ainda não estarem adequadamente apresentadas pelos livros didáticos.

Segundo Vieira et. al. (2005, p. 79):

A escola constitui-se um espaço ideal para fortalecer a implantação de “sementes” preventivas em relação aos acidentes com crianças e adolescentes. Embora a maioria dos acidentes com crianças seja no ambiente doméstico, a escola tem papel fundamental na conscientização da criança quanto aos riscos que permeiam o domicílio e os mecanismos de evitá-lo.

De acordo com Oliveira (2003), as ações educativas para a prevenção de acidentes infantis deveriam ser frequentes dentro do contexto escolar, pois sua função consiste em incentivar a construção de atitudes seguras pelas próprias crianças. E, por meio das aprendizagens adquiridas, as crianças poderiam se constituir enquanto multiplicadores de informações, estendendo aos pais e demais colegas os conhecimentos adquiridos durante o período em que permanecem na unidade educacional. Para a autora, é necessário propiciar aos escolares conhecimentos sobre a promoção de saúde no âmbito escolar, tendo em vista sua relevância para a vida cotidiana dos alunos.

Tendo em vista o panorama atual de educação, que estabelece as escolas de tempo integral, percebe-se que os momentos que as crianças permanecem em oficinas extracurriculares poderiam ser utilizados também para a realização de eventos nos quais elas teriam acesso a conhecimentos e orientações sobre a temática dos acidentes infantis. As escolas anseiam pela parceria entre Universidade e comunidade com ações efetivas e significativas para todos os agentes educacionais. Assim sendo, o profissional da educação é relevante para a transmissão de conhecimentos sobre a temática.

Cardoso, Reis e Iervolino (2008) caracterizam o professor como sendo uma importante referência para os alunos, tendo a oportunidade de estimular a compreensão e a adoção de hábitos saudáveis, auxiliando o aluno a observar corretamente o ambiente, quer seja escolar ou domiciliar, de modo que os alunos sejam capazes de perceber os riscos que os circundam para proteger não somente sua saúde como também de seus familiares.

Neste sentido, para que uma educação em saúde de qualidade seja implantada no interior das escolas, é necessário que o professor esteja preparado também para atuar com o tema da prevenção de acidentes em sala de aula, o que pressupõe a formação de educadores na interface educação e saúde.

As diretrizes curriculares nacionais do curso de Pedagogia preconizam que os estudantes trabalharão com um repertório de informações e habilidades que incluem conhecimentos teóricos e práticos, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética, estando aptos a compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos. Deverão ainda fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do ensino fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões física, psicológica, intelectual, social, entre outras, estabelecendo um trabalho em equipe e dialógico entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento (BRASIL, 2006).

Leonello e L'Abbate (2006) investigaram por meio de uma pesquisa descritiva, o modo como a Educação em Saúde tem sido abordada no currículo de graduação em Pedagogia de uma universidade estadual paulista. A investigação foi dividida em duas etapas: a primeira analisa o currículo do curso e a segunda, a compreensão dos estudantes de Pedagogia sobre o tema, por intermédio de respostas a um questionário. Em relação ao currículo, observou-se que duas, das 73 disciplinas analisadas, trabalham de modo explícito a Educação em Saúde na escola. As respostas dos alunos revelaram que 65% dos respondentes não percebem esta abordagem no currículo, porém, 85% consideram a atuação do pedagogo indispensável para o desenvolvimento do tema no ambiente escolar. Os autores concluem ser fundamental que o currículo do pedagogo contemple, criticamente, a temática da Educação em Saúde, dada sua relevância para a vida e para a cidadania dos escolares.

Nesse sentido, torna-se relevante a inserção curricular do tema para subsidiar a formação de futuros professores, que não somente sejam transmissores dos conhecimentos historicamente acumulados, mas que atuem de modo efetivo para garantir a formação de cidadãos conscientes e que sejam capazes de aplicar os conhecimentos adquiridos em seu

cotidiano. Para que o tema seja abordado em sala de aula é necessário que o professor esteja apto a ensinar e trabalhar com o tema.

Carvalho (2008) afirma que não se pode cobrar que os professores realizem atividades de promoção de saúde se eles não recebem informação adequada durante sua formação.

A formação dos pedagogos quanto ao tema foi avaliada no estudo de Fernandes, Rocha e Souza (2005) no qual os autores aplicaram questionários com 45 professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental e verificaram que 77,7% dos professores responderam que estudaram conteúdos sobre saúde em sua formação para docência e os outros 22,2% responderam não terem recebido qualquer tipo de informação. Dentre aqueles que estudaram sobre o tema, 65,7% acharam satisfatório o estudo e 26,6% não o consideraram satisfatório. Destes últimos, 50% argumentaram que as informações eram trabalhadas de maneira superficial, justificando assim suas respostas.

Quando os participantes foram questionados sobre sua preparação para trabalhar com o tema transversal saúde no ambiente escolar, 60% responderam que se sentiam preparados e 40% que não se sentiam prontos para o desenvolvimento desses conteúdos. As justificativas apresentadas foram: falta do conhecimento mais profundo sobre a saúde (68,38%) e a falta de material didático adequado (27,27%). Os autores indicaram ainda, que os entrevistados afirmavam que os profissionais da saúde deveriam dar subsídios às práticas de saúde desenvolvidas na escola (FERNANDES; ROCHA; SOUZA, 2005).

O estudo anteriormente citado aponta, portanto, a necessidade do envolvimento interdisciplinar no contexto escolar, com o intuito de propiciar dentro da escola vivências que possibilitem a apropriação de conhecimentos de forma efetiva pelos alunos. Esse trabalho permite ainda a troca de saberes entre profissionais de diferentes áreas, contribuindo para uma educação de qualidade.

No trabalho de Santos e Bógus (2007), aproximadamente 60% dos profissionais da educação participantes indicaram que a educação em saúde faz parte do cotidiano do aluno e do planejamento da escola, porém, atribuíram o conceito de saúde aspectos assistenciais e de higiene, sendo que a temáticas específicas de saúde não foram relatadas. Demonstraram também uma visão reduzida quanto às ações de saúde, relacionando-os à execução e não ao planejamento dessas ações. Os autores concluem que para uma escola trilhar os caminhos da Promoção da Saúde, o conhecimento e o envolvimento com a realidade local são fundamentais, aliados a uma boa formação profissional, com cursos de graduação, especialização e pós-graduação, de capacitação profissional, que mantenham uma regularidade e possam ser também planejados e ofertados pelos órgãos públicos.

Os autores permitem refletir sobre a necessidade de uma formação adequada para o trabalho com a temática da saúde, uma vez que se torna necessário o embasamento teórico que subsidiará a futura prática profissional docente.

A necessidade de formação inicial e continuada com os professores foi identificada também no estudo de Corrêa e Braga (2003) que visava investigar ações educativas voltadas à sexualidade em uma escola pública de uma pequena cidade do interior paulista e as sugestões apontadas pelos professores e alunos para a viabilização de ações voltadas à realidade escolar. Foram utilizados questionários e registros de ocorrências para a coleta de dados junto a professores e alunos. Os resultados indicaram que a abordagem dos assuntos relativos à educação sexual está condicionada ao currículo de matérias específicas e vinculada à figura do professor, sendo realizada de maneira assistemática e descontínua, distante das proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais. As autoras identificaram a necessidade de programas de intervenção dirigidos primeiramente à capacitação de professores e, em seguida, à promoção da saúde de alunos, focando-se conteúdos e habilidades envolvidos no comportamento sexual saudável.

Na medida em que os professores recebem informações e subsídios para a atuação em sala de aula, trabalhos com a temática podem vir a ser realizados de modo mais efetivo no contexto escolar.

Gienez-Paschoal et al. (2010) investigaram junto a 24 professores da rede municipal de ensino fundamental de uma cidade localizada no interior paulista, quais atividades foram realizadas e aquelas que ainda pretendiam realizar após a participação em uma oficina voltada para a prevenção de acidentes infantis e a distribuição de cartilhas educativas sobre a temática. Por meio de entrevistas, verificou-se que todos os participantes disseram ter realizado atividades com os alunos envolvendo a prevenção dos acidentes infantis, sendo desenvolvidas, principalmente, atividades orais (9,8%), atividades escritas e de produção de textos (8,9%), desenhos (7,3%), dentre outras. Os principais assuntos abordados nas atividades foram relacionados à questão da segurança e da violência (14,8%), queimadura (14,1%) e intoxicação (11,3%). Quanto à perspectiva de realização futura das atividades, constatou-se que metade dos professores pretendia realizá-las, as quais envolveriam a queimadura (17,2%) e a prevenção de acidentes domésticos (13,8%).

Diante do exposto, seria necessário que os estudantes do curso de Pedagogia, enquanto sujeitos em formação para atuarem na educação básica, recebessem informações sobre o assunto e que durante sua formação acadêmica fossem preparados para realizar tais atividades. A inserção de uma disciplina específica sobre questões de saúde ou a abordagem

do tema em alguma disciplina do curso seria relevante para oferecer subsídios teóricos e práticos sobre a temática.

Segundo Sena (2006), a escola deve realizar capacitações de seus educadores em relação a procedimentos de primeiros socorros e políticas públicas de saúde que devem ser implantadas na própria escola, as quais estabeleceriam o oferecimento de treinamento sistemático e formação dos professores em estratégias preventivas, o que poderia beneficiar a instituição e os alunos na prevenção dos acidentes. Segundo a autora, entre outros aspectos, observou-se que educadores ainda têm a concepção de fatalidade do acidente, apesar de surgir em alguns relatos a questão da prevenção.

Este aspecto também foi encontrado por Carvalho (2008), o qual indicou que professores e diretores tiveram dificuldade na conceituação dos acidentes, pois citaram exemplos desses agravos ao invés de relatar seu significado, além de referirem que estes não podem ser prevenidos ou evitados. Oliveira (2003) também encontrou que quase metade (10 dos 21) dos participantes de sua pesquisa (professores, diretores e funcionários de escolas) conceituou o acidente um evento inevitável, imprevisto ou imprevisível.

Da mesma forma, Gimenez-Paschoal et al. (2009) pesquisaram 64 professores e professores coordenadores sobre seu conceito de acidente infantil e os resultados demonstraram que os participantes concebem estes eventos fundamentados nas consequências físicas e uma pequena parcela (9,9%) reportou-se à previsibilidade dos acidentes infantis.

Gonsales (2012) afirma que a prevenção de acidentes infantis é tema preconizado para o ensino fundamental, porém, estudos que preparem sistematicamente os profissionais da educação para atuar com esta temática na escola não são frequentemente encontrados. Assim, investigou o envolvimento de professores com o tema acidente infantil, elaborando, aplicando e avaliando atividades de formação para professores para a inserção curricular do tema acidente infantil. Os dados de sua pesquisa indicaram que a atividade de formação elaborada e aplicada se mostra eficaz para ser realizada nas escolas e para ensinar a temática de prevenção dos acidentes aos professores.

Considerando a formação de professores, Zanotto indica que:

[...] a eficácia da educação no preparo de indivíduos competentes e autônomos para atuar nas variadas instâncias da realidade social está diretamente relacionada à sua eficácia em preparar, de modo especial, aqueles que nela permanecerão para exercer aquela função: os professores. O fundamental papel social da educação inviabiliza-se quando os agentes que nela atuam não conseguem exercer, com competência e autonomia, sua função de ensinar. (ZANOTTO, 2004, p. 37).

De modo geral, percebe-se a importância da educação em saúde e da realização de ações educativas com universitários com o intuito de subsidiar sua futura atuação enquanto professores da educação básica de ensino.

3.3 Análise do comportamento na Educação

A aplicação de princípios da Análise do Comportamento na área acadêmica é apresentada por Skinner nos mais de vinte e cinco artigos ou capítulos a respeito de Educação, com propostas para a melhoria do ensino por meio da aplicação de uma tecnologia produzida pela análise experimental do comportamento, com a qual podem ser desenvolvidos programas, esquemas e métodos de instrução (MAUAD; GUEDES; AZZI, 2004).

De acordo com Skinner, cabe ao professor explicitar os objetivos educacionais em termos comportamentais, sendo necessário que este tenha clareza daquilo que deseja ensinar aos alunos, de modo que esses objetivos direcionem para um planejamento e execução dos procedimentos de ensino, com a finalidade de não somente obter mudanças nos repertórios comportamentais, mas, sobretudo, para obter subsídios para avaliar os processos de ensino e de aprendizagem, permitindo uma análise de sua atuação docente (ZANOTTO, 2000).

Para Hayashi (2003) uma das mais relevantes finalidades da educação é promover a aprendizagem, alcançada por meio de planejamento de objetivos e métodos que deverão buscar metas propostas ao educando.

Zanotto (2000) afirma que:

Formar adequadamente um professor significa possibilitar a ele o domínio do conhecimento científico, isto é, dos saberes relativos às diferentes disciplinas que compõem o currículo escolar, de modo a que o professor adquira a competência necessária para ensinar a seus alunos aqueles conhecimentos atuais e relevantes que possibilitam uma ação eficaz na realidade. Significa, também, ensinar ao professor os princípios que permitem compreender, de modo rigoroso, o comportamento humano e os processos de ensino e aprendizagem, habilitando-o a planejar, executar e avaliar um plano eficiente de ensino. (ZANOTTO, 2000, p. 176).

Fornazari et. al. (2012) afirma ser importante que o professor saiba compreender e intervir sobre os comportamentos de seus alunos. Segundo ela, capacitar professores a intervir nos comportamentos parece fundamental para melhorar a qualidade das interações entre as pessoas.

Pereira, Marinotti e Luna (2004) também afirmam a relevância da formação dos professores para sua atuação profissional, tanto em relação ao domínio dos conteúdos que lecionam quanto para utilização de estratégias eficazes de ensino.

Para Skinner (1972), planejar o ensino pressupõe que o professor seja capaz de dispor contingência de ensino aos estudantes, respeitando seu ritmo próprio e sua história de vida, planejando o mesmo de forma a tornar a aprendizagem algo reforçador. Desse modo, de acordo com Kubo e Botomé (2001), os processos de ensinar e aprender são formados por um conjunto de vários comportamentos do professor relacionados a vários comportamentos do aluno, sendo que o comportamento de ensinar (do professor) depende do comportamento de aprender (do aluno).

Neste contexto, o professor executa funções específicas e tem responsabilidade no planejamento e execução do processo ensino-aprendizagem (RIBEIRO; RODRIGUES-ABREU, 2005). De acordo com De Rose (2005), para que o aluno tenha sucesso na aprendizagem, os repertórios a serem construídos ou fortalecidos devem ser analisados, identificando as habilidades dos aprendizes e os comportamentos que não dominam e ensinar esses comportamentos, avaliando constantemente os resultados de seus procedimentos. Nesta perspectiva, o estabelecimento de objetivos comportamentais para o ensino auxilia o educador, pois indica o que se deseja que o aprendiz tenha alcançado ao final de um treinamento (VARGAS, 1974).

Zanotto (2000) refere que o papel do educador poderia ser caracterizado como de planejador de contingências para o processo de ensino-aprendizagem, o que caracteriza tal processo como intencional, no sentido de que quem ensina o faz para que alguém aprenda alguma coisa de modo eficiente. Segundo a autora, o ensino formal quando é sistematicamente programado permite potencializar as mudanças comportamentais almejadas, as quais, se deixadas ocorrer naturalmente, podem ser muito lentas ou podem até mesmo não ocorrer.

Pereira, Marinotti e Luna (2004) destacam a importância de respeitar o ritmo de cada aluno, planejando atividades compatíveis com aquilo que ele já sabe. Neste sentido, os autores propõem princípios que podem subsidiar um planejamento de ensino, tais como: manter o aluno constantemente em atividades; prover consequências reforçadoras positivas para os comportamentos; evitar, ao máximo, consequências aversivas, pois estas podem gerar comportamentos de fuga/esquiva, além de gerar reações emocionais e inibir os comportamentos desejáveis, além de não instalar repertórios produtivos; priorizar

consequências naturais em relação às artificiais e, por fim, envolver o aluno ao máximo na avaliação de seu próprio desempenho.

Outro aspecto importante é a avaliação, que deveria constituir-se um instrumento auxiliador do professor. Funcionaria como um processo e indicaria o que de fato foi aprendido pelos estudantes, quais as melhorias ou dificuldades encontradas e as estratégias mais adequadas para ensinar. A avaliação também direcionaria o professor no planejamento do ensino, na retomada de conteúdos e no oferecimento de novas oportunidades aos alunos que não conseguiriam atingir uma aprendizagem significativa (ZANOTTO, 2000).

Luna, Abreu e Luna (2014) realizaram um estudo com o objetivo de analisar os procedimentos de pesquisas científicas envolvendo os princípios da Análise do Comportamento. A seleção das pesquisas para essa análise foi feita por meio de consulta ao currículo dos orientadores das pesquisas e do website das bibliotecas. Os resultados mostraram alguns princípios não contemplados, tais como a adequação dos procedimentos de treino aos repertórios prévios dos participantes, ao seu ritmo e aos passos necessários para o aprendizado. Dentre os princípios contemplados figuram a designação dos recursos, a promoção do responder constante e a apresentação de atividades de ensino.

A utilização de programas de ensino, segundo Cortegoso e Coser (2011, p. 13), tem por objetivo “[...] elaborar programas destinados a instalar comportamentos desejáveis nos aprendizes, como forma de atender a necessidades e problemas identificados.”. A identificação da situação problema parte justamente do conhecimento acerca do comportamento humano e possibilita a elaboração de programas de ensino desejados e/ou necessários. Por meio da análise que se faz sobre o evento observável, a situação problema passa a ter visibilidade e é passível de decisões e ações direcionadas ao processo de ensino aprendizagem (CORTEGOSO; COSER, 2011).

Em artigo que analisa os efeitos de uma programação de ensino em um curso superior, Juliano (2009) alerta para o conceito mais amplo da programação de ensino, que não se preocupa apenas com a metodologia, mas também com:

[...] o que deverá ser ensinado e, a partir daí, elaborar objetivos comportamentais de ensino, preparar material de ensino considerando a evolução do conteúdo a ser ensinado (identificando pré-requisitos e conceitos básicos), e similarmente ao PSI, planejar a apresentação do material de ensino e as atividades necessárias para que eles possam ser cobertos pelos estudantes, elaborar meios de avaliação para verificar se os objetivos estão sendo atingidos, levantando informações sobre o quão bem o aprendizado está ocorrendo e as dificuldades que os estudantes estão

encontrando no material, no curso, na avaliação e em relação ao conteúdo. (JULIANO, 2009, p. 26).

Cortegoso e Coser (2011) apresentam instruções para a elaboração de programas de ensino indicando que o ponto de partida é a definição do problema a ser resolvido e colocam questões que ajudam o professor a identificar: 1- se há necessidade de intervenção; 2- qual situação será resolvida com a intervenção; 3- que características apresentam; 4- para quem a situação implica em problema. Sendo o programa de ensino uma forma de desenvolver novos comportamentos nos aprendizes (ou aperfeiçoar, complementar, atualizar, corrigir seu repertório), é necessário indicar muito claramente “que comportamentos os aprendizes do programa não estão apresentando e deveriam e que comportamentos apresentam e não deveriam” (CORTEGOSO; COSER, p. 50). Nesse sentido, as autoras apontam que:

Planejar condições de ensino consiste em definir atividades que possivelmente irão permitir a melhor aprendizagem dos objetivos (do Programa de Ensino) propostos. Tais atividades deverão oferecer ao aprendiz oportunidades de desenvolver ou treinar habilidades para realizar um determinado objetivo. (CORTEGOSO; COSER, 2011, p. 167).

Diversos estudos vêm sendo realizados no âmbito do grupo de pesquisa “EDACI” (Educação e Acidentes Infantis) adotando uma perspectiva da análise do comportamento na educação superior inicial e também na formação continuada de professores da educação básica quanto à temática da prevenção de acidentes infantis (NASCIMENTO, 2006; NASCIMENTO 2010; GONSALES, 2012; PASQUALINI, 2012; KEPPLER, 2013). Apresentaremos a seguir, alguns desses estudos.

Nascimento (2006) investigou a formação fonoaudiológica em relação aos acidentes humanos a partir da análise de documentos (matrizes curriculares, ementas e programas das disciplinas e estágios) dos cursos de Fonoaudiologia. Participaram 52 professores e 92 estudantes de três faculdades públicas e três privadas do Estado de São Paulo. Os resultados indicaram que a utilização de aulas expositivas é o principal método de ensino, além de provas teóricas na avaliação do aprendizado, ao invés de uma participação mais ativa do estudante nas atividades da graduação e do professor como mediador neste processo. As ementas dos cursos apresentaram riqueza de conteúdos sobre aspectos morfológicos e funcionais da cabeça e pescoço, patologias fonoaudiológicas que podem ser causadas por agentes agressores externos, e também conteúdos sobre atenção primária à saúde. Essas

questões são relevantes e precisam ser enfatizadas, para que os alunos reconheçam a importância da prevenção de acidentes.

Nascimento (2010) verificou a possibilidade de inserção de ações de prevenção de acidentes humanos em disciplinas e estágio de curso de Fonoaudiologia, de forma complementar e/ou articulada aos procedimentos de ensino, investigando as opiniões dos discentes e docentes sobre as ações realizadas. Os resultados indicaram que os alunos consideraram importante a inserção das ações e que os docentes apresentaram interesse em dar continuidade às ações em grupo de pesquisa, disciplinas e estágios, contemplando conteúdos sobre quedas, queimaduras, atropelamento e intoxicação. A autora conclui que é possível desenvolver ações de prevenção de acidentes humanos em disciplinas e estágio de curso de Fonoaudiologia, de forma individual e em grupo, em unidades de saúde e de educação, sendo sugestivo para futuros planejamentos de atividades de ensino, pesquisa e extensão sobre prevenção de acidentes humanos em outros cursos de fonoaudiologia e/ou de áreas afins.

Pasqualini (2012) desenvolveu um estudo com a elaboração de objetos de aprendizagem sobre o tema “velocidade”, voltado à prevenção de acidentes de trânsito, na população universitária. Por meio da programação, aplicação e avaliação de objetos de aprendizagem junto a uma amostra total de 120 alunos dos cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Fonoaudiologia, a autora observou que houve aquisição significativa de informações, identificada nos resultados do pré em comparação com a aplicação feita no pós e no *follow-up*, obtendo-se, ainda, uma avaliação positiva por parte dos graduandos quanto à viabilidade das atividades de prevenção em ambientes universitários.

No trabalho de Gonsales (2012) foi investigado o envolvimento de duas professoras do quarto ano da rede municipal de Ensino Fundamental da cidade de Marília (SP) com o tema acidente infantil, bem como foi elaborada, aplicada e avaliada atividade de formação para professores para a inserção curricular do tema acidente infantil. A autora identificou que as docentes têm informação sobre o tema, envolvendo primeiros socorros, mas essa foi considerada insuficiente. A abordagem do tema nas suas aulas não é frequente e acontece de forma indireta. Durante a aplicação da atividade de formação as professoras fazem, principalmente, proposições de atividades envolvendo a prevenção dos acidentes infantis com os alunos, relacionando as informações do texto com seu cotidiano escolar e sua vida pessoal, relatando dúvidas e admiração por dados do material, sinalizando mudanças em seus comportamentos e de seus alunos. Além disso, indicam que os materiais trabalhados são adequados e de fácil entendimento. No decorrer da avaliação da atividade de formação,

observou-se que as professoras planejaram inserções curriculares da temática já durante a aplicação da atividade, utilizando informações e materiais fornecidos, além de busca em outras fontes, abordando aspectos teóricos do acidente, utilizando a temática para desenvolver conteúdos curriculares e envolvendo a participação dos pais na tarefa de casa dos alunos. A autora conclui que a atividade de formação elaborada e aplicada mostrou-se eficaz para ser realizada nas escolas e para ensinar a temática de prevenção dos acidentes aos professores, visando à inserção curricular desse tema.

Kepler (2014) elaborou, aplicou e avaliou o efeito de um programa de ensino nos conhecimentos a respeito da prevenção de acidentes infantis e na produção de materiais informativos referentes à temática, com 49 graduandos do curso de Design Gráfico de uma Instituição de Ensino Superior de uma cidade do Estado de São Paulo com aproximadamente 220 mil habitantes. O Programa de Ensino elaborado abrangeu um semestre letivo, com Questionário Inicial, sete textos de estudo, cinco questionários referentes aos textos, instruções para atividades e Questionário Final. Verificou-se que os participantes não recebem informações a respeito da temática na universidade; têm conhecimentos prévios; consideram a temática importante e veem relação da temática com as atividades profissionais da Área. Foram realizados 17 trabalhos de materiais informativos, como jogos (4), cartazes (3), cartilhas (3), livros (2) e folhetos (2), os quais versam a respeito da prevenção de queda (6), intoxicação (5), queimadura (3) e atropelamento (3), para crianças e pais/responsáveis. A autora conclui que o Programa de Ensino contribui para a aprendizagem dos graduandos de Design Gráfico a respeito da temática e da elaboração de materiais informativos, o qual pode ser utilizado com universitários da mesma Área e/ou de diferentes Áreas do Conhecimento.

Um sistema de ensino eficaz necessita de um trabalho maior quanto à preparação do professor. Na formação do educador há necessidade da análise das contingências que atuam sobre o seu comportamento e do planejamento da mudança, assim como a Educação do aluno deve ser estudada e planejada para ser eficaz (GIOIA; FONAI, 2007).

É possível garantir ao graduando informações relevantes por meio da inserção curricular (PASQUALINI, 2012), em especial as atividades que tenham como objetivo a prevenção de comportamentos de risco, como os acidentes, e que auxiliem na formação do futuro profissional. As ações de prevenção trabalham habilidades inerentes ao indivíduo e ao profissional e devem fazer parte da prática docente, não apenas na forma de ações isoladas, mas inseridas no currículo regular de ensino universitário, tanto no trabalho teórico, em sala de aula, quanto em aulas práticas, em estágios ou mesmo na execução de trabalhos de extensão (NASCIMENTO, 2010).

Segundo Sena, Ricas e Viana (2008), a implantação de uma política pública vinculada ao Ministério da Educação e Cultura e ao Ministério da Saúde que estabeleça a exigência de um treinamento sistemático e formação em estratégias preventivas poderá beneficiar as escolas e os alunos na prevenção dos acidentes.

Diante do exposto, optou-se por realizar um Programa de Ensino nesse trabalho, embasado na Análise do Comportamento, com a adoção de objetivos comportamentais definidos, passos sequenciais, abordagem de assuntos dos mais gerais para os mais específicos, avaliações contínuas, incluindo investigações iniciais, no percurso e finais e também em processo permanente de autoavaliação e de melhoria (BOTOMÉ, 2011; CORTEGOSO; COSER, 2011; NALE, 1998; PEREIRA; MARINOTTI; LUNA, 2004; TEIXEIRA, 2006; VARGAS, 1974; ZANOTTO, 2000).

Acredita-se que o tema da prevenção dos acidentes infantis seja relevante de ser trabalho na formação de graduandos do curso de Pedagogia, tendo em vista sua futura atuação na educação básica, podendo abordar futuramente o tema em sala de aula e contribuir para a mudança comportamental de seus alunos, reduzindo os números de vítimas que são acometidas pelos acidentes.

4 MÉTODO

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa pela Plataforma Brasil, tendo sido aprovado com o parecer de número 1.054.254/2015.

O Estudo 1 constitui-se como pesquisa não experimental. Caracteriza-se por uma pesquisa descritiva e de levantamento, em que os próprios participantes respondem questionários ou escalas sobre seus comportamentos (COZBY, 2003).

Segundo Gil (2008), as pesquisas descritivas visam principalmente descrever as características de determinada população, como sexo, idade, procedência, escolaridade, etc.; determinado fenômeno; ou estabelecer relações entre variáveis.

Já o Estudo 2 é um estudo do tipo semiexperimental com método misto, empregando a combinação de abordagens quantitativas e qualitativas (CRESWELL, 2010).

4.1 Ambiente

O Estudo 1 foi realizado em quatro salas de aula, sendo duas do terceiro ano do curso de Pedagogia (período noturno) de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo, em município com aproximadamente 220 mil habitantes, e duas do quinto ano do curso de Pedagogia (período noturno) de uma Universidade Pública da grande São Paulo.

O objetivo inicial do presente estudo consistia na identificação de aspectos da formação de universitários matriculados em instituições públicas e particulares de ensino, entretanto, não houve aceitação nas instituições particulares. Assim, definiu-se por trabalhar apenas com faculdades públicas e a escolha por uma Universidade na grande São Paulo e uma de uma cidade do interior deu-se em razão de permitir possível análise de diferenças entre capital e interior e serem amostras de conveniência, viabilizando a coleta de dados pela pesquisadora.

O Estudo 2 foi realizado em uma das turmas da Universidade Pública do Estado de São Paulo (turma C) e foi escolhida em razão de ter sido identificado maior interesse pelo tema e em receber formação acerca da temática pelos graduandos que participaram desse Estudo.

O estudo piloto foi realizado em uma sala de aula do terceiro ano (período matutino) no primeiro semestre de uma das Instituições onde se realizou a coleta definitiva dos dados, sendo que o estudo foi realizado apenas para adequação da coleta definitiva dos dados e, portanto, seus resultados não serão apresentados nesse estudo.

4.2 Participantes

No Estudo 1 participaram 96 discentes de quatro turmas do período noturno matriculados na disciplina de Metodologia e Ensino de Ciências. As turmas A e B eram compostas pelos graduandos da Universidade Pública da grande São Paulo, que tinham respectivamente, 19 e 35 discentes. Já as turmas C e D eram compostas pelos graduandos da Universidade Pública do Estado de São Paulo e tinham 17 e 25 discentes.

A disciplina de Metodologia e Ensino de Ciências foi escolhida tendo em vista os parâmetros curriculares nacionais que estabelecem que a temática dos acidentes infantis seja um tema transversal e deva ser abordada no currículo escolar, além disso, o documento aponta que a disciplina de ciências deve preocupar-se com os cuidados do corpo e o conteúdo da prevenção encontra-se presente nos livros didáticos nessa disciplina.

A Tabela 1 mostra as frequências e as porcentagens dos participantes em cada turma.

Tabela 1 – Frequência e porcentagem de discentes do Estudo 1 por turma, identificando sexo e média de idade (N=96).

Turmas	Participantes	Sexo				MI	DP
		Feminino		Masculino			
		f	%	f	%		
A	19	18	94,7	1	5,3	25,5	6,1
B	35	27	77,1	8	22,9	27,0	6,2
C	17	13	76,4	4	23,6	26,2	9,7
D	25	22	88,0	3	12,0	24,2	5,7
Total	96	80	83,3	16	16,7	25,7	6,8

Fonte: da própria autora.

Os participantes da turma A eram 94,7% do sexo feminino e 5,3% do sexo masculino, com média de 25,5 anos de idade. Os participantes da turma B eram 77,1% do sexo feminino e 22,9% do sexo masculino, com média de 27 anos de idade. Já os participantes da turma C eram 76,4% do sexo feminino e 23,6% do sexo masculino, com média de 26 anos. Os participantes da turma D eram 88% do sexo feminino e 12% do sexo masculino, com média de 24 anos de idade.

No Estudo 2, participaram 25 discentes matriculados na sala, sendo 20 do sexo feminino (80%) e 5 do sexo masculino (20%).

Foi investigada a profissão dos discentes dos cursos de Pedagogia, divididos entre os universitários de cada cidade, conforme constam nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 2 – Frequência e porcentagem das profissões dos discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia (N=54).

Profissão	Turma A		Turma B	
	f	%	f	%
PEB I	6	31,5	8	22,9
Estudante	4	22	8	22,9
Estagiário(a) de Pedagogia	2	10,5	11	31,5
Auxiliar do ensino fundamental	2	10,5	-	-
Ator	1	5,1	-	-
Assistente de sala de aula	1	5,1	1	2,8
Assistente de eventos	1	5,1	-	-
Educadora social	1	5,1	-	-
Cientista social	1	5,1	-	-
Não respostas	-	-	2	5,9
PEB II	-	-	2	5,9
Orientadora de estudo	-	-	1	2,8
Jornalista	-	-	1	2,8
Fisioterapeuta	-	-	1	2,8
TOTAL	19	100	35	100

Fonte: da própria autora.

A Tabela 3 mostra os dados dos participantes das turmas C e D.

Percebe-se que 31,5% dos discentes da turma A e 22,9% dos discentes da turma B são professores. Já entre os universitários do Estado de São Paulo, 47% dos discentes da turma C e 44% dos discentes da turma D são estagiários.

Tabela 3 – Frequência e porcentagem das profissões dos discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia (N=42).

Profissão	Turma C		Turma D	
	f	%	f	%
Estagiário (a)	8	47,0	11	44,0
Estudante	4	23,5	4	16,0
Professor de História	1	5,7	-	-
Assistente de sala de aula	1	5,7	-	-
Funcionária pública	1	5,7	-	-
Chaveiro	1	5,7	-	-
Não respostas	1	5,7	3	12,0
Professora	-	-	2	8,0
Bolsista	-	-	1	4,0
Auxiliar de serviços gerais na Prefeitura	-	-	1	4,0
Babá	-	-	1	4,0
Escriturária	-	-	1	4,0
Secretária	-	-	1	4,0
TOTAL	17	100	25	100

Fonte: da própria autora.

Participaram ainda, três docentes que ministravam a disciplina em questão, sendo um da Universidade do interior paulista e dois que atuavam na Universidade alocada na grande São Paulo.

O professor da turma A tinha 53 anos e era graduado em física, com Mestrado em ensino de Ciências e Doutorado em História das Ciências. Possuía dois pós-doutorados, sendo um realizado em Barcelona e o outro nos Estados Unidos, além da livre docência concluída pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. O professor atuava na Instituição há 13 anos.

A professora da turma B tinha 37 anos e graduação em física, com Mestrado em ensino de Ciências e Doutorado em Educação. A professora atuava na Universidade alocada na grande São Paulo há 6 anos.

A professora da Universidade do interior paulista ministrava aulas tanto para a turma C quanto para a turma D, tinha 35 anos e graduação em ciências biológicas, com Mestrado em Imunologia Básica e Aplicada e Doutorado em Educação. A professora havia acabado de ingressar na Universidade, atuando há uma semana no ensino superior e tendo defendido sua tese de doutorado há 6 meses.

4.3 Materiais

Para a realização da coleta de dados foram utilizados materiais impressos pré-elaborados, os quais serão descritos a seguir:

- a. Termos de consentimento para graduandos (APÊNDICE A) e professores do Curso de Pedagogia (APÊNDICE B);
- b. Questionários para discentes (APÊNDICE C) e para professores (APÊNDICE D);
- c. Apostila de Estudos sobre a temática que foi apresentada aos discentes (APÊNDICE E), contendo: folha de instrução, plano de ensino com os objetivos gerais e específicos e conteúdos a serem desenvolvidos a cada encontro do Programa de Ensino e suas formas de avaliação, cronograma de aulas e os conteúdos divididos em quatro encontros, abordando: os tipos de acidentes, sua prevenção, os primeiros socorros, as legislações sobre a temática e sugestões de atividades práticas para abordar o tema em sala de aula no

contexto da educação infantil e do ensino fundamental. Os conteúdos da apostila foram transmitidos aos discentes por meio de slides e apresentação em *datashow*;

- d. Questões de Estudos referentes aos dois primeiros encontros do Programa de Ensino sobre prevenção de acidentes infantis (APÊNDICES F e G): o questionário era composto por 8 questões de múltipla escolha sobre os conceitos abordados nos encontros e duas questões dissertativas nas quais os discentes deveriam indicar os aspectos positivos e negativos quanto ao preenchimento do questionário;
- e. Questões de Estudo referentes ao terceiro encontro (APÊNDICE H): o questionário era composto por 10 questões dissertativas no qual os discentes deveriam especificar um plano de ensino para trabalhar a temática da prevenção dos acidentes infantis, seja na educação infantil ou no ensino fundamental. Continha ainda questões relacionadas aos aspectos positivos e negativos quanto ao preenchimento do questionário e seus comentários e/ou sugestões;
- f. Questionário de avaliação da intervenção para os discentes do curso de Pedagogia (APÊNDICE I) e questionário de avaliação da intervenção para o docente do curso de Pedagogia (APÊNDICE J): os roteiros foram adaptados dos trabalhos de Nascimento (2010) e Keppler (2014).

Foram utilizados ainda termos de concordância para os discentes de pós-graduação que atuaram como pesquisadores na presente pesquisa (APÊNDICE K) e ao final da intervenção cada estudante que participou da ação educativa recebeu um certificado de participação com horas de atividades complementares. O total de horas foi calculado com base nos encontros presenciais (4 horas de duração) e nas atividades extraclasse que consistiram no preenchimento das questões de estudos e das atividades de leitura complementar para os discentes realizarem fora da sala de aula (12 horas), totalizando 16 horas.

4.4 Procedimentos

4.4.1 Seleção dos participantes

Inicialmente o projeto de pesquisa foi apresentado ao coordenador do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo e ao diretor da Universidade do Estado de

São Paulo de cidade do interior para obter a autorização a ser anexada para encaminhamento do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa. Após sua aprovação, iniciou-se o contato com os professores que ministravam as disciplinas de Metodologia do Ensino de Ciências, tendo em vista as preconizações ministeriais para o trabalho da temática nessa disciplina.

Na Universidade da grande São Paulo havia três turmas, sendo uma do período vespertino e duas do período noturno. O curso de Pedagogia nessa instituição tem a duração de 9 semestres e a disciplina era oferecida no primeiro semestre do quinto ano.

Já na Universidade do Estado de São Paulo havia três turmas, sendo uma do período matutino e duas do período noturno. O curso nesta faculdade tem a duração de 8 semestres e a disciplina em questão era ministrada no segundo semestre do terceiro ano do curso.

Assim sendo, optou-se por selecionar as turmas do período noturno de ambas as Universidades para investigar a formação dos graduandos de Pedagogia, tendo em vista maior similaridade entre os grupos. As coletas de dados definitivas dessa pesquisa foram, realizadas tanto no primeiro quanto no segundo semestre do ano de 2015.

A escolha da turma em que foi realizado o estudo piloto foi uma amostra de conveniência, tendo em vista a cidade na qual a pesquisadora residia naquele momento, sendo que foi escolhida uma turma do terceiro ano do período diurno que não comporia o grupo que participaria da coleta definitiva dos dados.

A realização do estudo piloto permitiu a adequação e reformulação dos materiais de coleta de dados e, posteriormente às alterações nos materiais, deu-se início à coleta definitiva dos dados.

4.4.2 Estudo piloto

O estudo piloto é definido como um estudo em pequena escala realizado antes de um experimento real, devendo ser planejado para testar e refinar os procedimentos. De acordo com Cozby (2003):

Tendo tomado decisões finais a respeito de todos os aspectos específicos do procedimento, o pesquisador pode realizar um estudo-piloto, a título de experiência, com um pequeno número de participantes. O estudo piloto irá revelar se os participantes são capazes de compreender as instruções, se o contexto total do experimento parece plausível, se há perguntas confusas e assim por diante. (COZBY, 2003, p. 213).

Participaram 16 discentes que estavam presentes na aula na data preestabelecida para realização do estudo piloto bem como o docente da disciplina de “Psicologia da

Aprendizagem”. A escolha da disciplina foi em virtude de ser aquela com maior relação com a temática dentre as opções de disciplinas oferecidas no primeiro semestre do terceiro ano do curso de Pedagogia da Instituição.

Dentre os discentes que fizeram parte do estudo piloto, 93,7% eram do sexo feminino e 6,3% do sexo masculino. A média de idade foi de 27 anos, com desvio padrão de 9,0.

Quanto a atuação na educação básica, apenas 3 alunas (18,7%) exerciam atividade profissional como estagiárias remuneradas e 13 discentes (81,3%) não tinham experiência prática na área educacional até aquele momento de sua formação.

O docente que participou do estudo piloto tinha 52 anos e pós-doutorado em Psicologia, sendo que atuava no referido curso de Pedagogia há 18 anos.

O estudo piloto permitiu a adequação do questionário dos discentes, no qual foram retiradas algumas questões repetidas. De forma geral, os alunos responderam adequadamente ao questionário, o que permitiu assegurar que o mesmo estava escrito de forma clara e com um bom entendimento.

Foi solicitado que os discentes fizessem comentários e/ou sugestões, caso desejassem, e os comentários referiam-se apenas a pertinência do tema e anseio em aprender mais sobre o assunto. Questionou-se ainda sobre os aspectos negativos do questionário e nenhum aspecto foi citado.

Quanto ao questionário do professor, percebeu-se que o mesmo também foi de fácil entendimento e não foram feitos comentários sugerindo a reformulação do mesmo. O mesmo questionário foi utilizado, portanto, na coleta definitiva dos dados.

Os questionários aplicados durante a intervenção também foram previamente respondidos por graduandos dos primeiros e segundos anos dos cursos de Pedagogia e de Fonoaudiologia que são membros do grupo de pesquisa Educação e Acidentes, permitindo a verificação da clareza nas questões a serem respondidas posteriormente na coleta definitiva dos dados.

4.4.3 Aplicação dos questionários

Para Gil (2006), o questionário é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc. Suas vantagens consistem em possibilitar que os pesquisados não se exponham às influências das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistador, dentre outras.

O roteiro do questionário elaborado neste estudo teve por base os modelos construídos por Nascimento (2010) e Gonsales (2012).

Em dias e horários previamente agendados com os professores responsáveis por cada turma, a pesquisadora dirigiu-se às salas de aula para aplicação dos questionários com os discentes e os docentes do curso de Pedagogia. A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre do ano de 2015.

O questionário para os discentes do curso de Pedagogia é composto por dez questões, nas quais são investigados: o conceito de acidentes infantis; o conhecimento dos discentes sobre a temática adquiridos tanto no curso de graduação quanto fora da Universidade; sobre a pertinência e as formas possíveis para estudar o tema na graduação; a atuação profissional sobre o tema mediante questionamento se já trabalhou a temática em sala de aula, no caso dos estudantes que já atuam no contexto da educação básica, ou a possibilidade futura de abordar o assunto enquanto futuros profissionais da educação. Foi investigado também o conhecimento dos graduandos sobre as legislações que abordem a temática dos acidentes infantis bem como os aspectos positivos e negativos quanto ao preenchimento do questionário. Havia ainda uma questão na qual os discentes teriam a possibilidade de fazer um comentário e/ ou sugestão.

O questionário entregue aos docentes é composto por quatro questões, além dos dados de identificação quanto à formação e à atuação profissional. As questões diziam respeito ao conceito de acidentes infantis, a abordagem ou não da temática em sala de aula por meio de comentários, textos ou outras atividades de prevenção de acidentes e a indicação da possibilidade de trabalho com o tema em outras disciplinas do curso de Pedagogia. Foi solicitado ainda que os professores fizessem sugestões e/ou comentários sobre o trabalho realizado, caso desejassem.

Após o recolhimento dos questionários, deu-se início a tabulação e categorização dos dados da pesquisa, sendo que estes foram posteriormente enviados para análise de pesquisadores experientes.

Destaca-se que os pesquisadores participantes deste estudo foram doutores e discentes da pós-graduação em Educação que fazem parte do grupo de pesquisa EDACI e que, portanto, possuem experiência quanto aos processos inerentes ao desenvolvimento de uma pesquisa.

Primeiramente, os pesquisadores assinaram ao termo de consentimento (APÊNDICE J) e, posteriormente, enviaram dentro do prazo estipulado a análise das categorias de respostas obtidas com o questionário dos graduandos em Pedagogia.

As respostas foram comparadas e em caso de divergências, foi solicitado o acordo entre os pesquisadores. Em seguida, foram calculadas as frequências e porcentagens das respostas dos discentes.

4.4.4 Elaboração da intervenção com os discentes no curso de Pedagogia

Após a análise das respostas dos questionários de cada turma, observou-se que nas turmas A e C houve 100% de interesse em participar de ações educativas que envolvessem a temática dos acidentes durante a graduação no curso de Pedagogia. Nas turmas B e D os índices de interesse corresponderam a 85,7% e 92%, respectivamente.

Além disso, quando questionados sobre o interesse em abordar a temática futuramente em sala de aula, nas turmas de maior destaque quanto ao item anterior (A e C), verificou-se que 85,7% dos graduandos da turma A apresentavam esse interesse e os demais 14,7% demonstraram não reconhecer a relevância da temática. Já na turma C, os estudantes alegaram que somente não abordariam o tema em sala de aula pela falta de conhecimento sobre o assunto.

Outro fator determinante para a escolha da turma foi à receptividade dos discentes do curso de Pedagogia na turma C, turma essa que apresentou os menores índices de não respostas durante o preenchimento do questionário inicial.

Sendo assim, foi realizado contato com a docente que no semestre em questão iniciaria a ministrar as aulas como professora Titular na disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências para averiguar a possibilidade de realizar uma intervenção com os alunos, dentro do período de aulas. Após aceitação, a docente disponibilizou que a pesquisadora realizasse quatro encontros com os discentes, sendo 3 destinados às aulas teóricas e práticas e 1 encontro para avaliação das atividades realizadas, com duração de até 1 hora para cada encontro.

Tomando por base as opções e relatos dos discentes no questionário inicial da presente pesquisa, optou-se por realizar uma intervenção que abordasse os seguintes aspectos: prevenção, tipos e causas de acidentes. Foi identificado também o interesse de grande parte dos alunos em adquirir conhecimentos quanto aos primeiros socorros diante da ocorrência dos acidentes.

A intervenção foi elaborada tomando como referência os pressupostos teóricos da Análise do Comportamento. Abreu, Luna e Abreu (2014) resumizam os princípios fundamentais para o planejamento e condução do ensino nos seguintes aspectos: formulação

clara de objetivos, pré-requisitos, avaliação do repertório prévio, distribuição dos passos e designação dos recursos, tal como sumarizado na Figura 1.

Figura 01- Princípios da Análise do Comportamento para o planejamento e condução dos procedimentos do ensino.

Princípios de planejamento de ensino	
Formulação de objetivos	Descrição dos comportamentos que os aprendizes devem apresentar do começo ao fim do procedimento de aprendizagem
Pré-requisitos	Descrição dos comportamentos que o aprendiz deve apresentar antes da aprendizagem de um comportamento mais elaborado
Avaliação do repertório prévio	Descrição do repertório do que o aprendiz é capaz de fazer com o objetivo de adequar a tarefa às suas habilidades prévias
Distribuição dos passos	Descrição da distribuição dos comportamentos a serem aprendidos pelo aprendiz até que este atinja o comportamento-alvo final
Designação dos recursos	Descrição dos recursos e materiais utilizados com o objetivo de tornar claros os procedimentos e possibilitar a sua reprodução

Fonte: (ABREU; LUNA; ABREU, 2014).

Com base no levantamento bibliográfico desses autores sobre estudos que abordaram a programação de ensino e os pressupostos e requisitos identificados como inerentes e indispensáveis para um processo de educação efetivo, deu-se início à elaboração do presente programa de ensino, cujos objetivos eram similares aos daqueles relatados nos estudos de Abreu, Luna e Abreu (2014).

Outro princípio relacionado à Análise do Comportamento refere-se à motivação no processo de ensino e aprendizagem. Skinner (1972) afirma que a motivação dos alunos nesse processo consiste em elemento ainda mais importante do que a construção de escolas, formação de professores e/ou utilização de materiais didáticos.

Assim, ao final do programa de ensino ministrado na turma C foram entregues certificados aos discentes participantes, contabilizando um total de 16 horas de carga horária em atividades complementares ao curso de Pedagogia.

4.4.5 Intervenção com os discentes no curso de Pedagogia

No segundo semestre de 2015, em dias e horários previamente combinados com a docente e os discentes da turma C, a pesquisadora iniciou a intervenção sobre a temática da prevenção de acidentes infantis. Como os discentes haviam sugerido que fossem realizadas

aulas expositivas utilizou-se como recursos pedagógicos a apresentação de slides por meio do *datashow* e uso de recursos multimídias.

Inicialmente foram apresentados os dados do questionário inicial que fora previamente preenchido pelos alunos, revelando os assuntos com maior porcentagem de interesse e as estratégias metodológicas que eles gostariam que fossem utilizadas. Foram apresentadas ainda as tabulações de dados acerca dos comentários e sugestões dos respondentes.

Em seguida, a pesquisadora apresentou os objetivos a serem alcançados durante cada encontro e o cronograma previsto para a realização das atividades.

Em razão do tempo disponibilizado, no primeiro encontro foram abordados apenas dois tipos de acidentes, sendo eles apresentados por ordem alfabética das palavras. Assim, a pesquisadora apresentou pesquisas atuais encontradas em bases de dados nacionais e internacionais sobre os temas: atropelamento e engasgo. Foram relatados os índices de ocorrência desses acidentes, além dos fatores de risco e de segurança para a promoção de sua prevenção.

Em seguida foram apresentados vídeos que retratassem situações que vitimaram crianças em ambientes domésticos e escolares com relação aos acidentes em questão.

Ao final do primeiro encontro foram entregues aos discentes questões de estudos referentes aos assuntos abordados no dia. As questões referiam-se: ao conceito de acidentes infantis, o Programa Saúde na Escola, os fatores de risco associados à ocorrência de atropelamentos, os fatores de segurança relacionados à prevenção do engasgo, os primeiros socorros em caso de atropelamento e engasgamento, as atitudes que caracterizam a manobra de *Heimlich*, os aspectos positivos e negativos quanto ao preenchimento do questionário.

Antes de iniciar as atividades previstas para serem realizadas durante o segundo encontro, a pesquisadora apresentou os índices de acertos para cada questão do questionário preenchido no primeiro encontro, reforçando os conteúdos das questões que obtiveram maior percentual de respostas incorretas.

Em seguida, deu-se início ao segundo encontro no qual foram abordados os acidentes de intoxicação, quedas e queimaduras além das legislações que abordam a temática da prevenção de acidentes infantis.

Assim como no encontro anterior, foram apresentados estudos epidemiológicos de cada um dos acidentes abordados e os fatores de risco e segurança para sua ocorrência. Foram apresentados os vídeos com situações reais de cada acidente bem como as orientações sobre os primeiros socorros a serem tomados em caso de acidente.

Em seguida, foram abordadas as legislações que abordam a temática dos acidentes infantis. Tal como no primeiro encontro, ao final do segundo dia também foram entregues as questões de estudo que se referiam: aos fatores de proteção quanto à ocorrência de intoxicações infantis, quedas e queimaduras, bem como orientações sobre os primeiros socorros a serem tomados em cada um dos acidentes acima citados. Foi investigado ainda o conhecimento dos graduandos sobre as legislações que abordam a temática dos acidentes infantis bem como os aspectos positivos e negativos quanto ao preenchimento do questionário.

No terceiro encontro, também foram oferecidos os feedbacks das questões respondidas no segundo encontro, enfocando-se as questões em que houve equívocos entre alguns graduandos.

Inicialmente, a pesquisadora contextualizou os graduandos acerca da relevância da temática dos acidentes infantis, tendo em vista os índices de agravos à saúde e óbitos de crianças em decorrência deles bem como abordou as indicações da literatura mundial acerca da necessidade de prevenção. Com o objetivo de relembrar os discentes sobre as diretrizes dos Ministérios da Educação e da Saúde para realizar ações educativas preventivas na escola e as propostas estabelecidas no PSE, que por sua vez sugere ações com a temática envolvendo alunos, profissionais da educação, responsáveis e comunidade, integrados às instituições e profissionais da saúde, dentre outros, enfatizou-se com a turma a necessidade de elaboração e aplicação de atividades educativas nessa direção.

Com o intuito de fornecer subsídios práticos para a futura atuação dos pedagogos na educação básica, a pesquisadora apresentou em sala de aula diversas atividades a serem realizadas tanto no contexto da educação infantil como no ensino fundamental, especificando para os discentes: o(s) tipo(s) de acidente(s) que poderiam ser abordados em cada atividade, o nome da atividade, o objetivo pedagógico a ser alcançado, o local indicado para serem realizadas as atividades, a faixa etária recomendada para cada atividade, os recursos pedagógicos a serem utilizados em cada atividade, os seus procedimentos de aplicação e avaliação das atividades propostas.

No contexto da educação infantil, as atividades sugeridas foram: teatro de fantoches envolvendo o tema, caixa de música com orientações sobre o tema, telefone sem fio, brincadeiras simbólicas com bonecos de modo a orientar e replicar os cuidados para a prevenção de acidentes infantis, jogo da memória com situações envolvendo a prevenção de acidentes infantis, caminhada segura com bebês e crianças pequenas.

No contexto do ensino fundamental, as atividades sugeridas foram: STOP de palavras, teatro de fantoches realizado por membros do grupo de pesquisa EDACI com turmas do segundo ano da rede municipal de ensino da cidade de Marília, redação de histórias sobre a temática, adivinhas, dinâmica das embalagens com produtos de limpeza e alimentos, produções de textos dissertativo-argumentativos que podem ser utilizados em sala de aula para o professor trabalhar com conteúdos curriculares, tais como: acentuação, paragrafação, ortografia das palavras e etc., oficina de artes com confecção de painéis e cartazes sobre o tema, maquetes de histórias infantis relevando fatores de risco e proteção para a prevenção de acidentes infantis envolvendo os ambientes e os personagens, atividades de matemática envolvendo a interpretação de gráficos e tabelas representando índices de ocorrências dos acidentes, atividades complementares, tais como: cruzadinhas de palavras, caça-palavras e jogo do labirinto, bem como os jogos de tabuleiro e o livro paradidático elaborado, aplicado e avaliado por Vilas Bôas (2013).

Assim como nos encontros anteriores, também foi solicitado que os graduandos respondessem a um questionário com questões de estudos sobre os assuntos discutidos no terceiro encontro. O questionário era composto por questões nas quais os discentes deveriam indicar propostas de atividades com a temática da prevenção de acidentes infantis, especificando: se as atividades seriam propostas para a educação infantil e/ou no ensino fundamental, qual o tipo de acidente seria envolvido, qual o nome/tipo de atividade, quais os objetivos da atividade, qual local seria realizado, quem seriam os participantes, quais materiais seriam utilizados, quais procedimentos seriam usados para realizar/aplicar a atividade, quais deles seriam usados para avaliar a atividade e quais aspectos poderiam favorecer ou dificultar a realização das atividades propostas. Procurou-se identificar ainda os aspectos positivos e negativos encontrados pelos graduandos no preenchimento desse questionário bem como foi solicitado que eles fizessem comentários e/ou sugestões, caso assim desejassem.

As atividades propostas pelos alunos foram baseadas nos exemplos de atividades sugeridas pela pesquisadora. Ao final da aula, os alunos expuseram para a turma suas ideias para os planos de aula.

Em todos os encontros, ao final das apresentações foram indicadas as referências que embasaram a pesquisadora.

No quarto encontro, a turma realizou a avaliação final da disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências e à medida que os graduandos iam entregando suas provas à docente,

foram também entregues os questionários com a avaliação das atividades realizadas durante a intervenção sobre a temática da prevenção de acidentes infantis.

Os conteúdos a serem avaliados referiam-se: aos assuntos abordados durante a intervenção sobre o tema da prevenção dos acidentes infantis, a forma como os assuntos foram abordados, a avaliação dos discentes sobre as questões de estudo que foram entregues em cada encontro, os feedbacks oferecidos pela pesquisadora sobre as questões de estudo, a interação entre a pesquisadora e os discentes, outros aspectos, caso desejassem especificar outros aspectos da intervenção.

Procurou-se ainda identificar a opinião dos graduandos sobre os aspectos que favoreceram e/ou dificultaram a realização da atividade como um todo, sugerindo-se que eles especificassem os aspectos e justificassem suas respostas. Foi perguntado também se os discentes consideravam que a pesquisadora cumpriu o objetivo proposto para a intervenção, de propiciar acesso às informações a respeito dos acidentes infantis em geral e oferecer subsídios para elaboração de atividades com a temática para serem realizadas com os escolares da educação infantil e/ou ensino fundamental bem como foi identificado se a atividade realizada trouxe contribuições para a formação dos alunos e em caso afirmativo, quais teriam sido essas contribuições.

Questionou-se ainda se os discentes tinham a intenção de abordar o tema “prevenção de acidentes infantis” em alguma atividade de estágio e/ou em suas atividades como profissional da Pedagogia e quais os comentários ou sugestões que desejariam fazer.

Ao final, foram entregues os certificados de participação da intervenção para cada graduando matriculado na turma. A carga horária total foi de 16 horas e cada graduando teve sua participação calculada de acordo com sua frequência nas aulas. O certificado foi assinado pela pesquisadora e também pela orientadora e coordenadora do grupo de pesquisas Educação e Acidentes – EDACI.

Nesse momento, também foi entregue um questionário para a docente da turma de modo que ela avaliasse as atividades propostas. O questionário por ela respondido tinha o intuito de verificar suas opiniões quanto aos assuntos abordados durante a intervenção sobre o tema da prevenção dos acidentes infantis, a forma como os assuntos foram abordados, as questões de estudo que foram entregues em cada encontro, os feedbacks dos questionários preenchidos pelos graduandos, a interação entre a pesquisadora e os discentes bem como outros aspectos, caso ela desejasse especificá-los.

Foi investigada sua opinião sobre os aspectos que favoreceram e/ou dificultaram a realização da atividade como um todo, solicitando-se que ela especificasse os aspectos e

justificasse sua resposta. Foi questionado se a docente considerou que a pesquisadora cumpriu o objetivo proposto no Programa de Ensino de propiciar acesso às informações a respeito dos acidentes infantis em geral e oferecer subsídios para elaboração de atividades com a temática para serem realizadas com os escolares da educação infantil e/ou ensino fundamental bem como foi questionado se ela teria a intenção de abordar o tema “prevenção de acidentes” nesta e/ou em outra Disciplina/Estágio do curso de Pedagogia. Em caso afirmativo, foi solicitado que a docente especificasse quais assuntos seriam abordados, quais comentários seriam feitos, quais textos /ou atividades trabalharia junto aos discentes, quais seriam as estratégias de ensino-aprendizagem a serem utilizadas e como os estudantes seriam avaliados nas atividades realizadas. Foi solicitado ainda que a docente deixasse registrados seus comentários ou sugestões, caso assim desejasse.

4.4.6 Análise dos dados coletados

Todos os questionários aplicados foram organizados, categorizados e enviados para pesquisadores com experiência na área desta pesquisa, sendo mestres e doutores em educação e membros do Grupo de Pesquisa EDACI.

Foi feita análise comparativa das respostas dos pesquisadores, solicitando-se que eles chegassem a um acordo, quando houve respostas divergentes. Em seguida, foi feita a soma das frequências de respostas e foram posteriormente calculadas as porcentagens.

Destaca-se que o N corresponde ao total de sujeitos que responderam as questões dos questionários e a frequência (*f*) diz respeito ao total de respostas obtidas em cada questão, levando em consideração o fato de que um mesmo participante poderia dar mais de uma resposta para cada questão.

Para cada questão, foi elaborada uma Tabela contendo as respostas dos participantes das Turmas A e B que representam a realidade da Universidade da grande São Paulo e outra Tabela contendo as respostas dos participantes das Turmas C e D que representam a realidade da Universidade do interior paulista.

Considerando os objetivos desta pesquisa, foi utilizada análise quantitativa e qualitativa dos resultados encontrados.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Conhecimentos e opiniões dos discentes de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo

Os resultados obtidos por meio dos questionários aplicados com os graduandos do curso de Pedagogia serão apresentados a seguir.

A Tabela 4 mostra o conceito dos discentes com relação ao tema dos acidentes infantis, na qual se observa que a maior parte dos participantes da turma A não tinha clareza da resposta correta, visto que 35,7% alegou que se trata de situações que colocam em risco a criança. Os danos físicos ocasionados nas crianças (14,3%) e situações passíveis de prevenção (14,3%) também foram citados, dentre outros.

Entre os participantes da turma B, o conceito foi definido como situações que colocam em risco a criança (18,8%) e dano físico na criança (11,6%). Houve destaque para o fato de que o tema estaria relacionado a situações imprevisíveis (9,3%) e as quedas acidentais (8,2%).

Tabela 4 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre o conceito dos acidentes infantis (N=54).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Situações que colocam em risco a criança	10	35,7	16	18,8
Dano físico	4	14,3	10	11,6
Situações imprevisíveis	2	7,1	8	9,3
Quedas	-	-	7	8,2
Ocasionado pelo comportamento das crianças	1	3,6	5	5,8
Cortes / Escoriações/ Escorregões	-	-	5	5,8
Intoxicação	-	-	4	4,6
Situações passíveis de prevenção	4	14,3	4	4,6
Trombar em objetos e pessoas	-	-	3	3,5
Mordidas	-	-	3	3,5
Acidentes domésticos com crianças	1	3,6	3	3,5
Fraturas/ Ferimentos/Machucados/Sangramentos	2	7,1	3	3,5
Acidentes escolares	1	3,6	3	3,5
Não respostas	-	-	2	2,3
Violência física	-	-	2	2,3
Dano psicológico/intelectual	1	3,6	2	2,3
Doença/ Relacionado à enfermagem	1	3,6	1	1,2
Ingestão de objetos	-	-	1	1,2
Ferimentos graves	-	-	1	1,2
Queimaduras	-	-	1	1,2
Situações rotineiras	-	-	1	1,2
Acontecem sem a supervisão de um adulto	1	3,6	1	1,2
TOTAL	28	100	85	100

Fonte: da própria autora.

No estudo de Gonsales (2012) observa-se que os participantes destacam os acidentes de quedas quando questionados sobre o conceito de acidentes infantis. Além disso, o estudo de Carvalho (2008) também aponta a dificuldades de profissionais da educação em conceituar corretamente o tema bem como associa-lo à prevenção.

Os dados aqui encontrados também dão destaque às quedas bem como indicam que alguns graduandos têm a noção da previsibilidade dos acidentes, mas a maioria ainda não os identifica como situações que podem ser evitadas sejam por meio de mudanças comportamentais e/ou ambientais.

Questionou-se se os graduandos já tinham lido ou escutado algo sobre a temática dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade, sendo que 57,9% dos graduandos da turma A informaram que sim e os outros 42,1% disseram que não.

Na turma B os resultados foram similares, visto que 57,1% já tinham lido ou ouvido alguma informação sobre a temática, e 42,9% não.

A Tabela 5 mostra as frequências e porcentagens dos assuntos sobre os quais os discentes alegaram ter recebido informações.

Percebe-se que a prevenção (28,6%), os tipos de acidentes (25,7%), suas causas (20%) e consequências (17,1%) foram mais citadas na turma A, o que permite concluir sobre uma preocupação mais voltada com o aspecto preventivo, sendo que as formas de evitar a ocorrência de um acidente são mais divulgadas do que como tratar o acidente depois que ele já tenha ocorrido e gerado danos físicos e psicológicos nas vítimas.

Na turma B, os tipos de acidentes (28,6%) e suas causas (22,4%) foram os assuntos que tiveram maior destaque entre os discentes, incluindo também a temática da prevenção dos acidentes (18,4%).

Tabela 5 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os assuntos que receberam informações referentes ao tema dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade (N=31).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Tipo de acidentes	9	25,7	14	28,6
Causas	7	20	11	22,4
Prevenção	10	28,6	9	18,4
Consequências	6	17,1	8	16,3
Tratamento	3	8,6	5	10,2
Reabilitação	-	-	1	2,0
Eventuais punições para os responsáveis	-	-	1	2,0
TOTAL	35	100	49	100

Fonte: da própria autora.

A Tabela 6 mostra quais foram os meios de comunicação em que os discentes tiveram acesso às informações, tendo destaque a televisão (46,7%), evento científico (13,2%) e a internet (13,2%) entre os estudantes da turma A e televisão (36,4%), internet (27,3%) e evento científico (12,1%) na turma B.

Tabela 6 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os meios de comunicação que receberam informações sobre o tema dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade (N=31).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
TV	7	46,7	12	36,4
Internet	2	13,2	9	27,3
Evento científico	4	26,6	6	18,8
No ambiente de trabalho/escola	1	6,7	2	6,1
Conversas informais	-	-	1	3,0
Graduação em Fisioterapia	-	-	1	3,0
Relatos de profissionais da educação infantil	-	-	1	3,0
Discussões / Reuniões	1	6,7	1	3,0
TOTAL	15	100	33	100

Fonte: da própria autora.

A Tabela 7 mostra a opinião dos discentes sobre as informações recebidas, sendo que na turma A essas foram consideradas úteis (25%) e sem aprofundamento (25%). Na turma B as informações foram consideradas sem aprofundamento (29,2%), úteis (12,5%), relevantes para a atuação profissional (12,5%) e informativas (12,5%).

Percebe-se que os discentes demonstram sensibilização quanto à relevância da temática e anseiam obter mais informações sobre o assunto uma vez que as informações foram em sua maioria consideradas sem aprofundamento.

Tabela 7 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as informações referentes ao tema dos acidentes infantis recebidas fora das atividades curriculares da faculdade (N=31).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Sem aprofundamento	4	25	7	29,2
Útil	4	25	3	12,5
Não respostas	-	-	3	12,5
Relevante para a atuação profissional	1	6,3	3	12,5
Informativas	2	12,5	3	12,5
Pertinente/ Boa	3	18,8	2	8,3
Ligada à prevenção	-	-	2	8,3
Extremamente interessante	2	12,5	1	4,2
Chocante	-	-	1	4,2
TOTAL	16	100	24	100

Fonte: da própria autora.

Quando questionados se já leram ou ouviram informações sobre acidentes infantis nas atividades curriculares do seu atual curso de graduação, 84,2% dos discentes da turma A disseram que não e 15,8% disseram que receberam.

Nascimento (2006) identificou entre discentes do curso de Fonoaudiologia de instituições públicas e particulares de ensino que os participantes receberam informações sobre primeiros socorros e prevenção de acidentes por meio de cursos e palestras nos locais de trabalho e autoescola. Entretanto, tais informações precisariam ocorrer de forma sistemática em atividades curriculares e na formação continuada dos profissionais, a fim de favorecer a capacitação na prática fonoaudiológica.

Dentre os três discentes que informaram ter recebido as informações, os assuntos discutidos foram relacionados ao tipo de acidente (27,3%), suas causas (27,3%), suas consequências (18,2%), prevenção (18,2%) e tratamento (9,1%). Os assuntos foram discutidos nas disciplinas de Educação Infantil (66,7%) e Metodologia do Ensino de educação física (33,3%), no quinto (50%), quarto (25%) e segundo ano (25%) de faculdade.

As estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas foram: exposições sobre aquecimento antes de atividades físicas (20%), primeiros socorros (20%), seminários (20%), compreensão da situação que envolveu o acidente (20%) e a prevenção (20%).

As informações recebidas foram consideradas: redundantes (33,3%), interessantes (33,3%) e úteis (33,3%).

Fato que merece atenção na turma A é que alguns discentes alegam ter recebido orientações, ainda que seja a minoria deles (15,8%). Pode-se inferir que as aprendizagens não tenham sido significativas, e grande parte dos alunos não se apropriou do conteúdo exposto. Cortegoso e Coser (2011) defendem a necessidade do professor em propor atividades em que os graduandos tenham a oportunidade de desenvolver ou treinar habilidades, permitindo verificar os conteúdos aprendidos.

Dentre os discentes da turma B todos (100%) alegaram não ter recebido informações sobre o tema durante a graduação.

A dificuldade apresentada pelos profissionais da educação em conceituar os acidentes pode ser considerada então como um reflexo da ausência ou da deficiência de abordagem do tema na sua formação, durante ou após a graduação (LEONELLO; L'ABBATE, 2006).

O presente estudo também identificou a ausência de disciplinas específicas que abordassem a temática da educação em saúde na grade curricular do curso de Pedagogia de Universidades públicas em São Paulo. Em busca assistemática nos cursos de Pedagogia de

outras Universidades, percebe-se que há disciplinas sobre educação e saúde cujo objetivo expresso na ementa do curso de refere em abordar o conceito de saúde e seus variados aspectos, enfocando a saúde individual e coletiva, além dos aspectos envolvidos na ação preventiva de saúde.

Seria interessante verificar como é identificado o conceito de acidentes infantis entre universitários desses cursos cuja formação tem preocupação com os temas de educação e saúde.

Questionou-se ainda se os discentes consideravam importante aprender ou realizar alguma atividade sobre acidentes ou causas externas acidentais infantis nas atividades curriculares do curso de Pedagogia, sendo que todos os graduandos da turma A informaram que sim. Na turma B, 85,7% dos discentes informaram que sim e 14,5% disseram que não.

Dentre os motivos pelos quais os discentes não consideravam importante aprender ou realizar atividades sobre acidentes infantis nas atividades curriculares do curso de Pedagogia estavam: o assunto seria de conhecimento geral (14,3%), seria importante para ser ensinado a todos, não apenas para um profissional (14,3%), crença de que o tema não possa ser sistematizado (14,3%), o tema demanda experiência (14,3%), não há espaço no currículo (14,3%), o tema reforça a ideia de educação infantil com o cuidar de crianças (14,3%) e o assunto está adjacente às questões sobre infância e brincadeiras (14,3%).

Um fato relevante apontado pelo participante desse estudo se refere à questão do cuidar/educar especialmente no contexto da educação infantil.

As instituições infantis são importantes para as crianças na medida em que contribuem para seu desenvolvimento cognitivo, simbólico, social e emocional. O professor de educação infantil deve promover por meio de situações lúdicas de ensino e aprendizagem o desenvolvimento da autonomia, coordenação, pensamento matemático, linguagem oral e escrita, etc.

Com o passar dos anos, buscou-se romper com a concepção de educação assistencialista que apenas tinha intenção com o cuidar da criança e não se preocupava com seu pleno desenvolvimento. Apesar disso, ainda há a necessidade de que a educação infantil se preocupe com o cuidar das crianças de 0 a 6 anos.

O cuidado precisa considerar, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção da saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas, é necessário que as atitudes e

procedimentos estejam baseadas em conhecimentos específicos sobre desenvolvimento biológico, emocional e intelectual das crianças, levando em conta diferentes realidades sócio-culturais. (BRASIL, 1998, p. 25).

A Tabela 8 mostra a opinião dos discentes sobre quais assuntos seriam importantes de ser discutidos, sendo que houve destaque na turma A para os itens: tratamento (27,9%), os tipos de acidentes (21,3%), sua prevenção (19,7%) e causas (18%). E na turma B as respostas mais frequentes foram: prevenção (24,2%), tipos de acidentes (22,2%) e tratamento (22,2%).

Percebeu-se nesse item que os estudantes da turma A gostariam de obter mais informação de como lidar com os acidentes depois que eles já tenham ocorrido, embora a prevenção também tenha sido mencionada. O fato de alegarem não ter conhecimentos dos tratamentos para os acidentes pode justificar a ânsia em saber como agir diante de tais ocorrências. Já entre a turma B a preocupação em prevenir os acidentes teve maior destaque em detrimento do tratamento diante da ocorrência de um acidente infantil.

Tabela 8 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os assuntos que poderiam ser discutidos nas atividades curriculares do curso (N=49).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Tratamento	17	27,9	22	22,2
Tipo de acidentes	13	21,3	22	22,2
Prevenção	12	19,7	24	24,2
Causas	11	18,0	16	16,2
Consequências	6	9,8	14	14,1
Encaminhamento	1	1,6	-	-
Conversa com a família	1	1,6	1	1,1
TOTAL	61	100	99	100

Fonte: da própria autora.

A Tabela 9 apresenta as disciplinas que foram elencadas pelos graduandos da turma A como possíveis de discutir a temática dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso de Pedagogia, tendo destaque: Educação infantil (53,8%) e Educação especial (15,4%). Na turma B os destaques foram para as disciplinas de Educação infantil (46,5%) e as Metodologias de ensino (11,6%).

Um fato que chama bastante atenção é a percepção de 15,4% dos graduandos da turma A que consideraram possível a abordagem do tema da prevenção de acidentes infantis em uma disciplina específica da educação especial, fato este que nos permite refletir sobre a falta de apropriação conceitual sobre algumas disciplinas da grade curricular do curso de Pedagogia,

aqui entendendo que a disciplina da educação especial vem tratar de assuntos relacionados à história e conceito das deficiências.

Pode-se inferir que os graduandos supõem índices maiores de prevalência de acidentes infantis entre a população com necessidades educacionais especiais, entretanto, a temática estaria relacionada ao contexto da infância de modo geral e não haveria necessidade de uma abordagem específica na disciplina em questão.

A ocorrência de acidentes infantis em crianças com necessidades educacionais especiais é pouco investigada, no entanto, a literatura aponta estudos entre indivíduos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade identificando um número alto de mortes infantis em decorrência de causas externas (REINHARDT; REINHARDT, 2012).

Tabela 9 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as disciplinas em que poderia ser discutido o tema dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso (N=49).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Educação infantil	14	53,8	20	46,5
Metodologias de ensino	-	-	5	11,6
Não respostas	1	3,8	3	7,0
Didática	-	-	2	4,7
Política e Organização da Educação Básica	1	3,8	2	4,7
Ensino fundamental	-	-	1	2,3
Estágio	-	-	1	2,3
Organização escolar	-	-	1	2,3
Atividade extracurricular	-	-	1	2,3
Primeiros socorros	1	3,8	1	2,3
Cuidados/ Saúde da infância	-	-	1	2,3
Optativa	1	3,8	1	2,3
Educação especial	4	15,4	1	2,3
Disciplina específica para o tema	-	-	1	2,3
Gestão	-	-	1	2,3
Coordenação	-	-	1	2,3
Todas as disciplinas práticas	1	3,8	-	-
Educação corporal	1	3,8	-	-
Metodologia de educação física	1	3,8	-	-
TOTAL	26	100	43	100

Fonte: da própria autora.

Também se questionou sobre as estratégias de ensino-aprendizagem que os graduandos consideravam viáveis de serem utilizadas em sala de aula, sendo que as repostas com maiores frequências na turma A foram: aulas teóricas (16,7%) e práticas (16,7%), além de vivências (10%).

Na turma B, 20% dos discentes não responderam à questão e 11,4% apontaram os estudos de caso e as aulas práticas (11,4%) como estratégias eficazes de ensino-aprendizagem.

Os discentes demonstraram, portanto, interesse em obter uma fundamentação teórica sobre o tema, mas também desejam vivenciar situações práticas de aprendizagem.

Zanotto (2000) ressalta a necessidade do professor em propiciar condições necessárias para que o ensino ocorra, criando uma situação de ensino e aprendizagem que seja motivadora e com significado para os alunos, assim, corroborando com os dados apresentados no presente estudo, acredita-se que o ensino de quaisquer conteúdos deve estar aliado tanto por uma fundamentação teórica consistente que permite a compreensão das informações quanto com a aquisição de conceitos práticos que ofereçam subsídios para a futura atuação dos universitários em suas áreas de formação.

A Tabela 10 representa os cálculos das frequências e porcentagens das respostas emitidas pelos discentes.

Tabela 10 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as estratégias de ensino-aprendizagem que poderiam ser utilizadas com o tema dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso (N=49).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Não respostas	3	10,0	7	20,0
Estudos de caso	3	10,0	6	17,2
Aulas práticas	5	16,7	4	11,4
Discussões	1	3,3	3	8,6
Textos	1	3,3	3	8,6
Resposta inespecífica	2	6,6	2	5,7
Não sei	1	3,3	2	5,7
Rodas de conversa	-	-	2	5,7
Vídeos	2	6,6	1	2,9
Aula expositiva	5	16,7	1	2,9
Uso de mapas de risco	-	-	1	2,9
Dinâmica	-	-	1	2,9
Palestra	1	3,3	1	2,9
Curso	1	3,3	-	-
Workshops / Oficinas	2		-	-
Seminários	1	3,3	-	-
Práticas de primeiros socorros	1	3,3	-	-
Estágios	1	3,3	-	-
Pesquisas sobre o tema	-	-	1	2,9
TOTAL	30	100	35	100

Fonte: da própria autora.

Na Tabela 11, observa-se que os graduandos consideram que o conteúdo deveria ser abordado nas atividades curriculares do curso. Na turma A, houve destaque para a prevenção dos acidentes (25,8%) e os primeiros socorros (22,6%). Na turma B, foram identificados os mesmos resultados, com destaque para a prevenção dos acidentes (23,3%) e os primeiros socorros (18,6%).

Percebe-se assim a preocupação dos graduandos em evitar a ocorrência dos acidentes, indicando que os mesmos compreendem que a prevenção é necessária e possível, e que os acidentes não são situações ocorridas “ao acaso”. Entretanto, observa-se que a preocupação no preparo dos professores para agir em casos de ocorrência dos acidentes ainda é frequente, o que nos permite afirmar que os discentes anseiam por informações e conhecimentos práticos que os possibilite agir em situações de emergência, não somente no contexto educacional como em diversas outras situações.

Segundo Sena (2006), os educadores ainda têm a concepção do caráter de fatalidade do acidente, apesar de surgir em alguns relatos de sua pesquisa a questão da prevenção. Oliveira (2003) e Gonsales (2012) também encontraram em quase metade dos participantes de suas pesquisas, profissionais da educação que definem o conceito de acidente como um evento inevitável, imprevisto ou imprevisível.

Tabela 11 - Conhecimentos e opiniões de discentes da das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os conteúdos que poderiam ser abordados nas atividades curriculares do curso (N=49).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Não respostas	3	9,7	10	23,3
Prevenção	8	25,8	10	23,3
Tratamento (primeiros socorros)	7	22,6	8	18,6
Tipos de acidentes	4	12,9	4	9,3
Causas dos acidentes	2	6,5	4	9,3
Acidentes infantis	3	9,7	2	4,7
Prevenção de acidentes em espaços educativos/ parques	1	3,2	1	2,3
Reflexão sobre o tema	-	-	1	2,3
Contexto dos acidentes	-	-	1	2,3
Segurança escolar	-	-	1	2,3
Segurança domiciliar	-	-	1	2,3
Consequências	2	6,5	-	-
Bem-estar físico da criança	1	3,2	-	-
TOTAL	31	100	43	100

Fonte: da própria autora.

Segundo os discentes da turma A, as atividades deveriam ser abordadas pelo professor (34,8%) ou por um especialista no assunto (26%), e a turma B informou que as atividades

deveriam ser abordadas também pelo professor (30,2%) e por profissionais da área da saúde (20,9%), tal como representa a Tabela 12.

Percebe-se a sensibilização dos discentes quanto à interface entre educação e saúde, entendendo a escola como local para disseminação de conhecimentos sobre as questões de saúde, tal como a prevenção de acidentes infantis, que pode contribuir não somente para o aprendizado do aluno, mas também da comunidade escolar.

Tabela 12 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre quem deveria abordar o assunto nas atividades curriculares do curso (N=49).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Professor	8	34,8	13	30,2
Profissionais da saúde	2	8,7	9	20,9
Não respostas	2	8,7	6	14,0
Especialistas no assunto	6	26,0	6	14,0
Alunos	-	-	2	4,7
Profissional de segurança/ construção civil	2	8,7	2	4,7
Profissional que atua em escolas	1	4,3	2	4,7
Vítima	-	-	1	2,3
Pedagogos com conhecimento de primeiros socorros	2	8,7	1	2,3
Resposta inespecífica	-	-	1	2,3
TOTAL	23	100	43	100

Fonte: da própria autora.

Procurou-se identificar a atuação profissional dos estudantes para verificar a relação de quantos já estavam atuando na educação básica. Na turma A, identificou-se que 57,9% atuam no contexto escolar e 36,8% ainda não atuam, sendo que 5,3% não responderam a essa questão. Na turma B, identificou-se que 74,3% dos graduandos atuam na educação básica e 25,7% não atuam.

Dentre os discentes que não atuavam na educação básica na turma A, questionou-se se eles realizariam alguma atividade de prevenção de acidentes com seus alunos em sala de aula depois de formado, sendo que seis informaram que realizariam e um disse que não. Quando questionado sobre o motivo pelo qual não realizaria atividades sobre o tema, o graduando informou que o tema não ajuda no processo de percepção que a criança tem do mundo e de suas inseguranças e riscos.

Percebe-se pela resposta do graduando, a falta de clareza sobre o tema da prevenção dos acidentes infantis e a falta de sensibilização sobre a disseminação de informações, orientações e conhecimentos que possam propiciar na criança um novo olhar sobre os riscos

que a cerca, sendo essas orientações relevantes para a aquisição de novos comportamentos mais seguros e que diminua as probabilidades de virem a se envolver em situações que coloquem em risco para a ocorrência de acidentes que muitas vezes, infelizmente, causam graves consequências físicas e/ou psicológicas.

Para além dos conhecimentos adquiridos pelas crianças, acredita-se que à medida que recebem novas informações, adquirem o papel de disseminadores de conhecimentos e repassam, quer seja em casa como na comunidade da qual fazem parte, os ensinamentos adquiridos, podendo assim contribuir para que fatores de segurança estejam presentes ao redor dos que a cercam e diminuindo os itens de risco no ambiente em que vivem.

Na turma B, verificou-se 66,7% dos discentes que não atuam na educação básica realizariam alguma atividade de prevenção de acidentes com seus alunos em sala de aula depois de formado e 33,3% deles não as realizariam. Quando questionado os motivos pelos quais os estudantes não realizariam tais atividades, as respostas obtidas foram: a falta de preparo para atuar com o tema (33,3%), a complexidade do tema no contexto escolar (33,3%) e o assunto poderia fazer parte apenas da rotina de combinados (33,3%).

Já dentre os discentes que informaram que realizariam as atividades sobre o tema, procurou identificar o local de realização das atividades, tal como se apresentam na Tabela 13, na qual há o destaque para a sala de aula (30%) e a escola (30%) na turma A e a sala de aula (57,1%) na turma B.

Tabela 13 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os locais onde realizaria a atividade de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=12).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Sala de aula	3	30,0	4	57,1
Pátio	1	10,0	1	14,3
Na escola	3	30,0	1	14,3
Não respostas	-	-	1	14,3
Área de risco	1	10,0	-	-
Onde fosse necessário	1	10,0	-	-
No parque	1	10,0	-	-
TOTAL	10	100	7	100

Fonte: da própria autora.

Quanto ao tipo de atividade que realizariam, percebe-se que os discentes da turma A não possuem muita clareza, visto que 22,2% não responderam a questão, mas foram mencionadas atividades lúdicas de ensino, tais como: brincadeiras (11,1%), gincanas (11,1%) e dinâmicas (11,1%).

Na turma B, constatou-se que os discentes também não apresentavam muita clareza, sendo que foi até mencionado o fato de que precisaria pesquisar sobre o tema (16,5%), mas foram citadas ainda atividades práticas (16,5%) e rodas de conversa (16,5%), conforme observado na Tabela 14.

Tabela 14 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as atividades que realizariam acerca da atividade de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=12).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Exemplos de acidentes	-	-	1	16,5
Precisaria pesquisar sobre o tema	-	-	1	16,5
Atividade prática	-	-	1	16,5
Roda de conversa	1	11,1	1	16,5
Não respostas	2	22,2	1	16,5
Brincadeiras	1	11,1	-	-
Gincanas	1	11,1	-	-
Atividade informativa	1	11,1	-	-
Uma atividade de conscientização de prevenção	2	22,2	1	16,5
Dinâmicas	1	11,1	-	-
TOTAL	9	100	6	100

Fonte: da própria autora.

Gonsales (2012) identificou em sua pesquisa que professoras formadas e atuantes na rede municipal de uma cidade do interior paulista não tiveram formação sobre prevenção dos acidentes e não desenvolveram atividades relacionadas ao tema com seus alunos na sala de aula, permitindo-nos supor que a lacuna em sua formação impediu as pedagogas de atuarem com o tema.

Dados similares aparecem no presente estudo, em que os participantes relataram que não há conhecimentos específicos sobre a temática durante a graduação e que a falta de informação e orientação dificulta a abordagem do tema posteriormente no contexto da sala de aula.

De acordo com os estudantes da turma A, as atividades poderiam ser realizadas com crianças a partir de 03 anos de idade (50%) e com os alunos (33,3%), sendo que 16,7% não responderam essa questão. E para a turma B, as atividades poderiam ser realizadas com todas as classes (33,5%) e com os alunos (33,5%). Foram identificadas ainda respostas inespecíficas (16,5%) e 16,5% dos graduandos não responderam a essa questão.

Os materiais que poderiam ser utilizados aparecem na Tabela 15, com destaque novamente para o fato de os discentes da turma A não responderem novamente esse

questionamento (28,6%), pressupondo a falta de informação de como trabalhar com o tema em sala de aula.

Na turma B foram citados o uso de imagens (28,5%), vídeos (14,3%) e materiais concretos (14,3%). Fonseca (2008) afirma que o uso de vídeos é um procedimento mais rápido e com foco em discussões sobre episódios específicos para este fim, sendo útil para ser trabalhado no contexto da sala de aula.

Tabela 15 - Conhecimentos e opiniões de discentes turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os materiais que poderiam ser utilizados para realização das atividades de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=12).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Imagens	-	-	2	28,5
Vídeos	-	-	1	14,3
Materiais concretos	-	-	1	14,3
Nenhum	1	14,3	1	14,3
Projektor	-	-	1	14,3
Não respostas	2	28,6	1	14,3
Materiais lúdicos	1	14,3	-	-
Kits de primeiros socorros	1	14,3	-	-
Literatura infanto-juvenil	1	14,3	-	-
Materiais específicos para isso	1	14,3	-	-
TOTAL	7	100	7	100

Fonte: da própria autora.

Procurou-se identificar ainda o que os graduandos consideravam importante ser feito para favorecer sua atuação profissional com a temática, e verificou-se que na turma A, 37,5% não responderam a questão, e houve sugestões para que o tema fosse mais trabalhado na graduação (12,5%), que houvesse busca de informações sobre o tema (12,5%) e realização de cursos específicos sobre a temática (12,5). Na turma B, sugeriu-se que houvesse capacitações sobre o tema (33,6%), produção de material específico para os alunos sobre o tema (16,6%), ocorrência de atividades lúdicas (16,6%) e debates com coordenadores para pensar nas atividades conforme especificidades da comunidade escolar (16,6%). A Tabela 16 apresenta os resultados obtidos com as respostas dos participantes.

Vilas Bôas (2013) identificou que procedimentos lúdicos de ensino se constituem ferramentas de auxílio para o trabalho docente em sala de aula, uma vez que permite que os alunos se envolvam ativamente no processo de ensino e de aprendizagem, em situações motivadoras e possibilitam a transmissão de conhecimentos científicos de modo prazeroso.

Tabela 16 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre o que poderia ser feito para favorecer a atuação profissional nas atividades de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=12).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Capacitação	-	-	2	33,6
Produção de material específico para os alunos sobre o tema	-	-	1	16,6
Atividades lúdicas	-	-	1	16,6
Debates com coordenadores para pensar nas atividades conforme especificidades da comunidade escolar.	-	-	1	16,6
Não respostas	3	37,5	1	16,6
Ser mais trabalhado na graduação	1	12,5	-	-
Buscar informações	1	12,5	-	-
Cursos específicos	1	12,5	-	-
Ser mais trabalhada com os professores	1	12,5	-	-
Se aprofundar (estudar) sobre a temática	1	12,5	-	-
TOTAL	8	100	6	100

Fonte: da própria autora.

Com relação aos discentes que afirmaram que já atuavam na educação básica, na turma A 54,5% informaram que não abordaram a temática da prevenção de acidentes infantis em sala de aula e 45,5% disseram que sim. Na turma B, identificou-se que 73,1% não haviam abordado a temática em sala de aula e 26,9% alegaram que sim.

Foram questionados ainda os motivos pelos quais os discentes não haviam realizado tais atividades, e houve destaque na turma A para a falta de espaço e/ou possibilidade (50%), dentre outras razões. Na turma B, as respostas mais frequentes foram: não houve espaço para abordar a temática (29,1%), não é um tema curricular (12,5%) e o assunto é abordado no dia a dia (12,5%), conforme observado na Tabela 17.

Tabela 17 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os motivos pelos quais não realizaram as atividades de prevenção de acidentes infantis em sala de aula (N=25).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Não houve espaço para abordar a temática	4	50,0	7	29,1
Não é um tema curricular	1	12,5	3	12,5
Não teve necessidade	1	12,5	2	8,3
Não tem conhecimento sobre o tema	1	12,5	2	8,3
Assunto é abordado no dia a dia	-	-	3	12,5
Toma cuidados diários para prevenção de acidentes	-	-	1	4,2
Nunca atentou-se para o assunto	-	-	1	4,2
Não há espaço no planejamento	1	12,5	1	4,2
O assunto não pode ser trabalhado com crianças de 3 anos	-	-	1	4,2
Houve apenas informes sobre o tema	-	-	1	4,2
Não respostas	-	-	1	4,2
Atua com ensino fundamental II e ensino médio.	-	-	1	4,2
TOTAL	8	100	24	100

Fonte: da própria autora.

Dentre os discentes que alegaram já ter abordado a temática enquanto atuava em sala de aula na turma A, 20% informaram ter trabalhado com o assunto da prevenção de acidentes e 20% trabalharam com o tema das queimaduras. Na turma B o assunto mais trabalhado foi o comportamento da criança na escola que podem causar prejuízos ao seu desenvolvimento (27,2%), dentre outros assuntos que constam na Tabela 18.

Tabela 18 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os assuntos que abordaram nas atividades de prevenção de acidentes infantis que realizaram em sala de aula (N=12).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Comportamento da criança na escola que podem causar prejuízos ao seu desenvolvimento	-	-	3	27,2
Acidentes domésticos	-	-	1	9,1
Acidentes escolares	1	10,0	1	9,1
Violência	-	-	1	9,1
Quedas	-	-	1	9,1
Mordidas	-	-	1	9,1
Intoxicação	-	-	1	9,1
Cuidados específicos com o material escolar	-	-	1	9,1
Respeito e limites	-	-	1	9,1
Prevenção	2	20,0	-	-
Queimaduras	2	20,0	-	-
Afogamento	1	10,0	-	-
Cuidados	2	20,0	-	-
Primeiros socorros	1	10,0	-	-
Objetos cortantes	1	10,0	-	-
TOTAL	10	100	11	100

Fonte: da própria autora.

Os assuntos foram abordados na turma A ao longo do ano (40%), na apresentação de novos espaços (20%), ao longo do dia (20%) e durante o relato de experiências (20%). Na turma B, os assuntos foram abordados quando acontecia algum acidente (37,5%), diariamente (25%), no início do ano (25%) e em conversas (12,5%).

As atividades tiveram duração na turma A de 15 a 20 minutos (40%), quatro aulas (20%), poucos minutos (20%) e ao longo do dia (20%). Na turma B a duração foi de até 10 minutos (42,8%), 30 minutos (14,3%), 20 minutos (14,3%), 2 horas (14,3%) e continuamente (14,3%).

Os discentes da turma A consideraram pertinente trabalhar o assunto em sala de aula para ensinar sobre a prevenção de acidentes (60%), para conscientização dos alunos (20%) e um graduando não respondeu a questão (20%).

Na turma B os graduandos informaram que abordaram o assunto em razão da observação ao risco eminente (14,3%) e da ocorrência de acidentes nos mesmos lugares (14,3%), porque os alunos fazem atividade doméstica e ainda não compreendem a totalidade do corpo (14,3%), para conscientizar sobre o respeito (14,3%), para melhorar o tempo do brincar das crianças (14,3%), para refletir sobre o assunto com os alunos (14,3%) e para orientar sobre os cuidados que os alunos devem tomar (14,3%).

Tabela 19 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os tipos de atividades que foram realizadas em sala de aula nas atividades de prevenção de acidentes infantis (N=12).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Rodas de conversa	3	37,5	5	55,6
Auxílio na hora de brincar	-	-	1	11,1
Conversas individuais	1	12,5	1	11,1
Palestra	-	-	1	11,1
Nenhuma atividade específica, mas ao longo do ano	-	-	1	11,1
Atividades de recorte e cole	1	12,5	-	-
Discussões sobre o tema	1	12,5	-	-
Questionamentos	1	12,5	-	-
Vídeos	1	12,5	-	-
TOTAL	8	100	9	100

Fonte: da própria autora.

As atividades foram realizadas principalmente de modo oral tanto na turma A por meio de rodas de conversa (37,5%) ou em discussões sobre o tema (12,5%) e oralmente ao longo do dia (12,5%), como na turma B especialmente por meio de rodas de conversa (55,6%), tal como aparece na Tabela 19.

Tabela 20 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os materiais que foram utilizados nas atividades de prevenção de acidentes infantis que realizaram em sala de aula (N=12).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Não respostas	1	16,7	2	25,0
Nenhum	-	-	2	25,0
Materiais relacionados à saúde e primeiros socorros	-	-	1	12,5
Exemplos	-	-	1	12,5
Oralmente	2	33,2	1	12,5
Notícias de jornais	-	-	1	12,5
Livros didáticos	1	16,7	-	-
Vídeos da internet	1	16,7	-	-
Sinalização do ambiente e dos materiais	1	16,7	-	-
TOTAL	6	100	8	100

Fonte: da própria autora.

Apesar de ter sido trabalhado principalmente oralmente, outros materiais também foram utilizados pelos professores da turma A, tais como: livros didáticos (16,7%) e vídeos da internet (16,7%), e na turma B: materiais relacionados à saúde e primeiros socorros (12,5%) e notícias de jornais (12,5%), tal como constam na Tabela 20.

Os professores da turma A avaliaram os alunos por meio de conversas (28,6%), resposta a questionários (14,3%) e desenhos (14,3%). Na turma B os professores fizeram avaliações por meio da observação na diminuição dos riscos (12,5%) e do comportamento do aluno (12,5%), dentre outras formas que são apresentadas na Tabela 21.

Tabela 21 - Conhecimentos e opiniões de discentes turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre as formas de avaliação das atividades de prevenção de acidentes infantis que realizaram em sala de aula (N=12).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Diminuição dos riscos	-	-	1	12,5
Não houve avaliação	1	14,3	1	12,5
Observação do comportamento do aluno	-	-	1	12,5
Cuidado nos brinquedos	-	-	1	12,5
Redução dos casos de mordidas	-	-	1	12,5
Conscientização dos alunos	-	-	1	12,5
O discurso dos alunos quando há situação de risco	2	28,6	1	12,5
Satisfatório	-	-	1	12,5
Respostas aos questionários	1	14,3	-	-
Desenhos	1	14,3	-	-
Não respostas	1	14,3	-	-
Resposta inespecífica	1	14,3	-	-
TOTAL	7	100	8	100

Fonte: da própria autora.

Questionou-se também se os graduandos conheciam alguma legislação que aborda a temática dos acidentes infantis e constatou-se que todos os discentes da turma A (100%) não tinham conhecimentos. Na turma B, observou-se que 97,1% dos discentes também não tinham conhecimento, sendo que apenas um graduando alegou saber de leis que abordem a temática, embora não tenha recordado especificamente quais seriam elas.

Foi proposto que os graduandos fizessem comentários e /ou sugestões, caso assim desejassem. A maioria dos discentes da turma A não respondeu (47,4%) ou não gostariam de fazer comentários (42,1%). Foi sugerido que as perguntas do questionário fossem melhor explicadas (5,3%) e um aluno relatou que embora o tema seja importante, nunca leu nada específico sobre o assunto (5,3%).

Na turma B, foram encontrados resultados similares, visto que 66,7% não responderam a essa questão e 13,9% não desejaram fazer comentários e/ou sugestões. Foi sugerido que houvesse uma explicação prévia sobre o tema (5,6%) e houve a parabenização pela abordagem do tema (2,8%), dentre outras respostas que se encontram dispostas na Tabela 22.

Tabela 22 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os comentários e/ou sugestões sobre o questionário respondido (N=54).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Não respostas	9	47,4	24	66,7
Não	8	42,1	5	13,9
Poderia haver uma explicação prévia sobre o tema	1	5,3	2	5,6
Parabenização pela abordagem do tema	-	-	1	2,8
Já presenciou o despreparo da escola com a temática.	-	-	1	2,8
Importante implementar o assunto nos cursos de Pedagogia	-	-	1	2,8
Contribuição para formação de professores com a temática	-	-	1	2,8
Gostaria que houvesse uma implementação no curso de Pedagogia de uma disciplina de primeiros socorros	-	-	1	2,8
Desconhecimento do tema	1	5,3	-	-
TOTAL	19	100	36	100

Fonte: da própria autora.

Solicitou-se ainda que os graduandos mencionassem os aspectos positivos quanto ao preenchimento do questionário.

Na turma A, houve destaque para a reflexão sobre a importância do assunto (36,8%) e a percepção de que o conteúdo deve ser abordado no curso de Pedagogia (15,8%). Na turma B, 25,6% dos graduandos não responderam a essa questão, sendo que foi citada a percepção de que este é um conteúdo a ser abordado no curso de Pedagogia (17,9%) e a reflexão sobre a importância do tema (17,9%).

Os dados evidenciam que os discentes demonstram reconhecimento da relevância da temática, bem como identificam a importância do tema na formação dos pedagogos, enquanto futuros professores atuantes na rede básica de ensino.

A intervenção realizada favoreceu o olhar dos graduandos para a sensibilização do tema. Estudos futuros poderiam ser realizados para verificar se o assunto será futuramente abordado em sala de aula, quando os graduandos estiverem atuando no contexto da educação básica.

A Tabela 23 mostra as frequências e porcentagens obtidas com a categorização dos resultados dos questionários.

Tabela 23 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os aspectos positivos quanto ao preenchimento deste questionário (N=54).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Reflexão sobre importância do tema	7	36,8	7	17,9
Perceber que é um conteúdo a ser abordado no curso de Pedagogia.	3	15,8	7	17,9
Não respostas	3	15,8	10	25,6
Apresentar a temática	-	-	3	7,7
Questionário é objetivo	1	5,3	3	7,7
Perceber que o assunto passou despercebido durante o curso	1	5,3	3	7,7
A problematização do tema	1	5,3	2	5,1
Despertou curiosidade/questionamentos sobre a temática	1	5,3	1	2,6
O tema é interessante	-	-	1	2,6
Informações sobre como o professor deve agir em situações de acidentes	-	-	1	2,6
Questionário é claro	1	5,3	1	2,6
Se atentar para as possibilidades de acidentes infantis	1	5,3	-	-
TOTAL	19	100	39	100

Fonte: da própria autora.

Também foram questionados os aspectos negativos quanto ao preenchimento do questionário, sendo que na turma A 40% não identificaram aspectos negativos e 30% não responderam. Na turma B, 62,2% dos graduandos não responderam a essa questão e foi citada a falta de subsídio para falar sobre o tema (8,1%) e o tamanho do questionário (5,4%) como aspectos negativos, tal como consta na Tabela 24.

Tabela 24 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma A do curso de Pedagogia sobre os aspectos negativos quanto ao preenchimento deste questionário (N=54).

Categorias	Turma A	%	Turma B	%
Não respostas	6	30,0	23	62,2
Não ter subsídio para falar sobre o tema	-	-	3	8,1
Não há aspectos negativos	8	40,0	2	5,4
Tamanho do questionário	-	-	2	5,4
Questionário vago/ difícil entendimento	3	15,0	2	5,4
Não conseguir aprofundar o conhecimento	1	5,0	2	5,4
Horário de aplicação do questionário (durante a aula)	-	-	1	2,7
Precisaria de maior reflexão para responder a questão 5	-	-	1	2,7
Parte do pressuposto que professoras conhecem o assunto	-	-	1	2,7
Muitas questões abertas	1	5,0	1	2,7
Focar na prevenção de acidentes	1	5,0	-	-
TOTAL	20	100	37	100

Fonte: da própria autora.

5.2 Conhecimentos e opiniões dos discentes de Pedagogia da Universidade do interior paulista

A Tabela 25 apresenta os conceitos de acidentes apresentados pelos graduandos de ambas as turmas da Universidade do estado de São Paulo.

Tabela 25 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de São Paulo sobre o conceito de acidentes infantis (N=42).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Danos físicos/psicológicos em crianças	3	11,1	10	18,5
Fatos inevitáveis	1	3,7	8	14,8
Situações involuntárias que colocam a criança em risco	4	14,8	4	7,4
Descuido de adultos/responsáveis	4	14,8	4	7,4
Acidentes sofridos pela criança	3	11,1	6	11,1
Ferimentos	2	7,4	1	1,9
Descuido de adultos com o ambiente	2	7,4	1	1,9
Não respostas	1	3,7	3	5,6
Acidente doméstico	1	3,7	-	-
Acidente escolar	1	3,7	-	-
Ocorre pelo comportamento da criança	2	7,4	2	3,7
Quedas /Batidas	2	7,4	1	1,9
Acidente ocorrido fora do ambiente escolar	1	3,7	-	-
Queimaduras	-	-	2	3,7
Fatos passíveis de prevenção	-	-	3	5,6
Quando a criança se machuca com um objeto	-	-	1	1,9
Falta de estrutura nos materiais oferecidos na escola	-	-	1	1,9
Ferimentos decorrentes de conflitos entre crianças	-	-	1	1,9
Choques elétricos	-	-	1	1,9
Sangramento	-	-	1	1,9
Fatos previsíveis	-	-	1	1,9
Fatos que podem provocar a morte	-	-	1	1,9
Fatos eventuais com crianças	-	-	2	3,7
TOTAL	27	100	54	100

Fonte: da própria autora.

Percebe-se que os graduandos da turma C afirmam que o conceito de acidentes se refere a um descuido de adultos e/ou responsáveis pelas crianças (14,8%), situações involuntárias que colocam a criança em risco (14,8%), danos físicos/ psicológicos em crianças (11,1%) e acidentes sofridos pelas crianças (11,1%). Já os graduandos da turma D informaram que se trata de: danos físicos/ psicológicos em crianças (18,5%), fatos inevitáveis (14,8%), acidentes sofridos pela criança (11,1%), descuido de adultos e/ou responsáveis (7,4%) e situações involuntárias que colocam a criança em risco (7,4%).

Tal como observado nas turmas A e B, o conceito de imprevisibilidade dos acidentes infantis também foi recorrente nas turmas C e D.

O conceito de previsibilidade dos acidentes foi constatado entre as turmas A e D, sendo que as turmas B e C não citaram situações que podem evitar a ocorrência de acidentes infantis, indicando que tinham maiores necessidades para a aquisição de conhecimentos sobre o tema.

Questionou-se se os discentes já tinham lido ou ouvido falar sobre acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade, sendo que 64,7% dos alunos da turma C e 52% da turma D disseram que sim.

Entre todas as turmas, a C foi que apresentou maior índice de resposta afirmativa para essa questão.

Os assuntos que os graduandos da turma C mais tiveram conhecimento foram sobre os tipos de acidentes (32,3%), sua prevenção (22,6%) e causas (16,1%), já na turma D os assuntos foram: prevenção (34,4%) e tipos de acidentes (21,9%), tal como aparece na Tabela 26.

Tabela 26 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os assuntos que receberam informações referentes ao tema dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade (N=24).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Tipo de acidentes	10	32,3	7	21,9
Prevenção	7	22,6	11	34,4
Causas	5	16,1	6	18,7
Consequências	4	12,9	6	18,7
Tratamento	4	12,9	2	6,3
Queimaduras	1	3,2	-	-
TOTAL	31	100	32	100

Fonte: da própria autora.

Os assuntos foram transmitidos principalmente por meio da televisão e pela internet, tanto para os discentes da turma C quanto para os alunos da turma D, tal como aparecem na Tabela 27.

Na turma C, os assuntos foram abordados principalmente por meio da televisão (29,4%) e da internet (29,4%) e já na turma D os índices de prevalência foram pela televisão (26,3%), internet (21,1%) e durante a faculdade (10,5%).

Tabela 27- Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os meios de comunicação que receberam informações sobre o tema dos acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade (N=24).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
TV	5	29,4	5	26,3
Internet	5	29,4	4	21,1
Faculdade	-	-	2	10,5
Bombeiros	2	11,8	-	-
Família/ amigos	2	11,8	-	-
No ambiente de trabalho	1	5,9	2	10,5
Escola onde estudou	-	-	1	5,3
Congresso/ Jornada	1	5,9	1	5,3
Relatos de profissionais que trabalham em instituições de ensino	1	5,9	-	-
Grupos de Estudo	-	-	1	5,3
Artigos	-	-	1	5,3
Curso da Prefeitura de Marília	-	-	1	5,3
Não respostas	-	-	1	5,3
TOTAL	17	100	19	100

Fonte: da própria autora.

As opiniões dos discentes sobre as informações recebidas encontram-se representadas na Tabela 28.

Tabela 28 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as informações referentes ao tema dos acidentes infantis recebidas fora das atividades curriculares da faculdade (N=24).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Importante	3	27,2	3	20,0
Útil para ajudar na prevenção de acidentes.	2	18,2	3	20,0
Interessante	2	18,2	1	6,7
Sem aprofundamento	1	9,1	1	6,7
Útil para poder prestar os primeiros socorros	1	9,1	1	6,7
Muito significativo para o trabalho com crianças	1	9,1	-	-
Não respostas	1	9,1	3	20,0
Importante para a atuação na educação infantil	-	-	1	6,7
Temos pouco enfoque do assunto na formação	-	-	1	6,7
Clara e objetiva	-	-	1	6,7
TOTAL	11	100	15	100

Fonte: da própria autora.

As informações foram consideradas importantes (27,2%), úteis para ajudar na prevenção de acidentes (18,2%) e interessantes (18,2%) para os discentes da turma C e importantes (20%) e úteis para ajudar na prevenção de acidentes (20%) para os graduandos da turma D.

Percebe-se que em todas as turmas houve reconhecimento da relevância da temática, embora as turmas A e B tenham indicado que as informações recebidas se apresentaram de modo superficial.

Quando questionado se os discentes já leram ou ouviram falar sobre acidentes infantis nas atividades curriculares do seu atual curso de graduação, apenas um aluno da turma C informou que sim e 20% na turma D já haviam recebido informações.

O aluno da turma C informou que recebeu orientações sobre os tipos de acidentes e sua prevenção, durante uma disciplina que não se recorda o nome, do segundo ano de graduação. As informações foram transmitidas de forma expositiva durante as aulas, e ele considerou as informações superficiais, porém importantes.

Dentre os estudantes da turma D que afirmaram ter recebido a informação durante a graduação (20%), os assuntos abordados sobre o tema foram: prevenção (38,5%), causas dos acidentes (30,8%), tipos de acidentes (15,4%), consequências (7,7%) e tratamento (7,7%).

As turmas B e C receberam menos orientações sobre o tema durante o curso de graduação, sendo que nenhum e somente um aluno afirmaram, respectivamente, já ter discutido o tema no contexto do ensino superior.

As informações foram transmitidas durante as disciplinas de Fundamentos da educação infantil (80%) e em um curso de um evento realizado na Universidade (20%), no segundo (80%) e primeiro ano (20%) de faculdade.

As informações foram transmitidas por meio de aulas expositivas (30%), textos (20%) e discussões em sala de aula (20%), imagens (10%), mudanças no ambiente (10%) e apresentação de estudos de caso (10%).

Os discentes consideraram as informações: úteis (33,6%), importantes (16,6%), interessantes (16,6%), repetidas (16,6%) e houve interesse em ter estudado mais sobre o assunto (16,6%).

Um fato interessante observado foi que alguns discentes informaram ter obtido informações durante a graduação sobre o tema, quer seja na disciplina do curso ou em evento científico. A disciplina de Fundamentos da Educação Infantil aborda questões sobre o cuidado no contexto escolar e acredita-se que os graduandos devem ter recebido orientações acerca da temática, tal como lembraram uma pequena parcela do total de discentes, entretanto, acredita-se que poderiam ser realizadas atividades mais significativas que despertassem maior interesse e implicassem em um aprendizado mais efetivo para os graduandos.

Questionou-se a opinião dos graduandos sobre a importância em aprender ou realizar alguma atividade sobre acidentes infantis nas atividades curriculares do curso de Pedagogia,

sendo que 100% dos estudantes da turma C informaram quem sim tal como informaram 92% dos discentes da turma D.

Quanto ao reconhecimento da importância da temática, apenas nas turmas A e C houve 100% de respostas positivas.

Observa-se que todos os discentes da turma C demonstraram sensibilização diante da pertinência da temática, sendo que na turma D houve alunos que não indicaram o reconhecimento da pertinência de se abordar o assunto durante o curso de graduação.

Quando indagados sobre os motivos pelos quais o tema não deveria ser abordado em sala de aula, um aluno da turma D afirmou que acha muito válido e importante o tema, mas acredita que a grade já possui muitos assuntos e outro graduando informou que há pouco aprofundamento em LIBRAS, em ciências, matemática, literatura e esses assuntos são de mais urgência para a formação do pedagogo.

Percebe-se que o curso de Pedagogia abrange muitos assuntos relevantes para a formação do professor e que principalmente com a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino, a procura do futuro professor por conhecimentos que os auxiliem na prática profissional são urgentes. O curso oferecido pela Universidade do Estado de São Paulo traz os conhecimentos básicos para que o pedagogo compreenda a língua de sinais, o Braille, a comunicação alternativa, etc., entretanto, são apenas conhecimentos básicos, que deverão ser futuramente melhor estudados por cada graduando. Assim, acredita-se que embora a grade curricular já disponha de muitos conteúdos, há a necessidade de se pensar em questões relacionadas à educação em saúde, na qual a temática da prevenção dos acidentes infantis e os primeiros socorros poderão ser abordados.

A Tabela 29 apresenta os assuntos que os graduandos consideraram importantes de ser discutidos nas atividades curriculares do curso.

Tabela 29 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os assuntos que poderiam ser discutidos nas atividades curriculares do curso (N=40).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Prevenção	15	23,4	20	23,3
Tipo de acidentes	13	20,3	16	18,6
Causas	13	20,3	18	20,9
Tratamento	12	18,8	14	16,3
Consequências	11	17,2	17	19,8
Todos os assuntos	-	-	1	1,2
TOTAL	64	100	86	100

Fonte: da própria autora.

Com relação aos assuntos que os discentes gostariam de saber houve destaque para a prevenção de acidentes (23,4%), os tipos de acidentes (20,3%) e suas causas (20,3%) na turma C. Na turma D houve maior interesse pela prevenção (23,3%), causas dos acidentes (20,9%) e consequências (19,8%).

O assunto poderia ser abordado na disciplina de estágio na educação infantil e ensino fundamental (23,8%) e em uma disciplina optativa (19%), segundo o relato dos alunos da turma C. Os discentes da turma D também citaram a disciplina de estágio na educação infantil e ensino fundamental (45,8%) além de indicarem a possibilidade de se criar uma disciplina específica na grade do curso (16,7%). As demais respostas fornecidas pelos discentes constam na Tabela 30.

Tabela 30 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as disciplinas em que poderia ser discutido o tema dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso (N=40).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Estágio na educação infantil e fundamental	5	23,8	11	45,8
Disciplina optativa	4	19,0	-	-
Não respostas	2	9,5	3	12,5
Psicologia	2	9,5	1	4,2
Primeiros socorros	2	9,5	-	-
Criar uma disciplina específica	2	9,5	4	16,7
Não sei	-	-	1	4,2
Resposta inespecífica	-	-	1	4,2
Poderia ser abordado em um evento	-	-	1	4,2
Disciplina de saúde infantil	1	4,8	-	-
Uma nos primeiros anos e uma nos últimos	1	4,8	-	-
Fundamentos da educação infantil	1	4,8	1	4,2
Educação inclusiva	1	4,8	1	4,2
TOTAL	21	100	24	100

Fonte: da própria autora.

Os discentes da turma C indicaram o uso de vídeos (20%) e aulas expositivas (15%) como as estratégias de ensino-aprendizagem que poderiam ser utilizadas durante a ação educativa.

Já os graduandos da turma D citaram as aulas expositivas (14,8%) e aulas práticas (11,1%). Outras respostas obtidas estão representadas na Tabela 31.

Tabela 31 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as estratégias de ensino-aprendizagem que poderiam ser utilizadas com o tema dos acidentes infantis nas atividades curriculares do curso (N=40).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Não respostas	8	40,0	11	40,8
Vídeos	4	20,0	-	-
Aula expositiva	3	15,0	4	14,8
Primeiros socorros	2	10,0	-	-
Dinâmicas	1	5,0	-	-
Fotos	1	5,0	2	7,4
Diálogos	1	5,0	1	3,7
Aulas práticas	-	-	3	11,1
Não sei	-	-	2	7,4
Estudos de caso	-	-	2	7,4
Textos	-	-	1	3,7
Jogos de estratégias	-	-	1	3,7
TOTAL	20	100	27	100

Fonte: da própria autora.

Os conteúdos sugeridos pelos graduandos estão descritos na Tabela 32.

Tabela 32 - Conhecimentos e opiniões de discentes da das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os conteúdos que poderiam ser abordados nas atividades curriculares do curso (N=40).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Tipos de acidentes	6	21,4	2	6,7
Prevenção	6	21,4	5	16,1
Primeiros socorros	5	17,8	2	6,7
Não respostas	3	10,7	6	19,4
Todos relacionados aos acidentes infantis	3	10,7	4	12,9
Causas	2	7,1	5	16,1
Consequências	1	3,6	1	3,2
Acidente de trânsito	1	3,6	-	-
Não sei	-	-	1	3,2
Acidentes de acordo com a faixa etária	-	-	1	3,2
Saúde e bem estar	1	3,6	1	3,2
Estrutura física das escolas públicas	-	-	1	3,2
Violência doméstica	-	-	1	3,2
Negligência escolar	-	-	1	3,2
TOTAL	28	100	31	100

Fonte: da própria autora.

Percebe-se que os graduandos da turma C citaram: os tipos de acidentes (21,4%), sua prevenção (21,4%) e os primeiros socorros (17,8%). Já na turma D o destaque foi para a prevenção (16,1%) e as causas dos acidentes (16,1%).

Interessante notar que a prevenção foi citada no questionário respondido pelos graduandos do curso de Pedagogia. Segundo Vieira et al. (2005, p. 79) a escola enquanto um “espaço ideal para fortalecer a implantação de ‘sementes’ preventivas em relação aos acidentes com crianças e adolescentes”, exerce papel fundamental para a conscientização dos riscos aos quais a crianças está exposta no ambiente doméstico e disseminação de conhecimentos que possibilitem a prevenção dos mesmos.

Para os discentes da turma C, o assunto deveria ser abordado pelo professor da disciplina (25%) e por profissionais da área da saúde (15%). Para a turma D, o assunto deveria ser abordado também pelo professor da disciplina (26,2%) ou por um profissional da área (17,4%), conforme consta na Tabela 33.

Tabela 33 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre quem deveria abordar o assunto nas atividades curriculares do curso (N=40).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Pelo professor da disciplina	5	25,0	6	26,2
Profissional da área da saúde	3	15,0	1	4,3
Resposta inespecífica	3	15,0	4	17,4
Profissional da área.	2	10,0	4	17,4
Não respostas	2	10,0	7	30,4
Enfermeiros	2	10,0	-	-
Técnicos em segurança	1	5,0	-	-
Profissionais que atendem esse tipo de acidente	1	5,0	-	-
Pelo professor de estágio	1	5,0	-	-
Profissional da educação infantil	-	-	1	4,3
TOTAL	20	100	23	100

Fonte: da própria autora.

Foi questionado se os graduandos já atuavam na educação básica, sendo que na turma C 64,7% afirmaram que sim e 35,3% ainda não atuavam na área. Já na turma D, 56% dos graduandos não atuavam na educação básica e 44% afirmaram que sim.

Percebe-se que as turmas B e C foram as que possuíam mais discentes já inseridos no contexto da educação básica, quer seja como professores e/ou estagiários em salas da educação infantil e ensino fundamental.

Quando indagado para aqueles que não atuavam na educação básica, se os mesmos pretendiam realizar alguma atividade de prevenção de acidentes com seus alunos em sala de aula depois de formados, dois graduandos (33,3%) da turma C informaram que não, pois não tinham o conhecimento suficiente sobre o tema. Na turma D, 93% afirmaram que abordariam o tema e 7% não respondeu a essa questão.

Os discentes da turma A e B indicaram que o tema não deveria ser abordado além da rotina de combinados e não possui tanta relevância. Já na turma D houve um percentual considerável de não preenchimento da questão. A turma C constituiu-se, portanto, a turma com maior interesse em obter informações sobre a temática para que pudessem ter condições de abordar futuramente o tema em sala de aula.

Os locais indicados para realização das atividades na turma C foram: a escola (50%) e a sala de aula (50%), assim como ocorreu na turma D: escola (35,8%) e a sala de aula (21,4%), tal como está na Tabela 34. Destaca-se que na turma C só 6 graduandos não estavam atuando na educação básica, sendo que dentre eles, apenas 4 informaram que trabalhariam com o tema depois de formados.

Tabela 34- Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os locais onde realizaria a atividade de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=17).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Escola	2	50,0	5	35,8
Sala de aula	2	50,0	3	21,4
Em todos os espaços	-	-	2	14,3
Nas escolas de ensino infantil	-	-	2	14,3
Em ambientes que podem vir a causar acidentes	-	-	1	7,1
Simulação de um espaço doméstico	-	-	1	7,1
TOTAL	4	100	14	100

Fonte: da própria autora.

Os discentes da turma C indicaram que poderia ser realizada uma atividade específica (25%), uma atividade de conscientização (25%) e vídeos sobre o assunto (25%). Já a turma D sugeriu a realização de atividades de prevenção (28,5%) e conscientização (28,5%). Outras categorias de respostas estão descritas na Tabela 35.

Tabela 35 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as atividades que realizariam acerca da atividade de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=17).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Atividade de prevenção	-	-	4	28,5
Atividade de conscientização	1	25,0	4	28,5
Prepararia uma aula específica	1	25,0	-	-
Vídeo sobre o assunto	1	25,0	1	7,1
Não respostas	1	25,0	2	14,4
Teria que pesquisar sobre o assunto	-	-	1	7,1
Palestra	-	-	1	7,1
Teatro infantil	-	-	1	7,1
TOTAL	4	100	14	100

Fonte: da própria autora.

Para os discentes da turma C, as atividades deveriam ser realizadas com todos os envolvidos com a criança (50%), e a turma D informou que poderia ser realizada com os alunos (23,1%) e crianças da educação infantil (15,4%), tal como aparece na Tabela 36.

Tabela 36 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a população em que realizariam atividade relacionada à prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=17).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Todos os envolvidos com a criança	2	50,0	-	-
Alunos	1	25,0	3	23,1
Crianças de 5 aos 11 anos	1	25,0	2	15,4
Não respostas	-	-	3	23,1
Alunos e professores	-	-	1	7,7
Com os familiares	-	-	1	7,7
Crianças a partir de 3 anos de idade	-	-	1	7,7
Crianças da educação infantil	-	-	2	15,4
TOTAL	4	100	13	100

Fonte: da própria autora.

Os vídeos (42,8%) e os livros (28,6%) foram materiais indicados pelos discentes da turma C como possíveis de serem utilizados nas atividades envolvendo a temática. Para a turma D, poderiam ser utilizados vídeos (14,1%) e materiais utilizados em casa (9,3%). Outras respostas são identificadas na Tabela 37.

Tabela 37- Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas A e B do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo sobre os materiais que seriam utilizados nas atividades de prevenção de acidentes infantis que realizariam depois de formados (N=17).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Não respostas	-	-	4	19,0
Vídeos	3	42,8	3	14,1
Materiais utilizados em casa	-	-	2	9,3
Livros	2	28,6	1	4,8
Kit de primeiros socorros	1	14,3	-	-
Materiais que simbolizam perigo	1	14,3	1	4,8
Orientações verbais	-	-	1	4,8
Depende do público alvo	-	-	1	4,8
Panfletos	-	-	1	4,8
Slides	-	-	1	4,8
Textos	-	-	1	4,8
Fotos	-	-	1	4,8
Depoimentos	-	-	1	4,8
Filmes	-	-	1	4,8
Cartazes	-	-	1	4,8
Internet	-	-	1	4,8
TOTAL	7	100	21	100

Fonte: da própria autora.

Os discentes de ambas as turmas alegaram que abordar o tema durante o curso de Pedagogia poderia favorecer o trabalho da temática na educação básica, tal como consta na Tabela 38.

Tabela 38 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre o que poderia ser feito para favorecer a atuação profissional nas atividades de prevenção de acidentes infantis depois de formado (N=17).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Não respostas	2	50,0	2	15,4
Criação de uma disciplina sobre a temática no curso de Pedagogia.	1	25,0	-	-
Abordar o tema durante o curso de Pedagogia	1	25,0	2	15,4
Não sei	-	-	1	7,7
Realização de projetos com o tema	-	-	1	7,7
Mobilização da comunidade para discussão das atividades	-	-	1	7,7
Cursos ou eventos que abordem esse assunto	-	-	1	7,7
Oferecer orientação para o professor conscientizar o aluno	-	-	1	7,7
Mostrar a importância de se tratar o tema	-	-	1	7,7
Divulgar mais o tema	-	-	1	7,7
Estimular a prevenção	-	-	1	7,7
Realização de projetos com o tema envolvendo toda a escola e comunidade.	-	-	1	7,7
TOTAL	4	100	13	100

Fonte: da própria autora.

Dentre os discentes que já atuam na educação básica, 100% da turma D e 81,8% da turma C informaram que não abordaram em sala de aula a temática da prevenção de acidentes infantis, sendo que a falta de oportunidade foi assinalada como a principal razão pela não realização das atividades, outras respostas obtidas foram transcritas na Tabela 39.

Percebe-se que em todas as turmas a falta de oportunidade foi o maior empecilho para a realização de atividades sobre a prevenção de acidentes infantis, seguida pelo assunto não fazer parte do currículo e por não ter se pensado no tema ainda.

O presente estudo contribuiu não apenas para a disseminação de informações sobre a temática, mas permitiu também que os alunos refletissem sobre a pertinência do tema que é tão frequente entre os escolares, mas que não é abordado curricularmente ou em atividades interdisciplinares no contexto escolar.

Tabela 39- Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os motivos pelos quais não realizaram as atividades de prevenção de acidentes infantis em sala de aula (N=20).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Não teve oportunidade	4	36,3	5	38,4
O assunto não faz parte do currículo	2	18,2	1	7,7
Falta de conhecimento sobre o assunto	1	9,1	1	7,7
Não havia pensado sobre o tema	1	9,1	2	15,4
O conhecimento que tem é apenas sobre as situações vivenciadas	1	9,1	-	-
Há outros profissionais na escola orientando sobre o tema	1	9,1	-	-
Orienta oralmente os alunos sobre o tema	1	9,1	-	-
Não respostas	-	-	3	23,1
Não viu o tema ser abordado anteriormente na escola	-	-	1	7,7
TOTAL	11	100	13	100

Fonte: da própria autora.

Com relação a realização de atividades sobre a prevenção de acidentes infantis em sala de aula, houve destaque para a turma A, sendo que quase metade dos discentes já haviam abordado e trabalhado com o tema.

Os discentes da turma C que já haviam trabalhado com o tema em sala de aula, informaram que foram trabalhados os assuntos: prevenção dos acidentes (40%), conceito de acidentes (20%), causas dos acidentes (20%) e tratamentos (20%).

Os assuntos foram abordados durante a roda de conversa (50%), entre 20 minutos (50%) e 6 aulas (50%). Os discentes consideraram que as atividades realizadas foram importantes para evitar acidentes (66,7%) e para orientar sobre a prevenção (33,3%). Foram utilizados: plaquinhas de regras (25%), vídeos (15%), imagens (25%) e linguagem oral e escrita (25%).

As atividades foram avaliadas por meio de rodas de conversa (33,3%) e por meio de textos escritos (33,3%). Uma estudante informou que as atividades realizadas foram satisfatórias, embora os acidentes ainda aconteçam devido à idade das crianças.

Questionou-se também se algum graduando possuía conhecimentos sobre documentos e leis que abordem a temática da prevenção de acidentes infantil, sendo que nenhum aluno de ambas as turmas tinha qualquer informação sobre o tema.

Apenas na turma B houve um graduando que informou já ter conhecimentos sobre as leis e documentos que abordem a temática. As demais turmas não tinham informações específicas.

Ao final, foram calculadas as respostas referentes aos comentários e/ou sugestões sobre o tema.

Os graduandos da turma C sugeriram que houvesse a inclusão do tema no curso de Pedagogia (20%) e revelaram a importância da pesquisa (10%). Já na turma D os discentes também indicaram o desejo em receber informações sobre o tema durante a graduação (8%), tal como consta na Tabela 40.

Com relação aos comentários tecidos e sugestões oferecidas, a turma C teve destaque no desejo em inserir o tema na grade curricular do curso de Pedagogia e foi a turma que apresentou menor número de não respostas para essa questão.

Tabela 40 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os comentários e/ou sugestões sobre o questionário respondido (N=42).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Não respostas	4	20,0	16	64,0
Incluir o tema no curso de Pedagogia	4	20,0	2	8,0
Não	3	15,0	4	16,0
A pesquisa é importante	2	10,0	-	-
Resposta inespecífica	1	5,0	-	-
A pesquisa é inovadora	1	5,0	-	-
Muito bom para refletir sobre o assunto no dia a dia, pois é essencial na formação de docentes	1	5,0	1	4,0
Trabalhar a prevenção e o treinamento	1	5,0	-	-
O tema é interessante	1	5,0	-	-
O tema deve ser mais explorado	1	5,0	1	4,0
Uma matéria que tratasse o tema de forma prática	1	5,0	-	-
Gostaria de ter uma devolutiva dessa pesquisa	-	-	1	4,0
TOTAL	20	100	25	100

Fonte: da própria autora.

Os dados dispostos na Tabela 41 retratam os aspectos positivos quanto ao preenchimento do questionário.

Entre os graduandos da turma C houve destaque para o reconhecimento da importância do tema (31,9%) e a possibilidade de reflexão sobre a temática (13,8%). Já na turma D, boa parte dos estudantes não respondeu a essa questão (28,5%) e 25% indicou a relevância da reflexão sobre a temática também.

Percebe-se novamente que a turma C foi a turma que menos deixou a questão em branco, embora todas as turmas tenham elencados aspectos positivos, parabenizando a abordagem do tema e identificando sua relevância.

Tabela 41 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos positivos quanto ao preenchimento deste questionário (N=42).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Importância do tema	7	31,9	1	3,6
Refletir sobre a temática	3	13,8	7	25,0
Não respostas	2	9,1	8	28,5
A conscientização sobre o tema	2	9,1	2	7,1
Refletir sobre a importância de estudar mais sobre o assunto	2	9,1	2	7,1
Questionário bem organizado	-	-	2	7,1
Refletir sobre o que deve ser feito quando ocorrer um acidente	1	4,5	-	-
Tema pouco abordado	1	4,5	-	-
Perceber a importância de se tratar o tema em sala de aula.	1	4,5	1	3,6
Informar os professores para que propaguem as informações recebidas	1	4,5	1	3,6
Refletir sobre o despreparo dos educadores sobre o tema abordado.	1	4,5	-	-
Obter conhecimentos sobre o assunto	1	4,5	-	-
Mostrar que há preocupação e intenção em abordar o assunto	-	-	1	3,6
Conhecer um novo assunto	-	-	1	3,6
Importante para identificar o quanto devemos aprender para melhorar a vida de todos	-	-	1	3,6
Recordar sobre o assunto	-	-	1	3,6
TOTAL	22	100	28	100

Fonte: da própria autora.

Com relação aos aspectos negativos, a maior parte dos discentes não respondeu a pergunta (64,7%) ou disse que nenhum aspecto foi negativo (17,6%) na turma C. Já na turma D, os dados se repetiram, respectivamente, com 52% e 20%. Na turma D houve destaque, ainda, para o fato de terem percebido por meio do questionário, que o assunto não foi abordado no decorrer do curso. Outras respostas podem ser observadas na Tabela 42.

Tabela 42 - Conhecimentos e opiniões de discentes das turmas C e D do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos positivos quanto ao preenchimento deste questionário (N=42).

Categorias	Turma C	%	Turma D	%
Não respostas	11	64,7	13	52,0
Nenhum	3	17,6	5	20,0
O questionário deveria ter sido passado no começo do curso para ir pensando o assunto desde então	1	5,9	-	-
Perceber que o assunto não foi abordado no decorrer do curso	1	5,9	2	8,0
Ficou vago devido à falta de conhecimento sobre o tema	1	5,9	-	-
Questões muito abertas	-	-	1	4,0
Algumas questões difíceis para responder	-	-	1	4,0
Gostaria de receber mais informações de apresentação do projeto, mas o aluno chegou atrasado na aula	-	-	1	4,0
TOTAL	17	100	25	100

Fonte: da própria autora.

De modo geral, observa-se a necessidade de formação adequada aos pedagogos com relação ao tema. No trabalho de Carvalho (2008), 17,9% dos professores referiram ter recebido algum tipo de orientação durante sua formação. Tais resultados apresentados na literatura necessitam ser aprimorados e ações educativas envolvendo universitários tornam-se relevantes para disseminação de conhecimentos e preparação para o trabalho na educação básica.

Os dados corroboram com o presente estudo, no qual também foi verificada a formação inadequada sobre o tema, justificando a realização de ações educativas com universitários do curso de Pedagogia. O tema de educação em saúde não consta nos currículos dos cursos aqui estudados, mas na história do curso de Pedagogia não foi sempre assim.

Blank (2003) afirma que até meados do século retrasado, a puericultura não era mais do que um conjunto de noções e técnicas sobre cuidados de higiene, nutrição e disciplina de crianças pequenas, que era passado de mãe para filha ao longo dos tempos; logo, repleto de mitos e tabus. O que ocasionou a extinção dessa disciplina. Entretanto, o autor defende que deve ser feito um trabalho em equipe com outros profissionais na prestação de serviços preventivos, desde a simples utilização de auxiliares no ambulatório, passando pela divisão real de tarefas com enfermeiros, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e educadores, sobretudo especialistas em desenvolvimento, procurando mobilizar efetivamente toda a comunidade na promoção de saúde. O trabalho deveria priorizar a atenção às chamadas "novas morbidades" como problemas familiares e sociais, problemas escolares e de comportamento, violência e maus-tratos, injúrias físicas, risco de suicídio, obesidade, influências da mídia, abuso de drogas, riscos da atividade sexual, etc.

Ainda com relação à formação dos professores, Tardiff (2002) aponta 4 saberes essenciais, sendo eles: saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais.

Os saberes da formação profissional dizem respeito ao conjunto de saberes que são transmitidos aos professores durante o processo de formação inicial/continuada, envolve os conhecimentos pedagógicos relacionados às técnicas e modos de ensinar.

Os saberes disciplinares constituem os saberes reconhecidos e identificados como pertencentes aos diferentes campos do conhecimento (linguagem, ciências exatas, ciências humanas, ciências biológicas, etc.). Esses saberes, produzidos e acumulados pela sociedade ao longo da história da humanidade, são administrados pela comunidade científica e o acesso a eles deve ser possibilitado por meio das instituições educacionais.

Os saberes curriculares são conhecimentos relacionados à forma como as instituições educacionais fazem a gestão dos conhecimentos socialmente produzidos e que devem ser transmitidos aos estudantes. Apresentam-se sob a forma de programas escolares que os professores devem aprender e aplicar.

Já os saberes experienciais são produzidos pelos docentes por meio da vivência de situações específicas relacionadas ao espaço da escola e às relações estabelecidas com alunos e colegas de profissão (TARDIFF, 2002).

Ainda que o autor destaque os saberes experienciais que estão ligados à práxis docente, os saberes disciplinares fazem-se necessários na formação de futuros profissionais que atuarão na disseminação de conhecimentos que podem gerar mudanças ambientais e comportamentais que afetam diretamente os índices de ocorrência dos acidentes infantis.

5.3 Conhecimentos e opiniões dos professores dos dois cursos de Pedagogia

Um fato relevante observado se refere à área de formação dos professores de Metodologia do Ensino de Ciências em ambas as universidades que fizeram parte do presente estudo. Dois professores tinham formação em física, com Mestrado em ensino de Ciências e Doutorado em História das Ciências e Educação. A outra professora tinha graduação em ciências biológicas, com Mestrado em Imunologia Básica e Aplicada e Doutorado em Educação.

O doutorado na área de Educação permite que professores de diferentes áreas ingressem no ensino superior, tal como no curso de Pedagogia. Entretanto, acredita-se que a temática da prevenção de acidentes infantil não esteve presente na formação desses professores. Assim, acredita-se que a reflexão sobre práticas de ensino no contexto da educação infantil e ensino fundamental dificilmente tenham feito parte da formação desses docentes. É por meio de ações educativas como as realizadas no presente estudo que permitem suscitar as discussões e oferecem subsídios para que os professores permaneçam abordando a temática da prevenção de acidentes infantis no contexto do ensino superior.

Foi indagado o conceito do termo “acidentes infantis” aos professores das disciplinas de Metodologia do ensino de Ciências em ambas as Universidades que aceitaram participar desse Estudo.

O professor da turma A relatou que o termo remete a eventos imprevistos que põem em risco a integridade física e psicológica das crianças.

A professora da turma B relatou que entende que os acidentes infantis podem ser de vários modos, sobretudo, físicos e emocionais. Para ela, no ambiente escolar podem ser causados pelo contato com pessoas e materiais podendo ser intencionalmente causados ou não.

A professora das turmas C e D relatou que acidentes infantis são ocorrências que podem acontecer no ambiente escolar como fraturas decorrentes de quedas, picadas de insetos ou outros animais peçonhentos como aranha, escorpião, etc. Para ela, os acidentes também dizem respeito a situações de alergias alimentares, resultando em dificuldade de respiração em função de vários fatores como crianças diabéticas, e outras situações como crises asmáticas também precisam de cuidados específicos.

Os cuidados de higiene também foram relatados pela professora, lembrando a importância de assepsia nos casos de acidentes leves como machucados, arranhões, entre outros.

Entre os professores universitários a imprevisibilidade dos acidentes é destacada e seu conceito fica restrito às condições físicas e/ou emocionais das vítimas.

Quando indagados se já haviam comentado, apresentado textos e/ou realizado atividades de prevenção de acidentes com os universitários do curso de Pedagogia em algum momento de sua atuação docente, o professor da turma A alegou que não, pois não teve oportunidade nas disciplinas ministradas para a licenciatura e que especificamente na Pedagogia, nunca se ateu a esta questão.

A professora da turma B informou que também não abordou o tema em sala de aula, pois entende que o tema seja trabalhado em outras disciplinas. Segundo ela, no curso de Metodologia do Ensino de Ciências são tratados temas que mencionam a falta ou o tolhimento de participação dos discentes, o que pode ter implicações emocionais, mas não os classificaria como acidente e, portanto, a negativa à resposta.

A professora das turmas C e D informou que é professora iniciante do curso de Pedagogia e era o primeiro ano que assumia a disciplina de Metodologia de Ensino de Ciências, por isso não teve oportunidade de abordar o tema em sala de aula.

Quanto às outras disciplinas e/ou estágio no curso de Pedagogia que poderia contemplar as atividades de prevenção de acidentes, o professor da turma A indicou as disciplinas de Psicologia Escolar e Didática II.

A professora da turma B indicou as disciplinas de Educação Infantil, Cultura Corporal e Psicologia da Educação como passíveis de contemplar atividades de prevenção de acidentes

por tratarem de temas que se aproximam da definição que ela mencionou sobre os acidentes infantis.

A professora das turmas C e D informou que todas as disciplinas poderiam reservar um espaço para trabalhar com essa temática.

Quando indagados sobre os comentários e/ou sugestões que gostariam de tecer sobre o trabalho realizado ou sobre outro de qualquer natureza, a professora da turma B relatou que este é um tema interessante e importante à formação do professor e que pode ser tratado transversalmente no curso de Pedagogia. E a professora das turmas C e D revelou o interesse por uma intervenção com os discentes que pudesse contemplar a formação dos professores para cuidados e primeiros socorros.

5.4 Análise da Estrutura Curricular dos dois Cursos de Pedagogia

De acordo com o projeto político pedagógico do curso de Pedagogia da Universidade da grande São Paulo, a formação do pedagogo deve contemplar a investigação e compreensão dos problemas gerais das instituições escolares e não escolares e de seus agentes. Nesse sentido, o curso deve oferecer uma iniciação à atividade investigativa e crítica das práticas, da cultura e do saber escolar, necessária à formação de um profissional preparado para enfrentar os desafios de uma sociedade com demandas educacionais complexas.

Os objetivos do Curso de Pedagogia, alicerçados na busca constante de articulação entre as atividades de docência, pesquisa e extensão, envolvem:

- Desenvolvimento amplo do estudante, de maneira que compreenda e pense de forma analítica e crítica os diferentes fenômenos de ordem humana, natural e social, adotando posturas coerentes.
- Sistematização do saber historicamente produzido pela humanidade e construção de novos conhecimentos;
- Formação de profissionais socialmente comprometidos com as diferentes áreas de conhecimento.

O Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia é voltado para a formação de profissionais de educação por meio de uma sólida formação teórica e pela iniciação à prática docente, aptos a trabalharem na produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico

do campo educacional (em contextos escolares e não escolares), na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes períodos da vida, em diferentes etapas e modalidades da Educação Básica e demais atividades do processo educativo.

Esses profissionais poderão exercer a função docente na Educação Infantil, nas séries iniciais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, no magistério de disciplinas pedagógicas. Poderão, também, atuar nas funções de gestão e de suporte pedagógico das instituições escolares em diversas etapas e modalidades da Educação Básica, bem como no planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não escolares.

Considerando-se que em 15 de maio de 2006 foram instituídas, pelo Conselho Nacional de Educação, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação / Licenciatura em Pedagogia (Resolução CNE/CP nº 1), e que tal documento define “princípios, condições de ensino e de aprendizagem, procedimentos a serem observados em seu planejamento e avaliação, pelos órgãos dos sistemas de ensino e pelas instituições de educação superior do país” (BRASIL, 2006), supõe-se o desenvolvimento de estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica acerca de níveis variados de atividades pedagógicas e no âmbito das políticas públicas. Estas pressupõem, por um lado, o diálogo com outros campos do conhecimento que oferecem contribuições significativas para a composição dos saberes da Pedagogia – notadamente “o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o linguístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural”, e, por outro, a compreensão dos níveis de planejamento, acompanhamento, execução e avaliação de projetos pedagógicos, processos educativos e experiências educacionais, em ambientes escolares e não escolares.

Esse profissional terá por ofício realizar atividades de ensino em sala de aula e outras atividades educativas em espaços não escolares, por um lado; e, por outro, procurar atuar criticamente na implantação de políticas públicas no campo da educação, escolar e não escolar, em nosso país.

O pedagogo a ser formado será, portanto, um educador em sentido amplo, e não deve restringir-se às meras questões técnicas de uma profissionalização estreita. Sua formação suporá “um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética” (BRASIL, 2006). Por essa razão, será requisito imprescindível o conhecimento da escola

como organização e o reconhecimento de seu lugar social de forma a contribuir com saberes e valores que auxiliem na construção de uma sociedade mais justa. O estudo histórico das práticas escolares, de maneira combinada com a análise sociológica das implicações sociopolíticas das relações de poder que perpassam o processo da escolarização, deverá unir-se às perspectivas da gestão e avaliação educacionais, das relações didáticas em sala de aula e das dimensões específicas e técnicas decorrentes das metodologias de ensino dos diversos conteúdos escolares, de maneira que o pedagogo tenha uma visão de conjunto de todas as áreas nas quais ele, como profissional, poderá atuar. Para projetar planos de educação, os domínios da psicologia e da filosofia da educação aliados aos conceitos da sociologia, da política e da economia também são relevantes para essa formação inicial. A habilidade para fazer a leitura e a análise crítica das realidades do ensino no âmbito dos sistemas escolares deverá aliar-se ao compromisso com a busca de alternativas no âmbito das políticas públicas para o desenvolvimento de políticas de educação que contemplem uma ideia de democratização de ensino capaz de projetar níveis adequados de qualidade de ensino, sem abrir mão do tributo a ser cumprido historicamente com a inclusão na escola das parcelas majoritárias da sociedade. Pelo exposto, será fundamental integrar as preocupações com a formação de um professor que possa também exercer funções de administrador, orientador e supervisor, minimizando o efeito indesejável das fragmentações dos currículos anteriores do Curso de Pedagogia.

Nesse sentido, o seu campo de atuação profissional amplia-se como professor de Educação Infantil, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ou no apoio educacional especializado em outras modalidades e em outras formas de atendimento adotadas em instituições escolares, públicas e particulares; como professor especialista em diversas instituições que atendam crianças, jovens ou adultos, sem ou com necessidades educacionais especiais em razão de deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades (superdotação); como diretor e assistente de direção nas diferentes unidades de educação básica de sistemas ou redes de ensino (incluindo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio); como orientador educacional em todas as instituições, etapas e modalidades de ensino da Educação Básica; como coordenador pedagógico nos diferentes níveis, etapas e modalidades da Educação Básica; como supervisor de ensino no sistema público e como profissional de planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação educacional.

O currículo do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, na estrutura a ser implantada a partir de 2017, terá duração mínima de 8 semestres (4 anos),

compreendendo 31 disciplinas obrigatórias que atendem à formação comum e 09 disciplinas optativas eletivas, totalizando 2.220 horas de aulas teóricas e práticas. Entre as disciplinas optativas eletivas, o aluno poderá direcionar sua formação segundo seus interesses para aprofundamento de acordo com disciplinas pertencentes aos três percursos formativos: “*Escolarização e Docência*”, “*Política e Gestão da Educação*”; “*Educação e Cultura*”. Além disso, há a possibilidade de cursar outras disciplinas optativas em outras unidades da Universidade, ou mesmo em outras universidades, sob a forma de optativas livres. No Curso de Licenciatura em Pedagogia há previsão de 420 horas de atividades práticas, sob a forma de Estágios Curriculares Obrigatórios, alocadas nas seguintes disciplinas “*Fundamentos Teórico-metodológicos da Alfabetização*”, “*Projeto de Estágio em Docência na Educação Infantil*”, “*Projeto Integrado de Estágio em Docência em Ciências e Matemática*”, “*Projeto Integrado de Estágio em Docência em Geografia e História*”, “*Projeto Integrado de Estágio em Educação Especial*”, “*Projeto Integrado de Estágio em Docência nas Linguagens*”, “*Projeto Integrado de Estágio em Gestão*”, cada qual com 60 horas, em consonância com a Lei nº 9.394 de 1996 (LDB/96), a Resolução CNE/CP nº 01, de 2006 e a Deliberação CEE nº 111/2012 modificada pela Deliberação CEE nº 126/2014. Há 400 horas de atividades – Práticas como Componentes Curriculares – distribuídas ao longo do curso em todas as disciplinas obrigatórias, as quais compreendem as atividades de leituras, realização de trabalhos, pesquisas orientadas, entre outras. Finalmente, há a previsão da realização de 200 horas de atividades sob a forma de Estudos Independentes, complementando toda a dimensão teórica, por meio da participação em atividades práticas de diferentes dimensões educativas tais como seminários, oficinas, jornadas, encontros, congressos, pesquisas acadêmicas, consultas a bibliotecas e centros de documentação, visitas a museus, instituições educacionais e culturais, participação em grupos cooperativos de estudos, pesquisas de Iniciação Científica, projetos de Extensão Universitária, participação em eventos acadêmicos da área educacional, entre outras.

O referido curso conta, também, com a inclusão do Trabalho Complementar de Curso (TCC), em caráter opcional para os alunos, tornando-se um mecanismo a mais de iniciação à pesquisa, bem como um exercício de registro sistemático de experiências e inovações no campo educacional. O TCC tem como objetivo a culminância de um processo de aprofundamento teórico por parte do aluno ao longo de todo o curso, que pode ter repercussões positivas na continuidade de sua carreira como docente-pesquisador. Considerando as disciplinas, os estágios, os estudos independentes e as práticas como componentes curriculares, a carga horária total do curso alcança o montante de 3.270 horas.

Já na Universidade do Estado de São Paulo, o curso de Pedagogia está estruturado em quatro anos, enfatizando a formação para a atuação docente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e para a Gestão Educacional.

O projeto político pedagógico do curso de Pedagogia traz a preocupação não somente com a formação docente para atuar na educação de 0 a 10 anos, mas se preocupa em formar o pedagogo mediante conhecimentos pedagógicos que abarcam um conjunto de construtos teóricos a partir dos quais vão se constituindo atitudes de compromisso, crítica e envolvimento profissional e social.

Assim, surgem novas áreas de atuação que podem ser apontadas como: educação ambiental; educação preventiva na área da saúde – em unidades básicas, centros de saúde e hospitais; educação em presídios; em instituições para menores abandonados, órfãos e/ou infratores; atuação em empresas e indústrias; educação indígena; educação em acampamentos ou assentamentos agrários; educação de produtores rurais em associações, sindicatos, cooperativas; educação em associações de bairro; grupos de terceira idade; educação de crianças em situação de risco, conselhos tutelares, e demais entidades.

Nesses termos:

O grande desafio dos cursos de Pedagogia será, então, organizar-se de modo a formar sujeitos capazes de produzir ações e saberes, conscientes do seu compromisso social e político, desde esse primeiro momento de formação inicial, pelos processos de investigação em que eles devam inserir-se. (SILVA, 2006).

Os objetivos específicos previstos para a formação do futuro pedagogo estão referenciados no art. 5º da Diretriz Curricular Nacional que estabelece:

- I - atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;
- II - compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;
- III - fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria;
- IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;
- V - reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;
- VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;

VII - relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;

VIII - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;

IX - identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;

X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras;

XI - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;

XII - participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico;

XIII - participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;

XIV - realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências nãoescolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas;

XV - utilizar, com propriedade, instrumentos próprios para construção de conhecimentos pedagógicos e científicos;

XVI - estudar, aplicar criticamente as diretrizes curriculares e outras determinações legais que lhe caiba implantar, executar, avaliar e encaminhar o resultado de sua avaliação às instâncias competentes. (BRASIL, 2006).

As distribuições das disciplinas nos cursos de Pedagogia encontram-se divididas em termos, sendo que há 9 semestres na Universidade da grande São Paulo e 8 semestres na Universidade do Estado de São Paulo.

Na Universidade do Estado de São Paulo a matriz curricular é composta pelo núcleo de estudos básicos, três núcleos de aprofundamento a ser escolhido pelos graduandos no último semestre do curso, sendo eles: educação infantil, educação especial e gestão educacional e pelo núcleo de estudos integradores, que é composto por atividades programadas cujo objetivo consiste em articular a integração das disciplinas do semestre em torno de um eixo temático comum.

O Quadro 2 apresenta a distribuição das disciplinas nas matrizes curriculares do curso.

Quadro 2 – Distribuição das disciplinas das matrizes curriculares do curso de Pedagogia na Universidade da grande São Paulo e na Universidade do Estado de São Paulo.

SEMESTRES	Disciplinas na Universidade da grande São Paulo	Disciplinas na Universidade do Estado de São Paulo
1 e 2	Fundamentos econômicos da educação	Metodologia do trabalho científico
	Sociologia da Educação	Sociologia da Educação
	Historia da Educação	Historia da Educação
	Psicologia da Educação	Psicologia da Educação
	Filosofia da Educação	Filosofia da Educação
	Didática	Educação especial
3 e 4	Fundamentos da educação especial	Fundamentos da educação especial
	Pesquisa educacional	Fundamentos da gestão da educação
	Política e organização da educação básica	Fundamentos da educação infantil
	Constituição da subjetividade da infância e da adolescência	Didática
	Coordenação de trabalhos na escola I	Legislação da educação
	LIBRAS	Administração escolar
	Estágio e projetos	Política e organização da educação básica
	-	Estatística aplicada à Educação
5 e 6	Coordenação de trabalhos na escola II	Metodologia do ensino de historia
	Estágio e projetos	Metodologia do ensino de geografia
	Educação infantil	Metodologia do ensino de ciências
	Educação comparada	Supervisão educacional
	Metodologia do ensino de Matemática	Metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura infantil
	Metodologia do ensino de alfabetização	Metodologia do ensino de alfabetização
	-	Pesquisa pedagógica
	-	Psicologia da aprendizagem
	-	LIBRAS
	-	Estágio curricular
7 e 8	Estágio e projetos	Jogos e atividades lúdicas
	Metodologia do ensino de artes	Orientação psicoeducacional
	Metodologia do ensino de educação física	Educação especial
	Metodologia do ensino de história	Currículo e projeto político-pedagógico
	Currículo e programas	APROFUNDAMENTO: educação especial, educação infantil ou gestão escolar.
9	Estágio e projetos	-
	Metodologia do ensino de Ciências	-
	Metodologia do ensino de Geografia	-

No primeiro ano do curso de Pedagogia na Universidade da grande São Paulo o currículo é composto por disciplinas sobre: fundamentos econômicos da educação, sociologia, história, psicologia e filosofia da Educação além da didática.

No segundo ano, há as disciplinas de: fundamentos da educação especial, pesquisa educacional, política e organização da educação básica, constituição da subjetividade da infância e da adolescência, coordenação de trabalhos na escola, LIBRAS e estágios e projetos.

No terceiro ano, tem a continuação das disciplinas de estágio e coordenação, educação infantil, educação comparada, além das metodologias do ensino de matemática e alfabetização.

No quarto ano, permanecem os estágios e as metodologias de arte, educação física e história, além de disciplinas sobre currículos e programas.

No quinto ano há ainda os estágios e as metodologias do ensino de Ciências e Geografia.

No primeiro ano do curso de Pedagogia na Universidade do Estado de São Paulo o currículo é composto por disciplinas sobre: metodologia do trabalho científico, sociologia, história, psicologia e filosofia da Educação além de disciplinas voltadas à educação especial.

No segundo ano, há as disciplinas de: fundamentos da educação especial, fundamentos da gestão em educação, legislação, didática, fundamentos da educação infantil, administração escolar: teoria e prática, política e organização da educação básica e estatística aplicada à educação.

No terceiro ano, iniciam-se os estágios e as metodologias do ensino de: alfabetização, língua portuguesa e literatura infantil, história e geografia, matemática e ciências, além das disciplinas de supervisão educacional, pesquisa pedagógica, psicologia da aprendizagem e LIBRAS.

No quarto ano há as disciplinas de jogos e atividades lúdicas, orientação psicoeducacional, currículo e as necessidades educacionais especiais, currículo e projeto político-pedagógico, além do aprofundamento que é realizado no último semestre do curso e o graduando opta pelas áreas de educação especial, educação infantil ou gestão em educação.

Conforme consta quer seja no projeto político pedagógico do curso de Pedagogia como em sua grade curricular, observa-se a ausência de disciplinas específicas que abordem questões de saúde na escola. Acredita-se que o pedagogo sendo responsável por zelar pela integridade física e prestar cuidados aos alunos tanto da educação infantil como no ensino fundamental, poderia dispor de uma disciplina específica que o capacitasse para as diversas situações cotidianas relacionadas à integridade das crianças, como por exemplo, os primeiros socorros em caso de acidentes escolares.

Há no projeto político pedagógico a preocupação para que os futuros pedagogos se sensibilizem quanto aos temas interdisciplinares que devem ser abordados no contexto da sala

de aula, de modo a contribuir na formação plena dos educandos e com as políticas públicas no campo da educação, nos quais pode-se inserir a temática da prevenção dos acidentes infantis.

De modo geral, observa-se que o currículo de ambas as Universidades não traz especificamente disciplinas que abordem a questão da educação em saúde, e o tema, portanto, não faz parte da formação curricular dos graduandos.

Tendo em vista o número de respostas apresentadas pelos discentes de cada uma das turmas que responderam ao questionário inicial que compôs a primeira parte desse estudo, optou-se por dividir as Tabelas entre as turmas da Universidade da grande São Paulo e a Universidade do Estado de São Paulo.

5.5 Intervenção com os discentes de Pedagogia

Após a tabulação e análise dos dados dos questionários preenchidos pelos graduandos (Estudo 1), foi elaborada a ação educativa com os discentes da turma C, visto que os dados indicaram que essa foi a turma com maior interesse e sensibilização com a temática.

A ação realizada foi elaborada em consonância com os princípios da Análise do Comportamento na Educação e a cada encontro foram aplicados questionários que permitiam o feedback aos graduandos sobre os conteúdos aprendidos e quais aqueles que necessitariam ser reforçadas para que o aluno pudesse avançar para as unidades futuras.

Os dados dos instrumentos de avaliação permitiram identificar as aprendizagens dos alunos e verificar quais conteúdos necessitariam ser melhores abordados em sala de aula.

As estratégias metodológicas sugeridas pelos discentes foram: vídeos, aula expositiva e primeiros socorros. Nesse sentido, foram selecionados vídeos de situações noticiadas em jornais e na internet sobre a ocorrência de acidentes infantis prioritariamente em ambientes escolares e também domésticos bem como foram selecionados vídeos de bombeiros que abordassem dicas de primeiros socorros em caso de vítimas dos acidentes abordados durante a intervenção.

Os dados dos questionários foram tabulados e analisados por meio da soma das frequências de respostas corretas ou análise descritiva dos dados quando utilizou-se questionário com questões abertas.

5.5.1 Primeiro encontro

No primeiro encontro foi abordado o conceito de acidentes infantis, de modo que os discentes tivessem a compreensão de que o conceito atual não mais remete a algo imprevisto e “fruto do acaso”, mas sim a um evento previsível e passível de prevenção. Os dados de incidências das mortes por causas externas no âmbito nacional e internacional também foram apresentados, levando-os a refletir os problemas de saúde pública decorrentes das internações e mortes por acidentes.

Foi contextualizada a temática da prevenção dos acidentes com o âmbito da educação, apresentando a proposta interministerial da Saúde e da Educação que institui o Programa Saúde na escola (BRASIL, 2007).

O vídeo sobre atropelamento noticiava o acidente ocorrido com uma criança de sete anos de idade, que havia sido atropelada em frente à unidade escolar no momento da saída dos alunos do colégio. Já o vídeo sobre o engasgo noticiava o desespero de uma mãe cujo filho de apenas 6 dias ficou engasgado durante a amamentação por aproximadamente 4 minutos e que foi socorrido por meio das orientações telefônicas transmitidas por funcionários do corpo de bombeiros.

Após a exposição dos relatos de acidentes, também foram apresentados vídeos e orientações sobre os primeiros socorros às vítimas dos acidentes abordados nesse primeiro encontro. Especificamente, no caso de acidentes de engasgo, também foi explanado aos discentes as manobras convencionalmente utilizadas em caso de engasgamento em crianças pequenas e a manobra de *Heimlich*, indicada para adultos e crianças maiores.

O questionário entregue no primeiro encontro indagava sobre o conceito de acidentes infantis, no qual 82,6% consideravam um evento possível de ser prevenido. Outros discentes (17,4%) indicaram que quase todos os acidentes podem ser prevenidos.

Os graduandos que anteriormente revelaram que nada poderia ser feito para evitar a ocorrência de um acidente perceberam que esses podem e devem ser evitados. Entretanto, uma parcela dos participantes continuou considerando que há acidentes que não podem ser evitados. Esses discentes consideraram que deve existir o cuidado sobre os fatores de risco e na promoção de um ambiente seguro, mas permaneceu a ideia de que as pessoas estão sujeitas a quedas sem motivos, tropeços, dentre outros tipos de situações involuntárias.

Andrey (1997) afirma que a Análise do Comportamento não está preocupada apenas com a proposição de uma teoria razoável, que permita falar sobre as questões do mundo, mas com a produção de um conhecimento que possibilite seu planejamento e, por conseguinte, sua

transformação. Entende-se assim que embora o conceito de acidentes não tenha sido totalmente reconhecido como algo evitável, os discentes passaram a ter um olhar mais cuidadoso sobre o ambiente ao seu redor.

Quando questionado sobre o Programa Saúde na Escola, 69,6% dos graduandos acertou a resposta, indicando que o mesmo foi instituído tanto pelo Ministério da Educação quanto da Saúde. Para 30,4%, o Programa foi instituído apenas pelo Ministério da Saúde.

No encontro posterior, foi reforçado o conteúdo de modo a assegurar a compreensão de todos os alunos. Buscou-se, portanto, reforçar com os graduandos a ideia de que a educação é importante e ministerialmente reconhecida como importante ferramenta no combate a erradicação dos acidentes infantis.

Questionou-se ainda sobre quais os fatores estão relacionados à ocorrência dos atropelamentos e as respostas mais frequentes foram: faixa etária de 3 a 12 anos (56,6%), excesso de veículos nas ruas (26,2%), falta de atenção dos pais e alunos (4,3%), falta de respeito às leis de trânsito (4,3%), falha na prevenção (4,3%) e falta de instrução (4,3%).

Com relação ao risco de engasgo, os graduandos indicaram que devemos sempre alimentar o bebê enquanto ele estiver sentado (95,7%) e nunca deixar ele se alimentar sozinho e deitado (4,3%).

Os discentes indicaram que diante de uma situação de atropelamento, o procedimento a ser adotado seria o de afastar os curiosos e ligar imediatamente para o 193 (86,9%). Alguns estudantes indicaram que o correto seria imobilizar a vítima e ligar para o 193 (13,1%). Nesse caso, no encontro seguinte foi reforçada a ideia de que os procedimentos de imobilização podem ser realizados apenas por um profissional competente e que durante os primeiros socorros a atitude correta seria a de buscar uma ajuda especializada o mais rapidamente possível.

Ainda com relação ao atropelamento, todos os graduandos compreenderam a necessidade de nunca tocar na vítima (100%), tendo em vista os riscos de lesões iminentes.

Com relação ao acidente de engasgo em bebês, os discentes indicaram que o procedimento correto a ser adotado seria o de colocar a criança de barriga para baixo (60,8%), mas 39,2% assinalaram a alternativa que indicava o uso da manobra de *Heimlich*, lembrando que essa manobra deve ser utilizada apenas em sujeitos maiores que já tem condições de manter-se em pé.

No encontro posterior, essa questão foi novamente abordada com os discentes, enfatizando a ideia de que a manobra deve ser realizada apenas em indivíduos que fiquem de pé. Acredita-se que a má interpretação do enunciado da questão induziu o erro dos alunos.

Percebe-se que os graduandos se apropriaram de conhecimentos acerca dos acidentes infantis e dos procedimentos a serem adotados com uma vítima dos acidentes infantis.

Com relação à manobra de *Heimlich*, todos os graduandos indicaram que ela deve ser realizada por meio de um movimento rápido e forte para dentro e para cima, quantas vezes forem necessárias (100%).

Quando indagados sobre os aspectos positivos quanto ao preenchimento do questionário, os discentes indicaram: o aprendizado sobre primeiros socorros (29,2%), a possibilidade de fixar as informações obtidas na apresentação (16,7%), conhecer mais sobre o assunto (16,7%), aprendizado sobre a prevenção de acidentes (8,3%), a possibilidade de avaliar a assimilação do conteúdo (8,3%), o fato de terem sido apresentadas informações que serão necessárias para a atuação com crianças (4,2%) e a clareza nas informações (4,2%). Houve ainda alunos que não responderam a essa questão (16,7%).

Quanto aos aspectos negativos do preenchimento do questionário, 69,6% indicaram que não houve aspectos, 26% não responderam a essa questão e 4,4% indicaram a curta duração da apresentação na aula.

Os discentes demonstraram nesse primeiro momento, a importância da realização de ações educativas que tenham como objetivo principal disseminar os conhecimentos sobre a temática e contribuir para a formação dos futuros pedagogos.

5.5.2 Segundo encontro

Durante o segundo encontro foi abordado os acidentes de intoxicação, quedas e queimaduras além das legislações que envolvem a temática da prevenção de acidentes infantis.

Os vídeos de primeiros socorros traziam o relato de orientações transmitidas por bombeiros e médicos. O vídeo sobre intoxicação trazia a notícia de um menino de 3 anos que faleceu após tomar os remédios de pressão alta receitados para sua avó. Já o vídeo sobre quedas relata o caso de uma menina de 11 meses que foi levada pela mãe para a creche, mas que apresentou mal-estar e foi encaminhada pelos funcionários da escola para o pronto atendimento. No hospital, a garota veio a falecer em decorrência de um traumatismo craniano e posteriormente a mãe relatou que em casa a criança havia sofrido uma queda do berço. Quanto ao acidente envolvendo a queimadura, a vítima foi uma criança de 3 anos que durante o ensaio da festa junina na escola colocou a mão em um fio desencapado e sofreu queimaduras de segundo e terceiro grau.

Em seguida, foram abordadas as legislações que abordam a temática dos acidentes infantis, falando-se inicialmente sobre a carta de Ottawa (1986) que foi a primeira conferência internacional sobre a promoção da saúde e posteriormente foram apresentados aos discentes os documentos ministeriais nacionais que abordam o tema em questão e pressupõem o trabalho em sala de aula acerca da temática, tais como: os parâmetros curriculares para a educação fundamental (BRASIL, 1997), a escola promotora de saúde (BRASIL, 2001), a política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes (BRASIL, 2001), o decreto 6.286 que institui o Programa Saúde na Escola (BRASIL, 2007b) e as diretrizes nacionais para a educação básica (BRASIL, 2013). No âmbito municipal, foi apresentada a lei 6508, de 05 de janeiro de 2007, que institui o projeto semestral de prevenção aos acidentes que vitimam crianças.

Questionou-se inicialmente quais são as medidas de proteção para a ocorrência de intoxicações infantis, sendo que as respostas obtidas foram implantação de embalagem de proteção à criança, com tampa inviolável (60,8%), manter os produtos tóxicos/remédios longe do alcance das crianças (30,4%), ingestão de alimentos apropriados para a idade (4,4%) e não reutilizar embalagens (4,4%).

Em caso de intoxicações, os graduandos indicaram que os procedimentos corretos seriam: ler a bula do remédio e acionar o Disque-Intoxicação (68,2%), ler a bula do remédio e fazer com que a criança beba bastante líquido (18,2%), provocar o vômito (9,1%) e levar a criança ao pronto socorro (4,5%).

No terceiro encontro, foram reforçados quais seriam os procedimentos adequados, sendo enfatizada a necessidade de não se induzir o vômito nem permitir que a vítima beba líquidos.

Com relação ao risco de quedas, os graduandos assinalaram a necessidade de se supervisionar as crianças durante as brincadeiras em parquinhos e/ou playgrounds (83,2%), não deixar janelas e sacadas sem grades ou redes de proteção (8,4%), colocar grades em escadas (4,2%) e adaptar os ambientes (4,2%).

Quando questionados sobre o limite de altura para os casos de quedas com bebês, 72,8% dos graduandos indicaram corretamente as alternativas de 1,3 metros e 1,5 metros (18,2%). Outros graduandos especificaram outras respostas tais como: não deve haver quedas (4,5%) e qualquer queda deve ser levada ao médico (4,5%), indicando que compreenderam a ideia de que quedas podem representar um risco à saúde das crianças.

Com relação à ocorrência de quedas com crianças com altura maior ou igual a 1,5 metros, os graduandos indicaram que o procedimento adequado a ser tomado seria o de dirigir-se imediatamente ao médico (95,5%) e fazer um curativo em caso de cortes (4,5%).

Para evitar o risco de queimaduras, os participantes indicaram a necessidade de manter produtos inflamáveis longe do alcance das crianças (75%), manter as panelas com o cabo voltado para fora do fogão (8,3%), não deixar o cabo da panela para fora do fogão (8,3%), não utilizar toalhas longas (4,2%) e tomar todo o cuidado com a adaptação do ambiente, devido à fase de desenvolvimento da criança e sua curiosidade (4,2%).

Percebe-se que no item “manter as panelas com o cabo voltado para fora do fogão” houve um percentual de erro de aproximadamente 8%, assim preocupou-se em retomar essas orientações no encontro posterior, reforçando a ideia de que os cabos das panelas devem sempre estar voltados para dentro do fogão para evitar que as pessoas esbarrem neles, fazendo com que o conteúdo quente da panela caia sobre elas. Conforme o conteúdo foi sendo retomado, os graduandos revelaram que não interpretaram direito a alternativa e, portanto, assinalaram a resposta incorreta.

De acordo com as respostas indicadas pelos discentes, os primeiros socorros diante de uma queimadura seriam: lavar a área queimada com água fria por aproximadamente 5 minutos (81,9%), aplicar pomada e dirigir-se imediatamente ao médico (9,1%), levar ao médico (4,5%) e um graduando informou que os procedimentos dependem do tipo de queimadura, mas nunca utilizar pasta de dente e etc. (4,5%).

No encontro posterior foi enfatizada a informação de que nunca devemos aplicar pomadas ou creme dental, leite, manteiga, óleo, cebola, clara de ovo, etc. sobre a área queimada sem orientação médica.

Questionou-se também se os graduandos conheciam alguma legislação que aborda a temática dos acidentes infantis, sendo que após a intervenção realizada todos os discentes revelaram que adquiriram esse conhecimento, embora não tivesse mencionado quais seriam essas leis.

Com relação aos aspectos positivos quanto ao preenchimento do questionário, os graduandos indicaram o aprendizado sobre a prevenção de acidentes (27,3%), o aprofundamento de conhecimentos sobre o assunto (22,7%), o aprendizado sobre primeiros socorros (13,7%), a possibilidade de fixar as informações obtidas na apresentação (9,1%) e relembrar as informações (9,1%). Os discentes indicaram ainda o aprendizado sobre as legislações que abordam a temática (4,5%) e a possibilidade de conferir os conhecimentos adquiridos (4,5%). Houve alunos que não responderam a essa questão (9,1%).

Quanto aos aspectos negativos do preenchimento do questionário, 45,5% indicaram que não houve aspectos, 40,9% não responderam a essa questão, 9,1% indicaram a curta duração da apresentação na aula e 4,5% relataram o pouco aprofundamento nas questões.

O estudo realizado por Gonsales (2012) com pedagogas atuantes na rede municipal de uma cidade do interior paulista revelou que as professoras participantes não tiveram formação sobre prevenção dos acidentes e não desenvolveram atividades relacionadas ao tema com seus alunos na sala de aula.

O presente estudo parece então suprir a necessidade e preencher essas lacunas na formação dos universitários, tendo em vista as aprendizagens adquiridas por meio da ação educativa realizada.

5.5.3 Terceiro encontro

No terceiro encontro foi proposto que os discentes fizessem um plano de aula envolvendo a temática dos acidentes infantis, sendo que 86,9% optaram por trabalhar a temática na educação infantil e 13,1% no ensino fundamental.

Os alunos basearam-se nas sugestões de atividades trazidas pela pesquisadora para trabalhar o tema em sala de aula e mostraram-se motivados durante a realização das atividades. Alguns alunos apresentaram dificuldades em montar o plano de aula e pensar nas atividades, pois estão ainda pouco habituados a fazer o planejamento de aula, mas a situação foi desafiadora e envolveu os alunos.

Os temas escolhidos pelos graduandos foram principalmente: quedas (25%), queimaduras (20,5%) e intoxicação (15,9%). Outros assuntos indicados pelos discentes estão representados na Tabela 43.

Tabela 43- Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os assuntos que abordariam com seus alunos (N=23).

Categorias	F	%
Quedas	11	25,0
Queimaduras	9	20,5
Intoxicação	7	15,9
Atropelamento	4	9,1
Acidentes domésticos	4	9,1
Afogamento	3	6,8
Engasgo	3	6,8
Acidentes de trânsito	2	4,5
Cortes	1	2,3
TOTAL	44	100

Fonte: da própria autora.

Os graduandos indicaram como atividades a serem realizadas: fantoches (20%), atividades de prevenção (13,3%), jogos (13,3%) e orientações verbais (13,3%). A Tabela 44 mostra a frequência e porcentagem das respostas dos participantes.

Os alunos demonstraram preferência por atividades lúdicas e práticas, demonstrando coerência com o que haviam sugerido inicialmente como estratégias eficazes de ensino.

Tabela 44 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as atividades que realizariam com seus alunos (N=23).

Categorias	F	%
Fantoches	6	20,0
Prevenção	4	13,3
Jogos	4	13,3
Orientação	4	13,3
Roda de conversa	3	10,0
Teatro	2	6,7
Sinalizações com placas e faixas	2	6,7
Histórias sobre o tema	1	3,3
Dramatização	1	3,3
Comparação de embalagens	1	3,3
Caixa de música	1	3,3
Brincadeiras	1	3,3
TOTAL	30	100

Fonte: da própria autora.

Vilas Bôas (2010) fez a análise dos registros de acidentes de uma escola de ensino fundamental do interior paulista e identificou que as quedas se constituíam o tipo de acidente mais frequente entre os escolares. Acredita-se que pelo fato dos acidentes de quedas serem os mais frequentes no ambiente escolar, tenha sido o principal assunto mencionado pelos participantes desse estudo.

Pardal e Silva (2015) realizaram um estudo objetivando promover atividades lúdicas para estudantes da rede pública da Região Metropolitana de Belém (RMB) na prevenção de acidentes por animais peçonhentos por meio do uso de colagens, desenhos, pinturas e construção de materiais instrutivos elaborados pelos próprios alunos e identificaram a eficácia de atividades lúdicas na aprendizagem de conceitos.

Nesse estudo, também se observou que as atividades lúdicas de ensino foram mencionadas entre os futuros professores.

As atividades poderiam ser realizadas: em sala de aula (46,7%), na quadra e/ou no pátio (20%) e nas áreas externas da escola (10%), outras respostas obtidas encontram-se na Tabela 45.

Tabela 45 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os locais onde realizariam as atividades com seus alunos (N=23).

Categorias	F	%
Em sala de aula	14	46,7
Quadra / pátio	6	20,0
Área externa	3	10,0
Nas escolas	2	6,7
Na lavanderia da escola	1	3,3
Brinquedoteca.	1	3,3
Sala de vídeo	1	3,3
Cozinha	1	3,3
Piscina	1	3,3
TOTAL	30	100

Fonte: da própria autora.

As atividades em sala de aula tiveram destaque, mas ambientes externos também foram citados de modo a estimular situações de ensino e aprendizagem que ocorrem em diferentes ambientes escolares.

Gonsales (2012) também indicou atividades que poderiam ser realizadas no contexto do ensino fundamental por meio da adequação de conteúdos curriculares enfatizando a temática da prevenção de acidentes infantis, indicando a sala de aula como espaço propício para a realização de tais atividades junto com os alunos.

Os objetivos das atividades seriam de: conscientizar os alunos sobre prevenção (40%), alertar sobre os fatores de risco (16,7%) e abordar a temática da prevenção de acidentes infantis com os alunos (10%). Outras respostas encontram-se dispostas na Tabela 46.

Tabela 46 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os objetivos a serem alcançados com seus alunos (N=23).

Categorias	F	%
Conscientizar os alunos sobre a prevenção	12	40,0
Alertar sobre os fatores de riscos	5	16,7
Abordar a temática da prevenção de acidentes infantis com os alunos	3	10,0
Abordar a temática da prevenção de acidentes infantis com os pais	2	6,7
Ensinar primeiros socorros	2	6,7
Ensinar de maneira lúdica como prevenir os acidentes domésticos e escolares	2	6,7
Orientar sobre o uso do álcool	1	3,3
Realizar um fantoche	1	3,3
Vendar o olho da criança para aumentar a percepção da atenção	1	3,3
Ensinar o autocuidado e o cuidado com o próximo	1	3,3
TOTAL	30	100

Fonte: da própria autora.

As atividades seriam realizadas com os discentes (40,5%) e com professores (23,8%). Entretanto, percebe-se que os graduandos se sensibilizaram quanto à noção de que todos são importantes e podem contribuir para aprendizagem de conceito e mudanças de comportamento diante da possibilidade de prevenção dos acidentes infantis uma vez que citaram os pais e demais membros da comunidade escolar, tal como consta Tabela 47.

Tabela 47 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a população envolvida nas atividades com seus alunos (N=23).

Categorias	F	%
Alunos	17	40,5
Professores	10	23,8
Alunos da educação infantil	3	7,1
Pais	2	4,8
Bombeiros	2	4,8
Resposta inespecífica	2	4,8
Funcionários da escola	2	4,8
Profissional da área	2	4,8
Estagiários	1	2,4
Todos que se interessarem pelo tema	1	2,4
TOTAL	42	100

Fonte: da própria autora.

Os materiais usados durante as atividades seriam: fantoches (20,5%), bonecos/objetos para fazer demonstrações (18,2%), cartazes (9,1%), materiais utilizados em casa (6,8%), vídeos (6,8%), livros de histórias (6,8%), dentre outros, tal como aparece na Tabela 48.

Tabela 48 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os materiais a serem utilizados nas atividades com seus alunos (N=23).

Categorias	F	%
Fantoches	9	20,5
Bonecos/objetos para fazer demonstrações	8	18,2
Cartazes	4	9,1
Materiais de uso doméstico	3	6,8
Vídeos	3	6,8
Livros de histórias	3	6,8
Slides	3	6,8
Embalagens de produtos de limpeza e remédios	2	4,5
Placas de sinalização	2	4,5
Jogos e/ou brincadeiras	2	4,5
Musicas	2	4,5
Caixa surpresa	1	2,3
Lenço para vendar a criança	1	2,3
Cartilha com instruções para os pais	1	2,3
TOTAL	44	100

Fonte: da própria autora.

Os procedimentos a serem usados para realizar e/ou aplicar as atividades seriam: vídeos (14%), roda de conversas (10%), simulação de acidentes com bonecos (8%) e confecção junto com os discentes dos fantoches e cenários da história (8%). As respostas estão representadas na Tabela 49.

Tabela 49 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os procedimentos que realizariam nas atividades com seus alunos (N=23).

Categorias	F	%
Vídeos	7	14,0
Roda de conversas	5	10,0
Simulação de acidentes com bonecos	4	8,0
Confecção dos fantoches/ cenário	4	8,0
Fantoches / Teatro	4	8,0
Jogos / Brincadeiras	4	8,0
Pinturas/Desenhos/dobraduras	3	6,0
Contação de histórias	3	6,0
Explicação sobre o tema	2	4,0
Apresentação do teatro aos pais e comunidade	2	4,0
Slides	2	4,0
Cartilha / Cartazes	2	4,0
Fotos de situações de risco	1	2,0
Palestras	1	2,0
Exposição de objetos perigosos ao acidente de engasgo	1	2,0
Ensinar sobre os primeiros socorros	1	2,0
Elaboração de uma história com as crianças	1	2,0
Simulação do ambiente doméstico e explanação dos riscos	1	2,0
Vendar o aluno para despertar sua atenção na locomoção	1	2,0
Simulação de afogamento.	1	2,0
TOTAL	50	100

Fonte: da própria autora.

Os dados do presente estudo revelam que os graduandos do curso de Pedagogia consideraram como eficazes medidas de ensino o uso de vídeos e simulações teórico práticas que envolvam os alunos durante o processo de aprendizagem. O uso dos vídeos sobre a atenção nos primeiros socorros às vítimas de acidentes infantis não somente favoreceu a motivação e interesse dos discentes, mas também auxiliou na aquisição de novos conceitos, tais como os procedimentos de prevenção e cuidados com a vítima.

A ação educativa buscou então contemplar as sugestões oferecidas pelos graduandos no questionário inicial e essa estratégia de ensino foi eficaz para a aquisição de novas aprendizagens dos alunos e eles permanecem considerando válida a utilização de vídeos e sinalizam que utilizariam o recurso futuramente em sala de aula.

O mesmo se estende para as atividades práticas que os discentes revelaram interesse em obter em sua formação e indicaram que atuariam com seus alunos para estimulá-los durante as aulas.

Além disso, os fantoches têm sido apontados diversas vezes pelos discentes de Pedagogia como uma estratégia viável de abordar o assunto com os alunos.

Gimeniz-Paschoal et al (2010) realizaram um estudo com o objetivo de elaborar e avaliar um teatro de fantoches abordando a prevenção de queimaduras infantis com alunos do ensino fundamental, utilizando-se um folheto avaliativo do aluno para antes e após a ação e questionário avaliativo do professor após a ação. Concluiu-se que a estratégia elaborada foi de fácil aplicação e boa aceitação, favorecendo a posterior aplicação e avaliação por professores.

Os dados aqui encontrados também permitiram indicar que o uso de fantoches é de fácil aceitação entre professores atuantes no ensino regular e entre os que ainda estão em formação.

Quanto à avaliação das atividades propostas, os discentes sugeriram que fossem observados a fala (29,1%) e o comportamento da criança (19,3%), os desenhos/pinturas (9,7%), dentre outras respostas indicadas na Tabela 50.

Os estudantes demonstraram sensibilização quanto à necessidade de que os conhecimentos adquiridos fossem reproduzidos oralmente e que implicassem nas devidas mudanças comportamentais das crianças, realizando uma avaliação contínua das aprendizagens.

Tabela 50 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a forma de avaliação das atividades que realizariam com seus alunos (N=23).

Categorias	f	%
Rodas de conversa	9	29,1
Observação do comportamento da criança	6	19,3
Avaliação escrita / Questionário	5	16,1
Desenho / Pintura	3	9,7
Preparação dos fantoches	1	3,2
Atividade em ficha	1	3,2
Debate com perguntas e respostas com pais e alunos	1	3,2
Construção de painel e cartazes	1	3,2
Atividades ao ar livre	1	3,2
Recontextualizar a história para as crianças lembrarem o que foi ensinado	1	3,2
Questionário para os pais	1	3,2
Resposta inespecífica.	1	3,2
TOTAL	31	100

Fonte: da própria autora.

Com relação à avaliação, Zanotto (2000) afirma que a aprendizagem é alcançada quando há mudança no comportamento do aprendiz. Nesse sentido, é importante que o professor observe continuamente o comportamento do aluno, de modo a modificar as contingências de ensino que possam garantir que os discentes compreendam os conceitos adequados e se sensibilizem sobre o modo como devem agir para evitar a ocorrência dos acidentes infantis tanto no ambiente escolar quanto no domicílio.

As informações obtidas por meio dos planos de aula elaborados pelos discentes também indicou que a maior preocupação seria que os conhecimentos adquiridos implicassem em uma mudança comportamental de cada aluno ou em alterações ambientais que diminuam os fatores de risco quanto a ocorrência de acidentes infantis.

Os aspectos que poderiam favorecer a realização das propostas de atividades seriam: disponibilidade de materiais (17,4%), um ensino lúdico (8,7%), a concentração dos ouvintes (8,7%) e o relacionamento do tema com fatos cotidianos (8,7%).

Outras frequências e porcentagens de respostas podem ser observadas na Tabela 51.

Tabela 51 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que poderiam favorecer a realização das atividades (N=23).

Categorias	F	%
Disponibilidade de materiais	4	17,4
Não respostas	3	13,0
Ensino de modo lúdico	2	8,7
A concentração dos ouvintes	2	8,7
Relacionar o tema com fatos do dia-a-dia	2	8,7
Participação dos pais	1	4,3
Disponibilidade de auxílio da equipe coordenadora da escola	1	4,3
Contextualizar o tema com conversas e discussões	1	4,3
Envolvimento dos alunos	1	4,3
Burocracia	1	4,3
Disponibilidade de profissionais da área	1	4,3
Disponibilidade de pessoas para ajudar	1	4,3
É simples de ser feito	1	4,3
Desperta o interesse das crianças	1	4,3
Uso de uma linguagem acessível às crianças	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: da própria autora.

Percebe-se que a disponibilidade de recursos materiais é o principal fator que facilita a abordagem do tema em sala de aula, entretanto, tal como sugeriu-se no presente estudo, as atividades com a temática da prevenção dos acidentes infantis podem ser realizadas com

objetos e materiais de fácil acesso ao professor, corroborando com a inserção do tema no contexto escolar.

Tabela 52 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que poderiam dificultar a realização das atividades (N=23).

Categorias	f	%
Não respostas	11	47,8
Falta de autorização por parte da direção da escola	3	13,0
Não há dificuldades	3	13,0
Não ter oportunidade (atuar como estagiária, auxiliar de sala, etc.)	2	8,7
Ausência dos pais na apresentação	1	4,3
O perigo de vender os alunos	1	4,3
Falta de reconhecimento da relevância do tema	1	4,3
Burocracia	1	4,3
TOTAL	23	100

Fonte: da própria autora.

Já os fatores que poderiam dificultar a realização de tais atividades seriam: falta de autorização da escola para abordar o tema (13%) e a falta de oportunidade, no caso dos discentes que atuam como estagiários e/ou auxiliares de sala e etc. (8,7%). Dentre o total de participantes, 13% informou que não haveria dificuldades e 47,8% não responderam à questão. Outras categorias de respostas também podem ser observadas na Tabela 52.

Sugere-se que o alto índice de não respostas significa que os graduandos também não identificaram fatores que dificultariam a realização das atividades, o que demonstra que eles acreditam que o tema possa ser facilmente abordado no contexto de sala de aula.

Questionou-se quais os aspectos considerados pelos graduandos como positivos no preenchimento deste questionário, tal como aparecem dispostas na Tabela 53.

Tabela 53 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos positivos quanto ao preenchimento do questionário (N=23).

Categorias	F	%
Aprender atividades para utilizar na atuação profissional	8	32,0
Conscientizar os alunos/ professores	5	20,0
Ampliar o conhecimento	4	16,0
Não respostas	2	8,0
Reflexão sobre a pertinência do tema	2	8,0
Avaliar possíveis estratégias de ensino sobre a temática	1	4,0
Pensar em formas de transmitir os conhecimentos para o próximo	1	4,0
Pensar em uma forma lúdica de conscientizar sobre o tema	1	4,0
Resposta inespecífica	1	4,0
TOTAL	25	100

Fonte: da própria autora.

Os dados indicam que as respostas mais frequentes foram: aprender atividades que possam ser utilizadas na atuação profissional (32%), conscientizar alunos e professores (20%) e a possibilidade de ampliação do conhecimento (16%). Percebe-se então que os graduandos consideraram que a ação educativa contribui na aquisição de conhecimentos que enriqueceram sua formação acadêmica e que forneceram subsídios para sua atuação profissional.

Quanto aos aspectos negativos, 48,6% disseram que não houve e 30,4% não responderam à questão. As demais respostas obtidas foram: o questionário é um pouco difícil (4,2%), foi difícil escolher um tema (4,2%), houve pouco tempo para pensar sobre o assunto (4,2%), permitiu a reflexão sobre a dificuldade em conscientizar as crianças sobre os perigos (4,2%) e percebeu que nunca pensou em uma atividade assim (4,2%).

Com relação aos comentários e/ou sugestões, 44,4% dos participantes não desejou tecer considerações finais e 30,4% não respondeu à questão. Os demais graduandos agradeceram pela iniciativa em se abordar esse tema (8,4%), pelas orientações recebidas durante os encontros (4,2%), gostaram bastante sobre tudo que foi abordado (4,2%), perceberam por meio da palestra os fatores de risco para ocorrência dos acidentes (4,2%) e sugeriram trazer algum profissional do SAMU para complementar as informações de primeiros socorros (4,2%).

Os dados indicam que as atividades são passíveis de ser realizadas no contexto da educação básica e que a ação educativa realizada ofereceu subsídios para que os futuros professores elaborassem com clareza sugestões de atividades a serem realizadas para abordar o tema, indicando que a intervenção ofereceu subsídios práticos para a ação docente dos graduandos de Pedagogia.

5.5.4 Avaliação dos discentes sobre a intervenção realizada

A Tabela 54 mostra a opinião dos graduandos sobre os assuntos abordados na ação. Observa-se que os discentes avaliaram os conteúdos como: relevantes (15,6%), abordados de forma clara (15,6%), pertinente ao cotidiano das crianças (11,1%), interessantes (11,1%) e de útil conhecimento para todos (11,1%).

Gonsales (2012) investigou o envolvimento de duas professoras na rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista com a temática dos acidentes por meio de uma atividade de formação continuada elaborada, aplicada e avaliada pela pesquisadora. O

estudo indicou que houve a realização de atividades com os alunos em sala de aula diretamente relacionadas ao tema após a participação das professoras nessa ação.

Estudos similares poderiam ser realizados com os discentes envolvidos nessa pesquisa para avaliar como os futuros pedagogos atuarão com o tema em sala de aula ou quais os motivos que os impediram de abordar a temática.

Tabela 54 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os assuntos abordados na ação educativa (N=27).

Categorias	F	%
Os assuntos foram relevantes	7	15,6
Os assuntos foram abordados de forma clara	7	15,6
O assunto é pertinente ao cotidiano das crianças	6	13,3
Os assuntos foram interessantes	5	11,1
Os assuntos foram de útil conhecimento para todos.	5	11,1
Os assuntos foram bons	4	8,9
Foram importantes para ensinar a prevenção dos acidentes	4	8,9
Excelente	3	6,7
Os assuntos foram ensinados de forma correta	1	2,2
Faltou tempo para explorar outros assuntos	1	2,2
Os assuntos foram teóricos demais	1	2,2
Os assuntos foram abordados de forma sucinta	1	2,2
TOTAL	45	100

Fonte: da própria autora.

Os discentes consideraram que os assuntos foram abordados de forma: clara/objetiva (36,8%), boa (15,7%), excelente (7,9%) e dinâmica (7,9%), conforme consta na Tabela 55.

Tabela 55 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a forma como os assuntos foram abordados na ação educativa (N=27).

Categorias	F	%
Clara/objetiva	14	36,8
Boa	6	15,7
Excelente	3	7,9
Dinâmica	3	7,9
Dialógica/interativa	2	5,3
Cansativa quando foi muito teórica	2	5,3
Sucinta	2	5,3
Não respostas	1	2,6
As imagens e vídeos foram interessantes	1	2,6
O assunto foi abordado por um especialista	1	2,6
Poderia ter sido mais prática	1	2,6
Criativa	1	2,6
Um pouco repetitiva	1	2,6
TOTAL	38	100

Fonte: da própria autora.

As questões de estudo que foram aplicadas a cada encontro foram consideradas boas (34,5%), de fácil entendimento (10,3%), importantes para reforçar o conhecimento aprendido (10,3%), auxiliaram na fixação dos conteúdos (10,3%), tal como aparecem representadas na Tabela 56.

Tabela 56 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre as questões de estudos aplicadas durante a ação educativa (N=27).

Categorias	F	%
Boas	10	34,5
De fácil entendimento	3	10,3
Foram importantes para reforçar o conhecimento aprendido	3	10,3
Ajudaram na fixação dos conteúdos	3	10,3
Foram importantes para pensar mais sobre o assunto	3	10,3
Ótimas	3	10,3
O questionário foi melhorando a cada encontro	1	3,4
Bom para testar o aprendizado	1	3,4
Atingiu o objetivo proposto	1	3,4
Não respostas	1	3,4
TOTAL	29	100

Fonte: da própria autora.

Com relação à interação entre a pesquisadora e os discentes, os participantes consideraram ótima (32,5%), relataram que a pesquisadora foi eficiente para sanar as dúvidas (12,5%) e foi atenciosa (10%). Outras respostas encontram-se descritas na Tabela 57.

Tabela 57 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre a interação entre a pesquisadora e os discentes durante a ação educativa (N=27).

Categorias	F	%
Ótima	13	32,5
A pesquisadora soube sanar as dúvidas	5	12,5
A pesquisadora é muito atenciosa	4	10,0
A pesquisadora é simpática	3	7,5
Dinâmica	3	7,5
Houve participação da turma	3	7,5
Boa / Satisfatória	3	7,5
A pesquisadora é prestativa	2	5,0
A pesquisadora explorou bem o assunto	1	2,5
Colaborativa	1	2,5
A pesquisadora interagiu bem com os alunos	1	2,5
Não respostas	1	2,5
TOTAL	40	100

Fonte: da própria autora.

De acordo com Abreu, Luna e Abreu (2014) é importante que o aprendiz seja exposto em um responder constante para que o professor tenha condições de avaliar os conhecimentos adquiridos. Após a identificação das taxas de respostas dos discentes, torna-se essencial que haja a consequenciação e as oportunidades para que o educando possa revisar seus conhecimentos e comportamentos.

Os feedbacks das questões de estudo foram considerados relevantes (25%), bons para avaliação dos conhecimentos (25%), importantes no processo de aprendizagem (25%) e permitiram aprofundar os conhecimentos adquiridos (25%).

Solicitou-se que os participantes citassem outros aspectos que eles consideraram relevantes durante a ação educativa, sendo que um aluno relatou que os vídeos foram muito interessantes (50%) e outro aluno relatou que a aula sobre primeiros socorros foi muito boa (50%).

Quando questionados sobre os aspectos que favoreceram a realização da atividade como um todo, os discentes mencionaram a participação da turma durante os encontros (16,1%) e os vídeos dos bombeiros (12,9%). Também foram citados: a interação da sala com a pesquisadora (9,7%), o interesse dos discentes no tema (9,7%) e a forma como os conteúdos foram ensinados (9,7%), conforme consta na Tabela 58.

Tabela 58 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que favoreceram a realização da ação educativa (N=27).

Categorias	F	%
Participação da turma	5	16,1
Não respostas	4	12,9
Os vídeos dos bombeiros	4	12,9
A interação da sala com a pesquisadora	3	9,7
O interesse pelo tema	3	9,7
O ensino sobre a prevenção de acidentes infantis	3	9,7
Os slides	2	6,5
A forma de discorrer sobre o assunto	2	6,5
As notícias sobre ocorrência dos acidentes em escolas	1	3,2
A falta de conhecimento despertou o interesse pelo tema	1	3,2
Ânimo da pesquisadora	1	3,2
O conhecimento prévio sobre o assunto de alguns alunos	1	3,2
Não sabe	1	3,2
TOTAL	31	100

Fonte: da própria autora.

Para Skinner (1972), a motivação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem consiste em elemento ainda mais importante do que a construção de escolas, formação de professores e/ou utilização de materiais didáticos.

A interação e participação da turma durante as atividades propostas certamente constitui-se em um fator motivador para a aprendizagem dos conteúdos propostos.

Com relação aos aspectos que dificultaram a realização da atividade, a maior parte dos participantes indicou que não houve (45,2%), citando também o pouco tempo (16,1%) e o fato da intervenção ter sido realizada no meio de uma disciplina (6,5%), conforme disposto na Tabela 59.

Sugere-se que em estudos futuros, sejam realizadas atividades extracurriculares envolvendo o tema, de modo a verificar a adesão dos discentes e constatar a coerência entre seu discurso de interesse pelo tema e o comportamento de se aprofundar na temática em questão.

Tabela 59 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que dificultaram a realização da ação educativa (N=27).

Categorias	F	%
Não	14	45,2
Falta de tempo	5	16,1
Não respostas	4	12,9
O fato de ter sido realizada no meio de uma disciplina	2	6,5
Cansaço dos alunos	1	3,2
Falta de interesse de alguns alunos da turma	1	3,2
Apesar do pouco tempo, a atividade foi eficaz	1	3,2
Alguns problemas técnicos	1	3,2
A intervenção estava bem elaborada	1	3,2
A pesquisadora é eficiente	1	3,2
TOTAL	31	100

Fonte: da própria autora.

Questionou-se também se os discentes consideravam que a pesquisadora cumpriu o objetivo proposto para a intervenção. Dois graduandos não responderam a essa questão (7,4%) e os demais responderam afirmativamente (92,6%).

A Tabela 60 mostra os motivos pelos quais os graduandos consideraram que a pesquisadora atingiu os objetivos propostos.

Tabela 60 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os motivos pelos quais consideram que a pesquisadora cumpriu seus objetivos durante a ação educativa (N=27).

Categorias	F	%
Propiciou muitas informações sobre a temática	7	21,9
A pesquisadora foi objetiva nas explicações	7	21,9
Ofereceu sugestões de atividades a serem realizadas em sala de aula	5	15,6
Poucas pessoas têm este tipo de informação	2	6,3
Os assuntos foram bem explicados	2	6,3
Não respostas	2	6,3
Foram apresentadas situações de acidentes/ exemplos	2	6,3
A pesquisadora foi sucinta	1	3,1
A pesquisadora sanou todas as dúvidas	1	3,1
Os conhecimentos foram ampliados	1	3,1
A pesquisadora orientou sobre primeiros socorros	1	3,1
Poderia ter sido entregue um material impresso	1	3,1
TOTAL	32	100

Fonte: da própria autora.

Os participantes relataram que a pesquisadora propiciou muitas informações sobre a temática (21,9%), houve objetividade nas explicações (21,9%) e sugestões de atividades a serem realizadas em sala de aula (15,6%).

Quando questionados se a atividade realizada trouxe alguma contribuição para a formação dos futuros pedagogos, apenas um não respondeu a questão (3,7%) e os demais responderam positivamente (96,3%). Os participantes mencionaram que foram importantes todos os conhecimentos sobre os primeiros socorros (29,6%), que o tema é importante e auxiliou para a atuação com crianças (18,5%) e todas as orientações passadas foram muito importantes (7,4%), tal como está na Tabela 61.

Tabela 61 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre os aspectos que contribuíram em sua formação como pedagogos durante a ação educativa (N=27).

Categorias	F	%
Primeiros socorros	8	29,6
O tema é importante para quem atua com crianças	5	18,5
Todas as orientações foram muito importantes	2	7,4
Compreensão da previsibilidade dos acidentes	2	7,4
Introduziu o tema	2	7,4
Aumentou a atenção dos graduandos sobre o tema	2	7,4
Trouxe novas informações	2	7,4
Reflexão sobre o tema	2	7,4
Ensinou a preservar a saúde dos alunos	1	3,7
Não respostas	1	3,7
TOTAL	27	100

Fonte: da própria autora.

As atividades realizadas no contexto do ensino superior com os graduandos de Pedagogia foram possíveis de ser realizadas sem atrapalhar a docente com os conteúdos propostos durante sua disciplina bem como teve boa aceitação entre os discentes.

Com relação à pretensão dos discentes em abordar o tema “prevenção de acidentes infantis” em alguma atividade de estágio e/ou em suas atividades como profissional da Pedagogia: 14,8% disseram que não abordariam o tema, 11,2% não souberam opinar, 7,4% disseram que talvez abordariam e 66,6% informaram que realizariam sim.

Os graduandos indicaram que realizariam tais atividades para orientar as crianças sobre o tema (20%), se sensibilizaram que a orientação pode evitar situações de risco (16,7%) e que professores e funcionários precisam estar orientados sobre o tema (13,3%). Outras respostas estão dispostas na Tabela 62.

A ação educativa realizada permitiu que os graduandos refletissem sobre a relevância da temática e a necessidade de abordar o tema com alunos, professores e demais atores educacionais no contexto da educação básica.

Tabela 62 - Conhecimentos e opiniões de discentes da turma C do curso de Pedagogia da Universidade do estado de São Paulo sobre como pretendem abordar a temática dos acidentes infantis em sua atuação profissional (N=27).

Categorias	F	%
Orientar as crianças sobre o tema	6	20,0
A orientação pode evitar situações de risco	5	16,7
Orientar professores e funcionários sobre o tema	4	13,3
Não sei	2	6,7
No momento não penso nisso	2	6,7
Investigaria a existência de uma formação sobre o assunto na escola	2	6,7
Necessita de mais aprofundamento sobre o tema	2	6,7
A intervenção poderia ocorrer antes dos estágios	1	3,3
Trabalharia com rodas de conversa e atividades	1	3,3
O assunto não é atrativo	1	3,3
Como estagiária, não há liberdade para trabalhar o tema	1	3,3
Orientar os pais sobre o tema	1	3,3
Utilizarei as informações apenas para orientar as crianças e atentar-se ao ambiente seguro	1	3,3
É dever do pedagogo orientar sobre a prevenção	1	3,3
TOTAL	30	100

Fonte: da própria autora.

Com relação aos comentários e/ou sugestões, 48,1% dos participantes não desejou tecer considerações finais e 25,9% não respondeu a questão. Os demais graduandos agradeceram pelas orientações recebidas (11,1%), agradeceram pela possibilidade de terem participado dessa pesquisa (7,4%), parabenizaram a pesquisadora por sua colaboração na

formação dos graduandos (3,7%) bem como sugeriram a inclusão dessa matéria na grade curricular do curso de Pedagogia (3,7%).

Nascimento (2006) identificou que os conteúdos referentes a acidentes poderiam ser inseridos nos cursos de Fonoaudiologia, principalmente nas disciplinas sobre prevenção. Por tratar-se de uma questão complexa e de difícil solução, seria preciso contar com a contribuição de todas as disciplinas do curso e dos esforços dos profissionais da área. O estudo evidenciou a necessidade de reflexões acerca do modelo atual da formação superior do fonoaudiólogo, para que se possa ampliar e otimizar as oportunidades de atuação educativa/preventiva em relação às demandas sociais que envolvam acidentes humanos.

De modo similar, o presente estudo identifica a relação preeminente entre educação e saúde, tendo em vista o papel social do educador como agente de disseminação de informações sobre saúde e sua relevância na formação de sujeitos que adotam comportamentos seguros quanto a prevenção dos acidentes infantis. Nesse sentido, a inserção e discussão do tema no curso de Pedagogia também se mostra necessária para otimizar as oportunidades de atuação educativa/preventiva em relação à temática.

5.5.5 Avaliações da docente da turma sobre a intervenção realizada

Também foi entregue um questionário para a docente responsável pela turma que acompanhou todas as atividades realizadas durante a ação educativa.

Questionou-se como ela avaliaria os assuntos abordados sobre o tema da prevenção dos acidentes infantis, ao que ela informou que foram extremamente pertinentes e enriquecedores. A docente alegou ainda que a seleção de assuntos foi bastante abrangente, possibilitando o envolvimento dos discentes.

Segundo ela, os assuntos foram abordados de forma dinâmica e interessante, constituindo-se por intervenções rápidas e proveitosas para os graduandos.

A docente considerou relevante a entrega de questões de estudo a cada encontro e avaliou como excelente a interação entre a pesquisadora e os discentes. Para ela, a pesquisadora estabeleceu uma empatia muito boa com os discentes, além de apresentar um conteúdo muito interessante e ter a habilidade de ouvi-los.

Quando questionada sobre os aspectos que favoreceram a realização da atividade como um todo, a docente alegou que a exibição de vídeos favoreceu muito a percepção de cada acidente além de deixar a aula mais dinâmica.

Quanto aos aspectos que dificultaram a realização da atividade, ela mencionou o tempo curto para a realização da proposta. Segundo ela, o tempo de intervenção de 1 hora foi ótimo, mas considerou o conteúdo bastante denso e sugeriu que pudessem ser realizados mais encontros ao longo da intervenção.

Questionou-se sua opinião quanto ao cumprimento dos objetivos propostos no Programa de Ensino de propiciar acesso às informações a respeito dos acidentes infantis em geral e oferecer subsídios para elaboração de atividades com a temática para serem realizadas com os escolares da educação infantil e/ou ensino fundamental, a docente informou que os objetivos foram atingidos e que o assunto foi abordado de forma a contribuir para a formação inicial dos discentes, no que diz respeito aos tipos de acidentes e formas de preveni-los ou mesmo buscar ajuda ou socorro.

Foi averiguada a pretensão da docente em abordar o tema “prevenção de acidentes” nesta e/ou em outra Disciplina/Estágio do curso de Pedagogia, ao que ela informou que sim, visto que a disciplina de Ciências possui uma implicação direta com essa temática.

Segundo ela, todos os assuntos são importantes e seriam abordados. Não foi respondida à questão acerca de quais comentários, textos e/ou atividades trabalharia junto aos alunos, mas a docente informou que as estratégias de ensino-aprendizagem a serem utilizadas, seriam: exibição de vídeos e notícias de jornais e também realização de oficinas práticas.

As atividades seriam avaliadas de forma processual, com base no envolvimento deles durante as atividades, elaboração de cartazes, panfletos, etc.

Procurou-se ainda identificar os comentários ou sugestões que ela desejaria fazer, sendo que ela expressou a excelência da intervenção, reforçando a ideia de que a pesquisadora cumpriu bem seu papel. Quanto às sugestões oferecidas, a docente indicou a realização de uma atividade prática, tal como a visita de bombeiros que havia sido sugerida pela pesquisadora no começo da intervenção. Segundo ela, essa atividade poderia despertar ainda mais o interesse dos discentes.

6 CONCLUSÕES

Conclui-se por meio do Estudo 1 que os estudantes do curso de Pedagogia das duas Universidades apresentaram lacunas de conhecimento sobre o conceito de acidentes infantis, bem como relataram ter obtido informações superficiais sobre o tema, quer seja pela televisão ou pela internet, e que não tiveram formação adequada sobre o tema durante o curso de graduação.

A despeito da falta de conhecimento sobre o tema, a maioria dos discentes identifica a importância da prevenção dos acidentes infantis e sinalizou o desejo em aprender conteúdos da temática durante sua formação, uma vez que o pedagogo é o profissional que deve cuidar e zelar pela segurança das crianças e propiciar a disseminação de conhecimentos que tenham a finalidade de erradicar os números de vítimas em decorrência dos acidentes infantis.

Os graduandos indicaram o interesse em receber informações sobre a temática durante a graduação por meio de aulas teóricas e práticas e os assuntos que mais despertaram a curiosidade dos graduandos foram: os primeiros socorros, os tipos de acidentes e sua prevenção.

Identificou-se ainda que os discentes que não atuam na educação básica informaram que desejariam abordar o tema futuramente em sala de aula, e dentre aqueles que responderam que não realizariam, o principal motivo foi pela falta de informação para abordar o tema.

Já dentre aqueles que atuam profissionalmente no contexto da educação básica, percebeu-se que uma pequena parcela dos participantes já abordou o tema em sala de aula.

De forma geral, os graduandos identificam a relevância do tema e a necessidade de receber formação adequada para poder intervir futuramente com seus alunos em sala de aula no contexto da educação básica. Demonstraram ainda a importância da realização de ações educativas que tenham como objetivo principal disseminar os conhecimentos sobre a temática e contribuir para a formação dos futuros pedagogos.

Também foi identificado o conceito de acidentes infantis com professores universitários que participaram do presente Estudo, sendo que a noção de imprevisibilidade dos acidentes também é frequente em vossos discursos.

Os docentes revelaram não ter abordado o assunto com as turmas em que atuaram, mas assinalaram a importância de se abordar a temática durante a formação dos pedagogos, sendo que uma das professoras demonstrou inclusive interesse em participar de uma intervenção que trabalhasse com os cuidados e primeiros socorros.

De forma geral, a literatura aponta para a formação inadequada dos pedagogos para a educação em saúde e os dados encontrados no presente estudo corroboram com tais pesquisas. Diante disso, procurou-se contribuir para a formação dos pedagogos com relação à temática dos acidentes infantis por meio da realização de uma ação educativa com universitários.

A ação educativa foi realizada no Estudo 2 com a turma de graduandos que revelou maior interesse pelo tema e interesse em participar de ações educativas envolvendo a temática. Além disso, a disponibilidade de tempo e espaço oferecido pela docente também favoreceu a escolha da turma (turma C).

Sua elaboração ocorreu com base nos princípios da Análise Experimental do Comportamento, preocupando-se com uma aprendizagem significativa com contingências de ensino favoráveis para a aprendizagem de conceitos.

Foram abordados os tipos de acidentes, sua prevenção, os primeiros socorros, as legislações e preconizações ministeriais para o trabalho com o tema no âmbito da Educação.

A cada encontro foram aplicadas questões de estudos para averiguação dos conhecimentos adquiridos, sendo que tal procedimento permitiu a retomada de conteúdos que não haviam sido apropriados pelos graduandos.

Os dados coletados por meio de cada questão de estudo indicaram que a ação educativa permitiu a aprendizagem de conceitos sobre o tema bem como permitiu que os discentes pudessem elaborar um plano de ensino no contexto da educação básica para alunos tanto do ensino fundamental como na educação infantil.

Os discentes indicaram que realizariam atividades sobre diferentes tipos de acidentes infantis por meio de teatro de fantoches, jogos educativos, rodas de conversa, dentre outras opções. Informaram também que tais atividades seriam importantes para conscientizar os alunos sobre a prevenção e alertar sobre os fatores de risco.

Houve destaque ainda para a questão da legislação dos acidentes, sendo que no questionário prévio nenhum graduando indicou conhecer o assunto e após a ação educativa todos os discentes relataram ter conhecimento sobre o tema.

Os discentes avaliaram que a ação educativa permitiu a abordagem de assuntos relevantes e pertinentes ao cotidiano das crianças. Consideraram satisfatórias as atividades realizadas, com destaque para os vídeos apresentados e a interação da sala com a pesquisadora. Afirmaram que a pesquisadora atingiu os objetivos propostos e que as orientações transmitidas foram muito importantes para vossa formação.

Indicaram ainda que realizariam atividades sobre o tema em sua futura atuação profissional, revelando ter obtido subsídios que os auxiliassem nessa tarefa.

De forma geral, os discentes agradeceram a oportunidade de participar desse estudo e sugeriram a inclusão do tema na grade curricular do curso de Pedagogia.

Com relação à avaliação da docente da turma sobre as atividades realizadas, percebe-se que esta também foi favorável, indicando que ações educativas com universitários são passíveis de ser realizadas no contexto do ensino superior.

O presente estudo trouxe contribuições para o enriquecimento da formação inicial dos estudantes de Pedagogia, principalmente nas estruturas de curso em que estavam inseridos, no qual não havia disciplinas que suscitasse a reflexão sobre a temática da educação em saúde, especificamente a prevenção dos acidentes infantis.

Quanto aos limites desse estudo, o pouco tempo em que a ação educativa foi realizada com os alunos e o fato de ocupar o espaço de uma disciplina poderiam ser aspectos a serem revistos. Sugere-se então que estudos futuros verifiquem a possibilidade de realização de atividades extracurriculares para identificar se a intenção dos discentes em adquirir conhecimentos sobre o tema se efetivam na participação de tais atividades bem como quais serão as repercussões desse estudo na atuação profissional dos discentes que participaram da ação educativa, no sentido de investigar quais seriam os planos de ensino desenvolvidos em sala de aula a partir da participação no presente estudo.

A pesquisadora nesse estudo teve dificuldade em conseguir a participação de funcionários do Corpo de Bombeiros para ministrar palestras sobre primeiros socorros aos discentes, em razão da ação educativa ter ocorrido no período noturno e não haver dispensa de funcionários durante esse período.

Conclui-se, que os objetivos propostos para esta pesquisa foram alcançados, uma vez que a pesquisadora identificou aspectos da formação dos graduandos do curso de Pedagogia sobre a temática da prevenção de acidentes infantis bem como elaborou, aplicou e avaliou uma ação educativa com universitários, oferecendo subsídios quer seja no contexto da educação básica como no ensino superior para que a temática fosse inserida curricularmente desde a educação infantil até às Universidades.

O presente estudo corroborou as hipóteses apresentadas e mostrou sintonia com estudos de literatura que já apresentavam a falta de conhecimentos acerca da temática da prevenção dos acidentes infantis e a ausência de subsídios práticos durante a graduação para atuar com o tema, sendo que ações educativas realizadas com universitários se mostraram relevantes para contribuir em sua formação acadêmica e futura atuação profissional.

Acredita-se que o tema poderia ser incluído de modo interdisciplinar na disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências e/ou Fundamentos da educação infantil, tendo em vista os

documentos ministeriais que abordam a relevância do cuidado com a saúde na educação infantil e os temas transversais a serem trabalhados em sala de aula no contexto do ensino fundamental, ciclo I.

Além disso, acredita-se que a inserção de disciplinas específicas no curso de Pedagogia que abordam a questão da educação em saúde seria relevante, tendo em vista que o professor age enquanto disseminador de conhecimentos e permite que as orientações transmitidas em sala sejam disseminadas pelas crianças, quer seja com seus familiares ou com a comunidade.

Tendo em vista o cenário educacional vigente, no qual as escolas de tempo integral tem se fortalecido a cada dia com sua ânsia de propiciar situações significativas de aprendizagem aos educandos e no contexto da educação infantil que deve estimular a autonomia, a autoestima e o cuidado com o corpo, acredita-se que seria relevante que o pedagogo dispusesse na grade curricular do seu curso de graduação, ainda que como uma disciplina optativa ou como assunto curricular no interior de uma disciplina específica, de conhecimentos que abordem não somente a temática da prevenção de acidentes infantis, enfocando os primeiros socorros, mas acerca da educação em saúde em geral.

Estudos futuros poderiam analisar a formação de universitários de instituições que trazem em seu projeto político-pedagógico a preocupação com a educação em saúde e possuem disciplinas específicas sobre a temática na grade curricular de seus cursos, de modo a verificar se as concepções e informações sobre o tema diferem dos graduandos que não tiveram essa abordagem em sua formação.

De modo geral, o presente estudo contribuiu na formação dos universitários que participaram dessa pesquisa, entretanto, faz-se necessário que mais universitários tenham acesso às informações, sugerindo que os currículos do curso de Pedagogia sejam repensados para abordar o tema.

REFERÊNCIAS

- ACKER, J. I. B. V.; CARTANA, M. H. F. Construção da participação comunitária para a prevenção de acidentes domésticos infantis. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, DF, v. 62, n. 1, p. 64-70, 2009.
- ABREU, J. H. S. S.; LUNA, S. V.; ABREU, P. R. Avaliando a pesquisa sobre o ensino de análise funcional para professores no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 16, n. 3, 2014.
- ALEIXO, E. C. S.; ITINOSE, A. M. Intoxicação infantil: experiência de familiares de crianças intoxicadas no município de Maringá (PR). *Ciência, Cuidado e Saúde*, v. 2, n. 2, p. 147-154, 2008.
- ALVES, E. F. Características dos acidentes de trânsito com vítimas de atropelamento no município de Maringá-Pr, 2005-2008. *Saúde e Pesquisa*, v. 3, n. 1, 2010.
- ANDERY, M. A. P. A. Métodos de pesquisa em análise do comportamento. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 313-342, 2010.
- ANDRADE, S. S. C. A.; SÁ, N. N. B.; CARVALHO, M. G. O.; LIMA, C. M.; SILVA, M. M. A., NETO, O. L. Perfil das vítimas de violências e acidentes atendidas em serviços de urgência e emergência selecionados em capitais brasileiras: Vigilância de Violência e Acidentes, 2009. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 2, n. 1, p. 21-30, 2012.
- ARAGAO, J. A. et al. Estudo epidemiológico de crianças vítimas de queimaduras internadas na Unidade de Tratamento de Queimados do Hospital de Urgência de Sergipe. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 379-382, set. 2012.
- BALLESTEROS, M. F.; SCHIEBER, R. A.; GILCHRIST, J.; HOLMGREEN, P.; ANNEST, J. L. Differential ranking of causes of fatal versus non-fatal injuries among US children. *Injury Prevention*, v. 9, p. 173-176, 2003.
- BASTOS, Y. G. L.; ANDRADE, S. M.; SOARES, D. A. Características dos acidentes de trânsito e das vítimas atendidas em serviço pré-hospitalar em cidade do sul do Brasil, 1997/2000. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, maio./jun. 2005.
- BITTENCOURT, P. F. S.; CAMARGOS, P. A. M. Aspiração de corpos estranhos. *Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)*, v. 78, n. 1, p. 9-18, 2002.
- BLANK, D. A puericultura hoje: um enfoque apoiado em evidências. *Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)*, Porto Alegre, v. 79, p. S13-S22, 2003. Supl. 1.
- BLANK, D. Prevenção e controle de injúrias físicas: saímos ou não do século 20? *Jornal de Pediatria*, v. 8, n. 2, p. 84-86, 2002.
- BOTOMÉ, S. P. Análise de objetivos terminais: uma proposta de procedimento. In: CORTEGOSO, A. L.; COSER, D. S. *Elaboração de programas de ensino: material autoinstrutivo*. São Carlos: EduFSCar, 2011. p. 80-101.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Leis de diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1:27833-41.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente*. Brasília, DF, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. Portaria n. 737/GM 16 maio 2001. Disponível em: <<http://www.conselho.saude.gov.br>>. Acesso em: 27 jul. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. *Política nacional de redução de morbimortalidade por acidentes e violência*: Portaria MS/GM nº 737 de 16/05/01, publicada no DOU nº 96 seção 1E de 18/05/01. 2. ed. Brasília, DF, 2005.

BRASIL. Resolução CNE/CP 1/2006. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 maio 2006. Seção 1, p. 11.

BRASIL. Parecer do Conselho Nacional de Educação nº 5/2005, de 13 de dezembro de 2005, reexaminado pelo parecer nº 3/2006, de 21 de fevereiro de 2006. Diretrizes curriculares nacionais para o curso de Pedagogia. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 11 abr. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde, Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (SINITOX). Casos Registrados de Intoxicação Humana por Agente Tóxico e Faixa Etária. Brasil, 2007. Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/sinitox>>.

BRASIL. Lei n. 6.286, de 05 de dezembro de 2007. Programa Saúde na Escola. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 6 dez. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS. *Informações de Saúde*. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://datasus.saude.gov.br/>>.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Plano nacional da primeira infância: mapeamento da ação finalística evitando acidentes na primeira infância*. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2015/01/RELATORIO-DE-MAPEAMENTO-EVITANDO-ACIDENTES-versao-4-solteiras.pdf>>.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília, DF, 2013.

BRITO, M. E. M.; DAMASCENO, A. K. C.; PINHEIRO, P. N. C.; VIEIRA, L. J. E. S. A cultura no cuidado familiar à criança vítima de queimaduras. *Revista Eletrônica Enfermagem*, v. 12, n. 2, p. 321-5, 2010.

CAMPOS, J. A.; PAES, C. E. N.; BLANK, D.; COSTA, D. M.; PFEIFFER, L.; WAKSMAN, R. D. *Manual de segurança da Criança e do Adolescente*. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2004.

CARDOSO, V.; REIS, A.P.; IERVOLINO, S.A. Escolas promotoras de saúde. *Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humana*, v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008.

CARVALHO, R. C.; COSTA, M. C. O.; SILVA, J. J. M.; REBOUÇAS, M. C. Acidentes de trânsito envolvendo adolescentes: o registro da situação de Feira de Santana, Bahia, em 2001. *Revista Baiana de Saúde Pública*, v. 29, n. 1, p. 22-34, jan./jun. 2005.

CARVALHO, F. F. *Acidentes infantis: relatos de diretores e professores de ensino fundamental e análise material didático*. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

CASTANHO, M. I. S.; MANCINI, S. G. Educação Integral no Brasil: potencialidades e limites em produções acadêmicas sobre análise de experiências. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 90, p. 225-248, mar. 2016 .

CORRÊA, C. I. M.; BRAGA, T. M. S. *Análise da participação da escola pública na educação sexual dos alunos*. 2003. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

CORTEGOSO, A. L. Descrição de situação-problema a ser resolvida por meio de um programa de ensino. In: CORTEGOSO, A. L.; COSER, D. S. *Elaboração de programas de ensino: material autoinstrutivo*. São Carlos: EduFSCar, 2011. p. 49-50.

COZBY, P. C. *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas, 2003.

CRESWELL, J. W. *Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DE ROSE, J. C. Análise comportamental da aprendizagem de leitura e escrita. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v. 1, n. 1, p. 29-50, 2005.

FERNANDES, M. H.; ROCHA, V. M.; SOUZA, D. B. A concepção sobre saúde escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 12, n. 2, p. 283-291, 2005.

FERNANDES, F. M. F. A.; TORQUATO, I. B.; DANTAS, M. S. A.; PONTES JÚNIOR, F. A. C.; FERREIRA, J. A.; COLLET, N. Queimaduras em crianças e adolescentes: caracterização clínica e epidemiológica. *Revista Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 133-141, 2012.

FILÓCOMO, F. R. F.; HARADA, M. J. C. S.; SILVA, C. V.; PEDREIRA, M. L. G. Estudo dos acidentes na infância em um pronto socorro pediátrico. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, v. 10, n. 1, p. 41-47, 2002.

FORNAZARI, S. A.; KIENEN, N.; TADAYOZZI, D. S.; RIBEIRO, G. D.; ROSSETTO, P. B. Capacitação de professores em análise do comportamento por meio de programa educativo informatizado. *Psicologia e Educação*, São Paulo, n. 35, p. 24-52, dez. 2012 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752012000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 8 out. 2016.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMENIZ-PASCHOAL, S.R.; MONTEIRO, V. B. P. N.; KEPPLER, M. A. B. B.; GONSALES, T. P.; VILAS BOAS, B.; COSTA, P. P. Estratégia educativa sobre prevenção de acidentes infantis para o ensino fundamental. *Revista LEVS (Marília)*, v. 6, p. 216-226, 2010.

GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; GONSALES, T. P.; VILAS BÔAS, B.; COSTA, P. F.; PIRES, D. O. Realização de atividades por professores do Ensino Fundamental voltadas para a prevenção de acidentes infantis. In: COLÓQUIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 7., 2010, São João Del Rei.

GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; GONSALES, T. P.; NASCIMENTO, E. N.; VILAS BÔAS, B.; NICOLETTI, T. M. Opinião de profissionais da educação fundamental sobre acidente infantil e orientações recebidas sobre esse tema. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 2009, São Carlos. 1 CD-ROOM.

GIOIA, P. S.; FONAI, A. C. V. A preparação do professor em análise do comportamento. *Psicologia da Educação*, n. 25, p. 179-190, 2007.

GONSALES, T. P. *Atividades de formação de professores para o trabalho com prevenção de acidentes infantis*. 2012. 183 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

HAMLEY, C. A.; WARD, A. B.; LONG, J.; OWEN, D. W.; MAGNAY, A. R. Prevalence of traumatic brain injury amongst children admitted to hospital in one health district: a population-based study. *Accident Analysis and Prevention*, v. 33, n. 1, p. 44-50, 2002.

HARADA, M. J. C. S. et al. Epidemiologia em crianças hospitalizadas por acidentes. *A Folha Médica*, São Paulo, v. 119, n. 4, p. 43-47, 2000.

HAYASHI, E. A. P. *Dificuldade de leitura e problemas de indisciplina: aplicação da metodologia da equivalência de estímulos e o procedimento de exclusão*. 2003. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

JULIANO, M. C. Análise dos efeitos de uma programação de ensino sobre o desempenho de estudantes em um curso superior de Administração de Empresas. *Revista de Educação*, v. 12, n. 13, p. 23-38, 2009.

KEPPLER, M. A. B. B. *Ações educativas sobre prevenção de acidentes infantis em curso de Design Gráfico*. 2014. 185 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

KUBO, O. M.; BOTOMÉ, S. P. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. *Interação*, v. 5, p. 133-170, 2001.

LAFLAMME, L.; DIDERICHSEN, F. Social differences in traffic injury risks in childhood and youth. a literature review and a research agenda. *Injury Prevention*, v. 6, p. 293-8, 2000.

LASCALA, E. A.; GRUENEWALD, P. J.; JOHNSON, F. W. An ecological study of the locations of schools and child pedestrian injury collisions. *Accident Analysis and Prevention*, v. 36, p. 569-76, 2004.

LEAO, C. E. G.; ANDRADE, E. S.; FABRINI, D. S.; OLIVEIRA, R. A.; MACHADO, G. L. B.; GONTIJO, L. C. Epidemiologia das queimaduras no estado de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 573-577, 2011 .

LEONELLO, V. M.; L'ABBATE, S. Educação em Saúde na Escola: uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em Pedagogia. *Interface: comunicação, saúde, educação*, v. 10, n. 19, p. 149-66, jan./jun. 2006.

MARTINS, C. B. G.; ANDRADE, S. M. Causas externas entre menores de 15 anos em cidade do Sul do Brasil: atendimentos em pronto-socorro, internações e óbitos. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 194-204, jun. 2005.

MARTINS, C. B. G.; ANDRADE S. M.; PAIVA, P. A. B. Envenenamentos acidentais entre menores de 15 anos em município da Região Sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 22, n. 2, p. 407-414, 2006.

MARTINS, C. B. G.; ANDRADE, S. M. Queimaduras em crianças e adolescentes: análise da morbidade hospitalar e mortalidade. *Acta Paulista Enfermagem*, v. 20, n. 4, p. 464-9, 2007.

MARTINS, C. B. G.; ANDRADE, S. M. Estudo descritivo de quedas entre menores de 15 anos no município de Londrina (PR, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 1, p. 3167-3173, 2010.

MAUAD, L. C.; GUEDES, M. C.; AZZI, R. G. Análise do comportamento e a habilidade de leitura: um levantamento crítico de artigos do JABA. *Psico-USF*, Itatiba, v. 9, n. 1, p. 59-69, 2004.

MEDINA-GOMEZ, O. S. Prevalencia de accidentes en el hogar en niños y factores de riesgo asociados. *Enfermagem da Universidade do México*, v. 12, n. 3, p. 116-121, set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-70632015000300116&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 1 ago. 2016.

MELO, R. M.; CARMO, J. S.; HANNA, E. S. Ensino sem erro e aprendizagem de discriminação. *Temas em Psicologia*, v. 22, n. 1, p. 207-222, 2014.

NALE, N. Programação de ensino no Brasil: o papel de Carolina Bori. *Psicologia USP*, v. 9, n. 1, p. 275-301, 1998.

NASCIMENTO, E. N. *A fonoaudiologia e os acidentes humanos : aspectos curriculares e opiniões de docentes e discentes*. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

NASCIMENTO, E. N. *Ações de prevenção de acidentes humanos em disciplinas e estágio de curso de fonoaudiologia: opiniões de discentes e docentes*. 2010. 175 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

OLIVEIRA, R. A. *Educação infantil e acidentes: opiniões dos profissionais e caracterização dos riscos do ambiente*. 2003. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

OLIVEIRA, R. A. *Comportamentos de risco para acidentes em playgrounds: identificação e opiniões de profissionais da educação infantil*. 2008. 167 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

PARDAL, P. P.; SILVA, C. T. Atividades lúdicas na prevenção de acidentes por animais peçonhentos em estudantes da rede pública da região metropolitana de Belém. *Revista Universo & Extensão*, v. 3, n. 3, 2015.

PASQUALINI, E. Objetos de aprendizagem para universitários sobre prevenção de acidentes de trânsito. 2012. 161 p. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

PEREIRA, M. E. M.; MARINOTTI, M.; LUNA, S. V. O compromisso do professor com a aprendizagem do aluno: contribuições da Análise do Comportamento. In: HUBNER, M. M. C.; MARINOTTI, M. (Org.) *Análise do comportamento para a educação*. Santo André: ESETec, 2004.

REINHARDT, M. C.; REINHARDT, C. A. U. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, comorbidades e situações de risco. *Jornal de Pediatria*. (Rio de Janeiro), v. 89, n. 2, p. 124-130, 2013.

RIBEIRO, R. M.; RODRIGUES-ABREU, J. *Análise do comportamento: pesquisa, teoria e aplicação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RING, L. M. Kids and hot liquids: a burning reality. *Journal of Pediatric Health Care*, v. 21, n. 3, p. 192-194, 2007.

ROVIN, J. D.; RODGERS, B. M. Pediatric foreign body aspiration. *Pediatric Review*, v. 21, p. 86-90, 2000.

SANTOS, K. F.; BÓGUS, C. M. A percepção de educadores sobre a escola promotora de saúde: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 17, n. 3, p. 123-133, 2007.

SCHVARTSMAN, C.; SCHVARTSMAN, S. Intoxicações exógenas agudas. *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro), v. 75, p. 244-50, 1999. Supl. 2.

SCOTA, B. C. *Ações educativas com sobre prevenção de acidentes infantis com professoras de educação infantil*. 2016. 141 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

SENA, S. P. *A representação social dos acidentes escolares por educadores em escola de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, Belo Horizonte*. 2006. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde da Criança e do Adolescente)-Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

- SILVA, G. P. F.; OLEGARIO, N. B. C.; PINHEIRO, A. M. R. S.; BASTOS, V. P. D. Estudo epidemiológico dos pacientes idosos queimados no Centro de Tratamento de Queimados do Hospital Instituto Doutor José Frota do município de Fortaleza-CE, no período de 2004 a 2008. *Revista Brasileira de Queimaduras*, v. 9, n. 1, p. 7-10, 2010.
- SKINNER, B. F. Por que os professores fracassam. In: _____. *Tecnologia do ensino*. São Paulo: Herder, EDUSP, 1972. p. 89-108.
- SOUZA, M. F. M.; MALTA, D. C.; CONCEIÇÃO, G. M. S.; SILVA, M. M. A.; GAZAL-CARVALHO, C.; MORAIS NETO, O. L. Análise descritiva e de tendência de acidentes de transporte terrestre para polítics sociais no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 33-44, mar. 2007.
- TARDIFF, M. Saberes docentes e formação profissional. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- TAVARES, E. O.; BURIOLA, A. A.; SANTOS, J. A. T.; BALLANI, T. S. L.; OLIVEIRA, M. L. F. Fatores associados à intoxicação infantil. *Escola Anna Nery*, v. 17, n. 1, 2013.
- TEIXEIRA, A. M. S. *Análise de contingências em Programação de Ensino Infantil: liberdade e efetividade na Educação*. Santo André: ESETec Editores Associados, 2006.
- TORO, I. F.; MUSSI, R. K.; SEABRA, J. C.; FRAZATTO JUNIOR, J. C. Review of experience with 273 cases of aspiration foreign bodies in children from State University of Campinas, Brazil. *European Respiratory Journal*, v. 16, 2000. Suppl. 31.
- VARGAS, J. S. *Como formular objetivos comportamentais úteis*. São Paulo: EPU, 1974.
- VIANA, F. P.; RESENDE, S. M.; TOLEDO, M. C.; SILVA, R. C. Aspectos epidemiológicos das crianças com queimaduras internadas no pronto socorro para queimaduras de Goiânia. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 11, n. 4, p. 779-84, 2009.
- VIEIRA, L. J. E.; ARAÚJO, K. L.; CATRIB, A. M. F.; VIEIRA, A. C. V. C. O lúdico na prevenção de acidentes em crianças de 4 a 6 anos. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 18, n. 2, p. 78-84, 2005.
- VILAS BÔAS, B. *Material paradidático voltado para a prevenção de acidentes infantis: levantamento de subsídios, elaboração e avaliação*. 2010. 70 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.
- VILAS BÔAS, B. *Procedimentos pedagógicos no ensino fundamental voltados para a prevenção de quedas acidentais*. 2013. 83 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.
- WAKSMAN, R. D.; GIKAS, R. M. C. *Segurança na Infância e Adolescência*. Sociedade de Pediatria de São Paulo. Departamento de Segurança da Criança e do Adolescente. São Paulo: Atheneu, 2003.

WILLER, B.; DUMAS, J.; HUTSON, A.; LEDDY, J. A population based investigation of head injuries and symptoms of concussion of children and adolescents in schools. *Injury Prevention*, London, v. 10, n. 3, p. 144-148, jun. 2004.

WILLIS, A.; FOWLER, B.; REA, S.; WOOD, F. Testing nurses burn injury knowledge. *Australian Nursery Journal*, v. 14, n. 8, p. 30-31, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Violence, injuries and disability*. Biennial report 2008-2009. Geneva: World Health Organization Press, 2012.

ZANOTTO, M. L. B. Formação de professores: a contribuição da análise do comportamento. São Paulo: EDUC, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o graduando do Curso de Pedagogia do Estudo1.



Prezado(a) Senhor(a)

Gostaria de solicitar a Vossa colaboração para realizar parte da minha pesquisa de Doutorado intitulada “Pedagogia e prevenção de acidentes infantis: conhecimentos e opiniões de discentes e docentes e ação educativa com universitários”, desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação da UNESP de Marília.

Os objetivos da pesquisa são caracterizar a formação do pedagogo em relação aos acidentes humanos a partir de opiniões de discentes e docentes para elaborar, aplicar e avaliar ação educativa com universitários.

A sua colaboração é muito importante para alcançar este objetivo e consistiria em: 1- responder ao questionário que lhe foi entregue nesse momento.

Informo que Vossa colaboração seguramente não trará qualquer prejuízo à sua pessoa, aos graduandos e à Instituição e que deverá ser espontânea, podendo retirar seu consentimento a qualquer momento que desejar.

Agora, e sempre que necessitar, esclarecerei qualquer dúvida que tiver a respeito da pesquisa e do uso das informações que obterei com todos que colaborarem. Caso queira saber do andamento e dos resultados deste projeto, basta entrar em contato com a responsável pela pesquisa e manifestar o interesse.

Desde já asseguro que a universidade e os participantes não serão identificados e que será mantido o caráter confidencial da informação.

Se estiver de acordo, gostaria de solicitar o preenchimento e assinatura de uma via deste Termo de Consentimento, devolvendo-a e ficando com a outra cópia. Caso não deseje participar, por favor, devolva os documentos em branco ou especifique sua decisão de não participação.

Agradeço a Vossa atenção e coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

BRUNA VILAS BÔAS

Doutoranda responsável pela pesquisa; E-mail: bru_vb@yahoo.com.br

DE ACORDO: Dra. SANDRA REGINA GIMENIZ-PASCHOAL

Orientadora; Professora do Curso de Fonoaudiologia e do Curso de Pós-Graduação em Educação

E-mail: sandragp@marilia.unesp.br

Eu, _____,
(nome completo por extenso)

R.G. _____, profissional da _____ concordo
(nome da IES)

espontaneamente em colaborar com a Doutoranda Bruna Vilas Bôas nesta Pesquisa.

Autorizo incluir o nome da Instituição nos créditos do material informativo e onde este material seja utilizado e publicado, nesta pesquisa e em outras atividades de pesquisa, ensino e extensão de serviços à comunidade, conforme necessidade. () NÃO () SIM

Marília, ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o Professor do Curso de Pedagogia.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília
Faculdade de Filosofia e Ciências

Prezado Senhor

Gostaria de solicitar a Vossa colaboração para realizar parte da minha pesquisa de Doutorado intitulada "Pedagogia e prevenção de acidentes infantis: conhecimentos e opiniões de discentes e docentes e ação educativa com universitários", desenvolvida junto ao Programa de Pós Graduação da UNESP de Marília.

Os objetivos da pesquisa são caracterizar a formação do pedagogo em relação aos acidentes humanos a partir de opiniões de discentes e docentes para elaborar, aplicar e avaliar ação educativa com universitários.

A Vossa colaboração é muito importante para alcançar este objetivo e seria para: 1- autorizar a aplicação de questionários com os alunos que concordarem participar deste Estudo, a fim de se obter informações sobre sua educação formal e informal sobre o tema; 2- responder ao questionário que lhe foi entregue nesse momento.

Informo que Vossa colaboração seguramente não trará qualquer prejuízo à sua pessoa, aos graduandos e à Instituição e que deverá ser espontânea, podendo retirar seu consentimento a qualquer momento que desejar.

Agora, e sempre que necessitar, esclarecerei qualquer dúvida que tiver a respeito da pesquisa e do uso das informações que obterei com todos que colaborarem. Caso queira saber do andamento e dos resultados deste projeto, basta entrar em contato com a responsável pela pesquisa e manifestar o interesse.

Desde já asseguro que a universidade e os participantes não serão identificados e que será mantido o caráter confidencial da informação.

Se estiver de acordo, gostaria de solicitar o preenchimento e assinatura de uma via deste Termo de Consentimento, devolvendo-a e ficando com a outra cópia. Caso não deseje participar, por favor, devolva os documentos em branco ou especifique sua decisão de não participação.

Agradeço a Vossa atenção e coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

BRUNA VILAS BÔAS

Doutoranda responsável pela pesquisa; E-mail: bru_vb@yahoo.com.br

DE ACORDO: Dra. SANDRA REGINA GIMENIZ-PASCHOAL

Orientadora; Professora do Curso de Fonoaudiologia e do Curso de Pós-Graduação em Educação

E-mail: sandragp@marilia.unesp.br

Eu, _____,
(nome completo por extenso)

R.G. _____, profissional da _____ concordo
(nome da IES)

espontaneamente em colaborar com a Doutoranda Bruna Vilas Bôas nesta Pesquisa.

Autorizo incluir o nome da Instituição nos créditos do material informativo e onde este material seja utilizado e publicado, nesta pesquisa e em outras atividades de pesquisa, ensino e extensão de serviços à comunidade, conforme necessidade. () NÃO () SIM

Marília, ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília
Faculdade de Filosofia e Ciências



QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA
(Adaptação de Nascimento, 2010; Gonsales, 2012).

[Por favor, coloque um X no parêntese correspondente às(s) alternativa(s) escolhida(s) e descreva a resposta, quando for o caso. Se necessitar de mais espaço para anotações, utilizar o verso da folha, indicando o número do item].

Data de preenchimento: ____/____/____

I- Educação informal
Sobre acidentes humanos

1. Em sua opinião, o que são acidentes infantis?

2. Você já leu ou ouviu falar sobre acidentes infantis fora das atividades curriculares da faculdade?

() Sim. Especifique nas questões abaixo:

() Não, pule para a questão 3.

2.1 Sobre qual assunto? () Tipo de acidentes () Causas () Consequências
() Tratamento () Prevenção () Outros. Especificar: _____

2.2 Em qual meio de comunicação? () TV () Internet () Congresso () Jornada
() Outros. Especificar: _____

2.3 O que achou da informação? _____

II- Educação formal
Sobre acidentes humanos

3. Você já leu ou ouviu falar sobre acidentes infantis nas atividades curriculares do seu atual curso de graduação?

() Sim. Especifique nas questões abaixo:

() Não, pule para a questão 4.

3.1 Sobre qual assunto? () Tipo de acidentes () Causas () Consequências
() Tratamento () Prevenção () Outros. Especificar: _____

3.2 Em qual disciplina? _____

3.3 Em que ano? _____

3.4 Qual foi a estratégia de ensino-aprendizagem utilizada? _____

3.5 O que achou das informações e/ou das atividades? _____

III Sobre o aprendizado do tema no curso de Pedagogia

4. Você acha importante aprender ou realizar alguma atividade sobre acidentes ou causas externas acidentais infantis nas atividades curriculares do curso de Pedagogia?

() Sim. Especifique nas questões abaixo:

4.1 Que tipo de assunto acha importante discutir? () Tipo de acidentes () Causas () Consequências () Tratamento () Prevenção () Outros. Especificar: _____

4.2 Em qual disciplina ou estágio? _____

4.3 Qual estratégia de ensino-aprendizagem poderia ser utilizada? _____

4.4 Que conteúdo deveria ser tratado? _____

4.5 Por quem deveria ser abordado? _____

() **Não. Por quê?** _____

IV Sobre a atuação profissional

Se você não atua na educação básica (como professor, professor eventual, estagiário, etc), responda às questões 5 e 7, pulando a questão 6.

Caso você já atue em sala de aula, favor pular a questão 5 e responder a partir da questão

- **Se você não atua na educação básica, responda:**

5. Você realizaria alguma atividade de prevenção de acidentes com seus alunos em sala de aula depois de formado?

() Sim. Especifique:

5.1 Onde? _____

5.2 Que tipo de atividade realizaria? _____

5.3 Com qual população? _____

5.4 Que tipo de material utilizaria? _____

5.5 O que acha que poderia ser feito com a temática para favorecer esta atuação profissional?

() **Não. Por quê?** _____

Pule para a questão 7.

- **Se você atua em sala de aula, responda:**

6. Você já abordou em sala de aula a temática da prevenção de acidentes infantis?

() Sim. Especifique:

6.1- Quais assuntos foram trabalhados? _____

6.2- Quando os assuntos foram abordados? _____

6.3- Em que tipo de atividade foram passados os conteúdos? _____

6.4- Qual foi a duração da orientação? _____

6.5- Por que você achou pertinente trabalhar este assunto em sala de aula? _____

6.6- Quais materiais foram utilizados? _____

6.7- De que forma você avaliou os alunos com relação ao aprendizado resultante do trabalho desenvolvido? _____

() Não. Por quê? _____

V- Legislação

7. Você conhece alguma legislação que aborda a temática dos acidentes infantis?

() Não

() Sim. Qual? _____

VI- Avaliação do questionário

8. Você gostaria de fazer algum comentário ou sugestão? _____

9. Quais foram os aspectos positivos deste questionário? _____

10. Quais foram os aspectos negativos deste questionário? _____

VII- Dados de identificação do aluno

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Sexo: _____

Profissão: _____

APÊNDICE D



**QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DO CURSO DE PEDAGOGIA
(Adaptação de Nascimento, 2010).**

[Por favor, coloque um X no parêntese correspondente às(s) alternativa(s) escolhida(s) e descreva a resposta, quando for o caso. Se necessitar de mais espaço para anotações, utilizar o verso da folha, indicando o número do item].

Data de preenchimento: ____/____/____

1. Em sua opinião, o que são acidentes infantis?

2. Em algum momento da sua atuação docente neste Curso de Pedagogia você comentou, apresentou textos e/ou realizou atividades de prevenção de acidentes com os universitários?

() Sim. Especifique nas questões abaixo:

2.1 Sobre qual assunto? () Tipo de acidentes () Causas () Consequências
() Tratamento () Prevenção () Outros. Especificar: _____

2.2 Em qual momento da atuação docente? _____

2.3 Qual comentário, texto e/ou atividades trabalhou junto aos alunos/estagiários? _____

2.4 Qual foi a estratégia de ensino-aprendizagem utilizada? _____

2.5 O que achou das informações e/ou das atividades? _____

2.6 Como os estudantes avaliaram as atividades realizadas? _____

() Não. Por quê? _____

3. Em sua opinião, há outra Disciplina/Estágio neste Curso de Pedagogia que poderia contemplar atividades de prevenção de acidentes?

() Se sim, qual? Por favor, justifique sua resposta.

() Não. Por quê? _____

4. Gostaria de fazer alguma sugestão ou comentário sobre o trabalho realizado ou sobre outro de qualquer natureza?

Dados de identificação do docente

Nome: _____

Data de nascimento: _____

Formação universitária: _____

Tempo de formação universitária: _____

Tempo de atuação neste Curso de Pedagogia: _____

Agradecemos pela sua atenção e colaboração!

APÊNDICE E

Apostila de Estudos



Prevenção de Acidentes Infantis

Projeto de Doutorado Bruna Vilas Bôas
Orientadora: Sandra Regina Gimenez-Paschoal

Turma de Pedagogia

2015



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília
Faculdade de Filosofia e Ciências
Programa de Pós-Graduação em Educação

Prezados alunos

Essa apostila foi desenvolvida com a finalidade de contribuir para seu aprendizado e formação em relação à temática da prevenção de acidentes infantis. Os dados do questionário previamente respondido pelos graduandos dessa turma indicaram o interesse de 100% dos alunos em aprenderem sobre a temática nas atividades curriculares do curso de Pedagogia. Os temas de maior interesse foram: prevenção (23,4%), causas (20,3%) e tipos de acidentes (20,3%).

O objetivo geral é propiciar aos alunos a aprendizagem de conteúdos e de elaboração de atividades práticas sobre a temática da prevenção de acidentes infantis.

Ao final de cada etapa deste minicurso, esperamos que você:

- 1- indique conceitos relacionados aos tipos de acidentes, suas causas e consequências;
- 2- sinalize documentos ministeriais que tratam da temática e o conceito de previsibilidade dos acidentes;
- 3- indique formas de prevenção dos acidentes e ações diante de um acidente (primeiros socorros);
- 4- elabore um plano de ensino com atividades que poderão ser utilizadas em sala de aula, tanto no contexto da educação infantil e/ou do ensino fundamental;

Para tanto, estão programadas atividades para quatro encontros, com a previsão de 2 horas cada. O primeiro e segundo encontros abordarão o conceito de prevenção, os tipos de acidentes, as causas, consequências e primeiros socorros adequados para cada acidente bem como a legislação. No terceiro encontro serão enfocadas as situações práticas que ofereçam subsídios para abordar a temática no contexto da educação infantil e do ensino fundamental. As atividades realizadas serão avaliadas no quarto e último encontro. Estas atividades serão apresentadas em uma Apostila de Estudos, que contém situações teóricas e práticas a respeito da temática da prevenção dos acidentes infantis.

Alterações poderão ser feitas tanto no material apresentado, quanto no cronograma estabelecido, de acordo com o seu interesse e com o andamento das atividades propostas para cada encontro.

Esse minicurso foi programado para ser realizado durante 4 encontros, sem a necessidade de atividades extra, fora do horário combinado. As atividades serão realizadas dentro da sala de aula da Universidade, com duração de no máximo, 2 horas semanais. Você poderá solicitar auxílio à pesquisadora (e que fará a leitura desta folha juntamente com você), sempre que desejar e ela permanecerá à sua disposição durante todo o tempo.

Agradecemos sua atenção e desejamos um bom trabalho!!!

**MINICURSO SOBRE PREVENÇÃO DE ACIDENTES INFANTIS A SER
INTEGRADO EM DISCIPLINA DO CURSO DE PEDAGOGIA**

Identificação				
Curso: Pedagogia				
Disciplina: Metodologia do Ensino de Ciências				
Turma: 3º ano				
Objetivos Gerais do Programa de Ensino				
<p>Propiciar aos alunos a aprendizagem de conteúdos e de elaboração de atividades práticas sobre a temática da prevenção de acidentes infantis.</p>				
Objetivos Específicos do Programa de Ensino				
<ul style="list-style-type: none"> • Ao final do minicurso é esperado que o aluno: <ul style="list-style-type: none"> 5- indique conceitos relacionados aos tipos de acidentes, suas causas e consequências; 6- sinalize documentos ministeriais que tratam da temática e o conceito de previsibilidade dos acidentes; 7- indique formas de prevenção dos acidentes e ações diante de um acidente (primeiros socorros); 8- elabore um plano de ensino com atividades que poderão ser utilizadas em sala de aula, tanto no contexto da educação infantil e/ou do ensino fundamental; 				
Conteúdo Programático – Correspondente a 2 horas para cada encontro				
Primeiro encontro				
Assunto	Objetivos (Comportamentos do discente)	Material	Procedimentos de ensino (Comportamentos da pesquisadora/docente)	Procedimentos de avaliação da aprendizagem (Comportamentos da pesquisadora / docente)
Prevenção de acidentes infantis	Indicar conhecimentos sobre programa saúde na escola e tipos de acidentes e sua prevenção.	Slides, textos e questões previamente elaboradas pela pesquisadora (Apostila de Estudos – 1º encontro).	Apresentação de slides com as indicações da pertinência do tema para educação (Programa Saúde na Escola).	Aplicação de questões referentes ao primeiro encontro e análise das respostas para feedback no próximo

			Discussão de textos que abordem o conceito de causas externas e acidentes, tipos de acidentes (atropelamento e engasgo), formas de prevenção destes acidentes e diálogos com os discentes.	encontro.
Causas e consequências dos acidentes de atropelamento e de engasgo.	Identificar as causas e consequências físicas, econômicas, sociais e psicológicas dos acidentes infantis.	Slides; textos previamente elaborados pela pesquisadora (Apostila de Estudos – 1º encontro).	Apresentação de slides com indicação dos fatores de risco e as consequências dos acidentes de atropelamento e de engasgo para as vítimas e diálogos com os discentes.	Aplicação de questões referentes ao primeiro encontro e análise das respostas para feedback no próximo encontro.
Primeiros Socorros dos acidentes de atropelamento e de engasgo.	Indicar os cuidados indicados pelos especialistas para os primeiros socorros às vítimas dos acidentes infantis de atropelamento e engasgo.	Slides; vídeos de profissionais capacitados oferecendo dicas de primeiros socorros (Apostila de Estudos – 1º encontro).	Apresentação de vídeos com profissionais especializados, como bombeiros e médicos, abordando os primeiros socorros às vítimas dos acidentes de atropelamento e engasgo, e diálogos com os discentes.	Aplicação de questões referentes ao primeiro encontro e análise das respostas para feedback no próximo encontro.
Segundo encontro				
Assunto	Objetivos (Comportamentos do discente)	Material	Procedimentos de ensino (Comportamentos da pesquisadora / docente)	Procedimentos de avaliação da aprendizagem (Comportamentos da pesquisadora / docente)
Causas e consequências dos acidentes	Identificar as causas e consequências dos acidentes infantis de	Slides; textos previamente elaborados pela	Feedback das atividades do 1o encontro.	Aplicação de questões referentes ao

de intoxicação, de quedas e de queimaduras	intoxicação, quedas e queimaduras.	pesquisadora (Apostila de Estudos – 2º encontro).	Apresentação de slides com informações sobre os fatores de risco e as consequências dos acidentes de intoxicação, quedas e queimaduras para as vítimas e diálogos com os discentes.	segundo encontro e análise das respostas para feedback no próximo encontro.
Primeiros Socorros de acidentes de intoxicação, de quedas e de queimaduras	Indicar os cuidados sugeridos pelos especialistas para os primeiros socorros às vítimas dos acidentes infantis de intoxicação, quedas e queimaduras.	Slides; vídeos de profissionais capacitados oferecendo dicas de primeiros socorros (Apostila de Estudos – 2º encontro).	Apresentação de vídeos com bombeiros e profissionais especializados, como bombeiros e médicos, abordando os primeiros socorros às vítimas dos acidentes de intoxicação, quedas e queimaduras e diálogos com os discentes.	Aplicação de questões referentes ao segundo encontro e análise das respostas para feedback no próximo encontro.
Legislação sobre acidentes infantis	Identificar as leis que preconizam o ensino da temática dos acidentes infantis em sala de aula. Identificar as indicações ministeriais relativas à temática.	Slides; textos previamente elaborados pela pesquisadora (Apostila de Estudos – 2º encontro).	Apresentação das leis que preconizam o ensino da temática dos acidentes na escola; Apresentação do Programa Saúde na Escola. Diálogos com os discentes.	Aplicação de questões referentes ao segundo encontro e análise das respostas para feedback no próximo encontro.
Terceiro encontro				
Assunto	Objetivos (Comportamentos do discente)	Material	Procedimentos de ensino (Comportamentos da pesquisadora / docente)	Procedimentos de avaliação da aprendizagem (Comportamentos da pesquisadora / docente)
Atividades práticas na	Elaboração de plano de aula para	Materiais recicláveis;	Feedback das atividades do 2o	Análise do planejamento

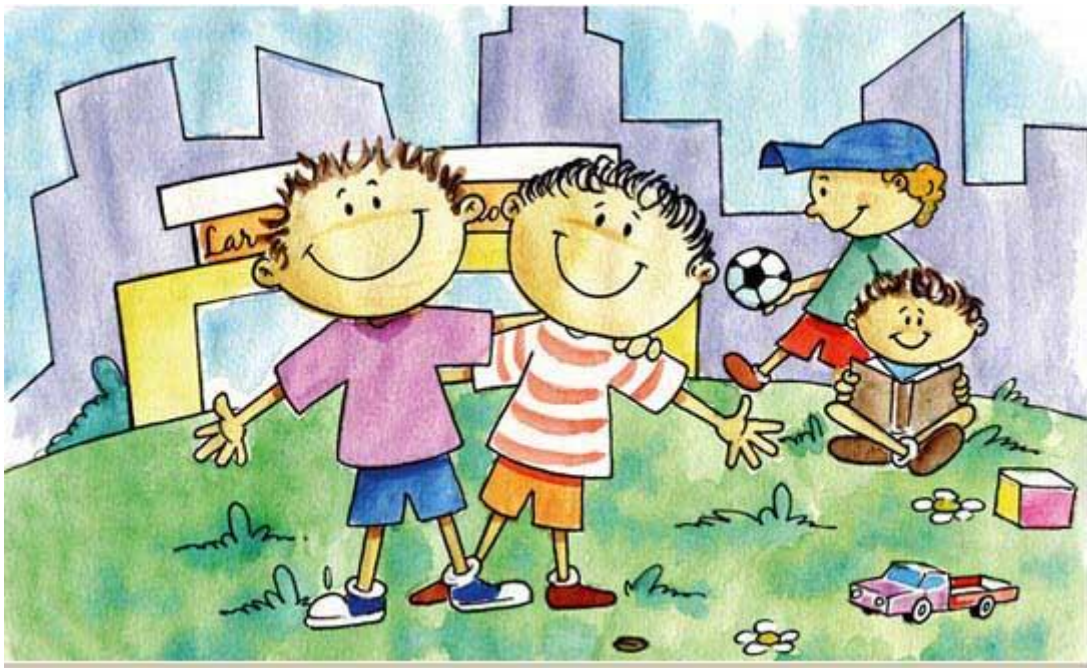
educação infantil	educação infantil e/ou ensino fundamental com atividades sobre a temática da prevenção de acidentes infantis que possam ser realizadas com alunos da educação infantil	Manual de brincadeiras sobre acidentes infantis. (Apostila de Estudos – 3º encontro).	encontro. Realização de uma oficina com atividades práticas e brincadeiras passíveis de serem realizadas com crianças de 0 a 5 anos no contexto da educação infantil. Diálogos com os discentes.	de atividades práticas elaborado pelos discentes (que forneça subsídios práticos para a futura atuação com o tema da prevenção dos acidentes infantis no contexto da educação infantil e/ou do ensino fundamental).
Atividades práticas no ensino fundamental	Elaboração de plano de aula para educação infantil e/ou ensino fundamental com atividades sobre a temática da prevenção de acidentes infantis que possam ser realizadas com alunos do ensino fundamental.	Materiais recicláveis; Jogo educativo; Livro paradidático. (Apostila de Estudos – 3º encontro).	Realização de uma oficina com atividades práticas e lúdicas passíveis de serem realizadas com crianças de 6 a 10 anos no contexto do ensino fundamental. Diálogos com os discentes.	Análise do planejamento de atividades práticas elaborado pelos discentes (que forneça subsídios práticos para a futura atuação com o tema da prevenção dos acidentes infantis no contexto da educação infantil e/ou do ensino fundamental).
Quarto encontro				
Assunto	Objetivos (Comportamentos do discente)	Material	Procedimentos de ensino (Comportamento da pesquisadora / docente)	Procedimentos de avaliação da aprendizagem (Comportamentos da pesquisadora / docente)
Avaliação das atividades realizadas	Identificar e descrever opiniões a respeito das atividades realizadas.	Questionário de avaliação do programa de ensino para discentes (APÊNDICE I).	Feedback das atividades do 3o encontro. Aplicação dos questionários avaliativos. Diálogos com os discentes.	Aplicação do questionário e análise das respostas. Entrega dos certificados

Cronograma dos encontros

Encontros	Datas	Atividade
1	23 / 11 /2015 21:30h	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta: leitura da folha de Instruções. • Apostila de Estudo: acidentes de atropelamento e engasgo; <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de vídeos sobre primeiros socorros dos acidentes de atropelamento e engasgo.
2	02 /12 /2015 21:30h	<ul style="list-style-type: none"> • Feedback das questões do primeiro encontro; <ul style="list-style-type: none"> • Tipos de acidentes: intoxicação, quedas e queimaduras. • Apresentação de vídeos sobre primeiros socorros dos acidentes de quedas, intoxicação, queimaduras.

3	09/12 /2015 21:30h	<ul style="list-style-type: none">• Feedback das questões do segundo encontro;<ul style="list-style-type: none">• Realização de oficinas com atividades práticas para o ensino da prevenção dos acidentes infantis na educação infantil e ensino fundamental.• Elaboração de planos de ensino envolvendo o tema.
4	16/12 /2015 21:30h	<ul style="list-style-type: none">• Avaliação das atividades realizadas por meio de questionários entregues aos alunos.

1º ENCONTRO



Acidentes Infantis

De acordo com o Ministério da Saúde, o conceito de acidente remete a um “[...] evento não intencional e evitável, causador de lesões físicas e/ou emocionais no âmbito doméstico ou nos outros ambientes sociais, como o do trabalho, do trânsito, da escola, de esportes e de lazer” (BRASIL, 2005, p. 8).

Ao longo dos últimos anos, portanto, o conceito de “acidente” perde o caráter de imprevisibilidade e passa a ser visto como um evento capaz de ser prevenido e evitado.

As lesões ocasionadas por causas externas matam mais de cinco milhões de pessoas, anualmente, em todo o mundo, o que representa cerca de 9% da mortalidade mundial. Causam também danos a outros milhões de sobreviventes, gerando hospitalizações, bem como atendimentos ambulatoriais e de emergência (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2012).

Dados do Ministério da Saúde mostram que as causas externas vitimaram aproximadamente 145 mil pessoas no Brasil no ano de 2011, correspondendo à terceira maior causa de morte no país (12% do total), e foram responsáveis por cerca de um milhão de internações (aproximadamente 9% do total), sendo a quinta causa de internações no Sistema Único de Saúde (SUS). Isso sem contar as vítimas que não necessitaram de internação ou sequer utilizaram o sistema de saúde (BRASIL, 2011).

Tipos de Acidentes

Atropelamento



Entre as causas externas de mortalidade, 25% correspondem aos acidentes de transporte. As estimativas apontam tendência crescente desses números, que deverão aumentar em 40% até 2030, caso não sejam adotadas medidas preventivas efetivas (SOUZA et al., 2007).

Atualmente, no Brasil, tem sido registrado um aumento nos óbitos causados por acidentes de trânsito, que passaram de 29.645, em 2000, para 36.367 em 2006. Em relação aos atropelamentos, estes passaram de 8.696, em 2000, para 10.147 em 2006, apontando uma situação de agravo quando se considera a faixa etária. Registros nacionais apontam aumento progressivo dos índices a partir dos 15 anos, com maior expressividade aos 30 anos, declinando, progressivamente, a partir dessa idade (ALVES, 2010).

Os fatores que sabidamente estão relacionados ao risco maior de atropelamentos são: meninos, faixa etária de 3 a 12 anos, relação com o número de ruas que a criança atravessa, moradias sem quintal ou área para recreação, forte relação com consumo de álcool, classes sociais menos favorecidas (LAFLAMME; DIDERICHSEN, 2000; LASCALA; GRUENEWALD; JOHNSON, 2004).



Dicas para ser um bom pedestre

1. Crianças menores de 10 anos devem atravessar a rua acompanhadas de um adulto.



2. Na faixa de travessia de pedestres, olhe para os dois lados e em seguida atravesse a rua em linha reta.

3. Procure o lugar mais seguro para atravessar a rua, como por exemplo, longe dos cruzamentos ou em uma passarela.

4. Ao atravessar a rua, procure olhar para o motorista e ter a certeza de que ele também está vendo você.



5. Brinque em áreas seguras como parques, quintais e jardins.



Atropelamento:



1. Acione o socorro pelo número 193 do telefone e mantenha os curiosos afastados do local do acidente;
2. Informe pelo telefone o local do acidente de maneira detalhada e o número de vítimas;
3. Não toque no acidentado;
4. Se a vítima estiver acordada, converse com ela e tente passar segurança e tranquilidade;
5. A pessoa devidamente capacitada para efetuar os primeiros-socorros deverá imobilizar a coluna cervical da vítima e realizar o teste de responsividade para identificar a consciência da vítima bem como auscultar o pulso para verificar os sinais vitais da pessoa acidentada.



Engasgo



Segundo Rovin e Rodgers (2000), as crianças mais novas correm o maior risco de aspiração de corpo estranho acidental. Esse aumento da incidência tem sido atribuído a vários fatores entre as crianças mais jovens, incluindo que: 1) têm a tendência para colocar pequenos objetos em suas bocas; 2) muitas vezes chorar, gritar, correr e brincar com objetos em suas bocas; e 3) não tem molares de mastigar certos alimentos adequadamente. A maioria dos Estudos mostram que menos de 15% das aspirações de corpo estranho ocorre entre as crianças com mais de 5 anos de idade. Meninos compreendem mais de 50% de todos os casos de aspiração de corpo estranho.

Bittencourt e Camargos (2002) apontam que aspectos socioeconômicos figuram na literatura internacional médica como um dos fatores de risco, visto que na maioria dos casos, as crianças recebiam alimentos inapropriados para a idade, indicando provavelmente uma falta de orientação para a prevenção de tais acidentes. Já na literatura nacional, nenhum estudo brasileiro abordou claramente a influência das condições socioeconômicas como fator de risco para as crianças.

Prevenção



- 1- Sempre alimentar o bebê enquanto ele estiver sentado; não oferecer o leite quando o bebê estiver deitado;
- 2- Ao amamentar, a mãe deve estar preferencialmente sentada com o bebê apoiado em um dos braços;
- 3- Não é recomendado que o bebê segure a mamadeira sozinho;
- 4- Após a mamada, recomenda-se aguardar alguns minutos antes de posicionar o bebê deitado;
- 5- Recomenda-se colocar o bebê para dormir de barriga para cima;
- 6- A partir dos quatro anos, as crianças devem comer sozinhas, mas sempre com um adulto por perto. Os alimentos devem ser bem cortados sempre;
- 7- Além de cortar a comida em pedacinhos, os pais e mães podem fugir de itens que oferecem risco maior de engasgamento, como pipoca, cereja, azeitona, milho, uva, balas duras e grandes, entre outros.
- 8- Aumentar o furo do bico da mamadeira dos bebês maiores não é uma boa ideia segundo os médicos, porque favorece os engasgos;
- 9- Também não é interessante que os bebês comam no carro sozinhos, pois pode ocorrer um engasgo e o adulto está ocupado dirigindo e não pode cuidar da criança.

Engasgo:

Em bebês

■ COMO SALVAR UM BEBÊ

MANTENHA-SE CALMO

SENTE-SE E COLOQUE A CRIANÇA SOBRE SUAS COXAS DE BARRIGA PARA BAIXO. DEIXE A CABEÇA DELA VOLTADA PARA SEUS JOELHOS

SEGURE-A POR BAIXO DEIXANDO O SEU ANTEBRAÇO SOBRE A BARRIGA DELA

USE SUA MÃO PARA SUSTENTAR A CABEÇA E O PESCOÇO DO BEBÊ, DEIXANDO SUA CABEÇA MAIS BAIXA DO QUE O RESTO DO CORPO



COM SUA OUTRA MÃO DÊ CINCO TAPAS FIRMES NAS COSTAS DO BEBÊ, NA REGIÃO ENTRE AS OMOPLATAS. CUIDADO PARA NÃO BATER FORTE DEMAIS

REPITA O PROCESSO SE NECESSÁRIO

PROCURE AJUDA PELOS TELEFONES 190, 192 OU 193

A manobra Heimlich para desengasgar



1. Avise a pessoa que tentará desengasgá-la, posicione-se por detrás dela e incline levemente seu tronco para frente.



2. Feche o punho em uma das mãos



3. Coloque os braços ao redor da pessoa e agarre o punho fechado com a outra mão na altura entre o umbigo e o osso esterno do tórax.



4. Faça um movimento forte e rápido para dentro e para cima, quantas vezes for necessário.

2 ° ENCONTRO



Intoxicação

As intoxicações são definidas como um desequilíbrio orgânico ou estado patológico resultante da exposição a substâncias químicas encontradas no ambiente – plantas, animais peçonhentos ou venenosos, agrotóxicos, medicamentos, produtos de uso industrial, produtos de uso domiciliar e constituem um tipo de acidente comum na infância (SCHVARTSMAN; SCHVARTSMAN, 1999).

De acordo com Tavares et al. (2013) entre essas intoxicações, as de caráter não intencionais constituem uma das principais causas de atendimentos em unidades de emergência, sendo mais comuns na faixa etária de zero a 12 anos. Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) apontam a ocorrência de 111.362 casos de intoxicação no Brasil em 2007, sendo 39.878 casos na faixa etária de zero a 14 anos, representando 35,87% do total das intoxicações.

Segundo Martins, Andrade e Paiva (2006, p. 412), o domicílio proporciona várias situações e comportamentos de risco para as intoxicações:

No dormitório, a criança pode encontrar remédios, perfumes, cosméticos, entre outros; no banheiro, a existência de produtos de higiene e de limpeza favorece a ocorrência de casos acidentais de envenenamento; na cozinha, a criança depara, com facilidade, com sabão, detergente, produtos de limpeza, bebidas alcoólicas e outros; na área de serviço, as ceras, solventes, inseticidas, raticidas, álcool, fertilizantes, alvejantes, entre outros produtos, constituem um verdadeiro arsenal para intoxicações acidentais.

Tavares et al. (2013) evidenciaram o sexo masculino e a faixa etária entre zero e quatro anos como aquelas em que mais ocorrem as intoxicações infantis; sendo o ambiente doméstico mais frequente. Os fatores que contribuem para a ocorrência de intoxicações são: o acesso facilitado a medicamentos, sendo indicado o uso de tampas invioláveis e a disponibilização de doses fracionadas de medicamentos, para evitar que os mesmos sejam armazenados dentro das residências.

Intoxicação:

Prevenção ao envenenamento

Medicamentos



Nunca diga a seu filho que remédio é doce, faz crescer e deixa forte.

Medicamento pode causar envenenamento e deve ser tomado somente com orientação médica.



Os medicamentos devem ficar trancados e fora do alcance das crianças.

Prevenção ao envenenamento

Produtos de Limpeza



Guarde os alimentos separados dos produtos de limpeza e venenos (Inseticida, raticida e outros).

Os produtos de limpeza e os venenos devem ser guardados longe do alcance das crianças.



Nunca reutilize a embalagem, pois pode custar a vida de uma criança.



Intoxicação com medicamentos ou produtos químicos

Se o seu filho ingeriu algum medicamento ou produto químico, não entre em pânico. Verifique a bula do remédio e observe as instruções para os casos de intoxicação, já que em todos os medicamentos essas informações são obrigatórias.

Se houver ingestão de produto químico, não é recomendado provocar vômito: se a substância for corrosiva, pode provocar mais e maiores lesões ao ser expelida pela boca. Se a criança estiver mole, inconsciente e querendo desmaiar, ela também pode engasgar e ingerir o vômito.

Também não ofereça qualquer produto ou líquidos à criança, como o leite. Use o bom senso e aja rapidamente, entrando em contato com o Disque-Intoxicação da Anvisa, que funciona 24h por dia, no telefone: 0800-722-6001.

Fonte: Renata Dejtiar Woskman, médica secretária do Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade Brasileira de Pediatria

Mais frequentes em crianças de **0 a 19 anos**

Quedas



Entre os acidentes infantis, as quedas têm sido apontadas por vários autores como o tipo de acidente mais frequente, sendo a principal causa de atendimento hospitalar e de internação (FILOCOMO et al., 2002; BALLESTEROS, 2003; MARTINS; ANDRADE, 2010).

Filócomo et al. (2002) realizaram um estudo no qual identificaram os acidentes na infância registrados em um pronto socorro infantil que atende pacientes de diversas localidades do município de São Paulo. Os dados indicaram que a faixa etária mais atingida foi entre 7 a 11 anos, sendo 56,1% do sexo masculino e 43,9% feminino, e que as quedas foram os tipos de acidentes mais frequentes (46,9%). O autor verificou ainda que dentre o total de quedas, 60,9% foram decorrentes de queda da própria altura e 39,1% de outros lugares, como: cama (13,5%), bicicleta (12,3%), escada (9,2%), cadeira (6,1%), muro (6,1%) e outros.

Waksman e Gikas (2003) informam que as lesões mais frequentes decorrentes das quedas são as lacerações (cortes) e as fraturas, sendo que os traumatismos cranioencefálicos contribuem para a maioria das mortes. Uma das possíveis causas para a ocorrência das quedas acidentais seria o incentivo televisivo à violência que favorece o desenvolvimento de brinquedos e brincadeiras que são capazes de produzir lesões. Os autores afirmam ainda que dentre as principais estratégias para prevenir a ocorrência dos acidentes, destacam-se: sensibilização para promoção de proteção automática por meio de produtos seguros, motivação para mudanças de comportamento individuais por meio de leis ou normas administrativas e orientação às pessoas em risco para alterar seu comportamento e melhorar sua proteção, objetivando a conscientização das pessoas para evitar os fatores de risco e promover os fatores de segurança.

Prevenção:


1. Crianças devem brincar em locais seguros. Escadas, sacadas e lajes não são lugares para brincar;
2. Use portões de segurança no topo e no pé das escadas;
3. Instale grades ou redes de proteção nas janelas, sacadas e mezaninos;
4. Crianças com menos de 6 anos não devem dormir em beliches;
5. Uso de capacete e materiais de segurança (cotoveleira e joelheira) para andar de bicicleta, skate ou patins – reduz risco de lesões na cabeça em até 85%;
6. Crianças devem ser observadas nas brincadeiras em parquinhos e/ou playgrounds.



Fonte: Criança Segura

Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2014/08/medidas-preventivas-podem-evitar-90-dos-acidentes-com-criancas>

Quedas:



Quedas

A primeira atitude do responsável depende da altura da queda e da criança, além do tipo de superfície em que ela caiu - grama, areia, tapete emborrachado, que acabam amortecendo, ou o chão.

Se o seu filho caiu de uma altura maior ou igual a 1,5m, mesmo não apresentando sintomas aparentes, vá para o hospital, independente da idade e do piso. Se for um bebê, o limite é de 1,3m. Ou seja, se o bebê caiu do trocador ou do colo de um adulto, é preciso levá-lo ao médico com urgência.

Se após a queda, a criança não tiver lesão aparente, observe a reação do pequeno após o acidente. Leve ao hospital em caso de palidez, vômito, choro, voz ou comportamento diferente do normal.

Fonte: Renata Dejtiar Woskman, médica secretária do Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade Brasileira de Pediatria

Mais frequentes em crianças de **0 a 19 anos**

Em caso de quedas com cortes....



Cortes 

Se a criança sofreu ferimento sem corte profundo, coloque gelo. Se sangrou, é preciso comprimir o local do ferimento com um pano limpo e seco para parar sangramento, e levá-la ao hospital. Se o corte for na cabeça, não lave e siga direto para o hospital.

Ferimentos muito sujos ou contaminados, com terra por exemplo, devem ser lavados com água corrente. Em seguida, seque e comprima. Cortes na região dos olhos devem ser lavados com água corrente por, pelo menos, 5 minutos.

Fonte: Renata Dejtiar Waskman, médica secretária do Departamento Científico de Segurança da Criança e do Adolescente da Sociedade Brasileira de Pediatria

Mais frequentes em crianças de **0 a 19 anos**



Queimaduras



As queimaduras estão entre os principais tipos de acidente infantil, sendo a quarta causa de morte, depois de trânsito, afogamento e quedas, e a sétima em admissão hospitalar (WILLIS et al., 2007). Além disso, são consideradas mundialmente como um dos principais problemas de saúde pública, sendo bastante elevados os índices de mortalidade por este tipo de injúria (BRITO et al., 2010). Quando não levam à morte, dependendo da gravidade e do nível de comprometimento, as mesmas podem ocasionar sequelas graves, ou seja, significativas limitações funcionais, psicológicas e de ordem social (SILVA et al., 2010).

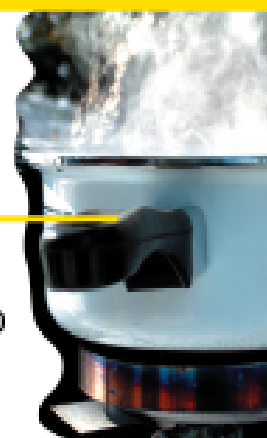
Fernandes et al. (2012) verificou que a maioria das crianças e adolescentes vítimas de queimaduras em um hospital no Nordeste brasileiro compõe-se de lactentes (37%), pré-escolares (33,2%) e do gênero masculino (54%). Os eventos ocorreram, principalmente, no domicílio (85,5%), acidentalmente (90%) e por escaldamento (69,6%). Predominaram as queimaduras de 2º grau, em 62,6% dos casos, e aproximadamente 24,2% da amostra evoluíram com complicações secundárias, sendo a infecção a mais comum (12,1%). Os autores apontam a necessidade em intensificar programas educativos nas escolas, nos centros comunitários e meios de comunicação, já que grande parte dos acidentes ocorreu no ambiente doméstico e poderiam ter sido evitados.

Previna as queimaduras

Ocorrem pelo fácil acesso aos produtos inflamáveis (álcool, benzina, acetona, graxa, cera, ácido, soda cáustica, etc.), fósforos, isqueiros e alimentos quentes, pela curiosidade ou por fome. Além do risco de morte, a queimadura provoca grande sofrimento às suas vítimas, complicações clínicas, internações prolongadas e seqüelas emocionais e físicas, podendo deixar a criança desfigurada pelo resto da vida.

Orientações:

- Evite que a criança entre na cozinha;
- Mantenha as panelas com o cabo voltado para dentro do fogão;
- Manuseie líquidos ou comidas quentes longe das crianças;
- Coloque alimentos e objetos quentes no centro da mesa e evite o uso de toalhas compridas que possam ser puxadas pelas crianças;
- Mantenha produtos inflamáveis longe do alcance das crianças;

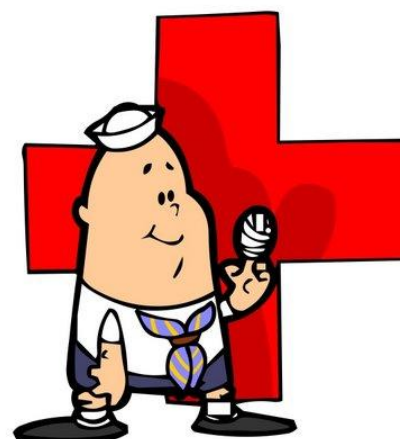


- Crianças não devem brincar com fogos de artifício, fósforos ou isqueiros;
- Ensine às crianças a brincar com pipas longe de postes e fios elétricos de alta tensão;
- Mantenha eletrodomésticos, tomadas, interruptores, fios e linhas elétricas longe do seu filho e evite instalações elétricas improvisadas ou desencapadas;
- O sol também causa queimaduras. Antes de se expor e de expor a criança ao sol, passe protetor solar e use uma proteção na cabeça. Evite o sol das 10 às 16 horas.



Queimaduras:

1. Nas queimaduras de primeiro grau, decorrente da exposição excessiva e/ou inadequada do sol, deve-se tomar um banho com água fria ou morna e secar o corpo sem esfregar a toalha.
2. Nunca aplique pomadas ou creme dental, leite, manteiga, óleo, cebola, clara de ovo, etc. sobre a área queimada sem orientação médica;
3. Esfrie a área queimada com água gelada ou água corrente por pelo menos 5 minutos para neutralizar a ação do calor;
4. Proteja a área queimada com gases ou um pano limpo, sem apertar o ferimento;
5. Encaminhe imediatamente a criança a um serviço de urgência para a devida avaliação pela equipe médica;
6. Jamais fure as bolhas decorrentes de queimaduras;
7. Em caso de queimaduras de terceiro grau, com destruição das camadas superficiais da pele, deve-se lavar a área queimada com água corrente e levar a pessoa para um pronto atendimento hospitalar o mais rápido possível.



Legislação



Diversos autores apontam que as instituições de ensino têm sido consideradas como um dos locais mais propícios para a realização de trabalhos preventivos em relação aos acidentes infantis (BLANK, 2002; WILLER et al., 2004; CARDOSO; REIS; IERVOLINO, 2008; OLIVEIRA, 2008; GONSALES, 2012; VILAS BOAS, 2013).

As diretrizes curriculares nacionais da educação básica retratam a relevância de programas e projetos com os quais a escola desenvolverá ações inovadoras sobre a prevenção dos fatores que vem ameaçando a saúde e o bem estar, principalmente das juventudes. O foco de tais ações será na reeducação dos sujeitos vitimados, proporcionando experiências que permitam ações coletivas ou individuais que possibilitem um entendimento da importância de se cuidar de sua própria saúde e bem-estar (BRASIL, 2013).

Cardoso, Reis e Iervolino (2008) caracterizam o professor como sendo uma importante referência para os alunos, tendo a oportunidade de estimular a compreensão e a adoção de hábitos saudáveis, auxiliando o aluno a observar corretamente o ambiente, quer seja escolar ou domiciliar, de modo que estes sejam capazes de perceber os riscos que os circundam para proteger a saúde dos escolares e seus familiares.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental estabelecem como objetivos gerais que o aluno aprenda a cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva. A temática dos acidentes infantis é abordada neste documento tanto do ponto de vista das medidas práticas de prevenção como da aprendizagem de medidas de primeiros socorros ao alcance das crianças, afirmando a

importância da transmissão de informações e de segurança diante dessas situações (BRASIL, 1997).

Outra proposta também reforçou o papel fundamental que a educação tem na viabilização da promoção da saúde, foi a chamada “Escola Promotora da Saúde”, criada em 1995 com base na Carta de Ottawa (BRASIL, 2001). É uma proposta inclusiva, com objetivo de implantar atitudes e ambientes mais saudáveis, retirando dos serviços de saúde a exclusividade de produção e promoção da saúde (SILVA, 2003). Harada (2003, p. 4) citando a Organização Panamericana de Saúde ressalta, ainda, que essa proposta “procura desenvolver conhecimentos, habilidades e destrezas para o autocuidado da saúde e a prevenção das condutas de risco em todas as oportunidades educativas.”.

O decreto 6.286, promulgado em 5 de dezembro de 2007, institui no âmbito dos Ministérios da Educação e da Saúde, o Programa Saúde na Escola, cuja finalidade consiste em contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde, estabelecendo como uma de suas metas a redução da morbimortalidade por acidentes e/ou violências.

LEI NÚMERO 6508, DE 05 DE JANEIRO DE 2007

Institui, no município de Marília, o Projeto Semestral de Prevenção aos Acidentes Que Vitimam Crianças.

Eduardo Nascimento, Presidente da Câmara Municipal de Marília, Estado de São Paulo, nos termos do artigo 44, parágrafos 3º e 7º, da Lei Orgânica do Município, promulga a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica instituído, no Município de Marília, o Projeto Semestral de Prevenção aos Acidentes Que Vitimam Crianças.

Art. 2º - O projeto consiste na realização semestral de um dia de ação e conscientização sobre a prevenção e cuidados com acidentes que vitimam as crianças de Marília.

§ 1º - O projeto será desenvolvido nas escolas, creches, e demais órgãos e instituições da administração pública municipal de educação e cuidado infantil da cidade de Marília.

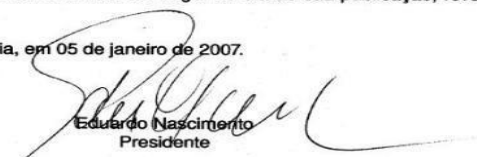
§ 2º - A cada projeto, será designado um tema específico de abordagem, a ser desenvolvido segundo o critério de cada órgão e instituição da administração pública municipal de educação e cuidado infantil, qual seja, a prevenção de acidentes, domésticos, de trânsito, e outros.

§ 3º - Caberá ao órgão ou instituição supra citado a escolha de um dia a cada semestre letivo para a realização do projeto.

§ 4º - Ao Executivo Municipal será facultado proceder a organização e a disponibilização, através de órgão competente, de material e suporte técnico e pessoal para a orientação dos trabalhos realizados pelo Projeto.

Art. 3º - Esta lei entrará em vigor no dia de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Marília, em 05 de janeiro de 2007.


Eduardo Nascimento
Presidente

Registrada e publicada na Secretaria Administrativa “Dr. José Cunha de Oliveira”, da Câmara Municipal de Marília, em 05 de janeiro de 2007.


Luis Henrique Albertoni
Diretor Geral

(Aprovada pela Câmara Municipal, em 04/12/2006, PL nº 146/2006 de autoria do Vereador César ML)

A educação em saúde deve ser abordada como tema transversal, sendo que o aluno deve ser estimulado a adotar um estilo de vida seguro e saudável por intermédio de estratégias de ensino e métodos interativos, que envolvam o escolar no aprendizado sobre a prevenção de violências e lesões não intencionais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. F. Características dos acidentes de trânsito com vítimas de atropelamento no município de Maringá-Pr, 2005-2008. *Saúde e Pesquisa*, v. 3, n. 1, 2010.
- BALLESTEROS, M. F.; SCHIEBER, R. A.; GILCHRIST, J.; HOLMGREEN, P.; ANNEST, J. L. Differential ranking of causes of fatal versus non-fatal injuries among US children. *Injury Prevention*, v. 9, p. 173-176, 2003.
- BITTENCOURT, P. F. S.; CAMARGOS, P. A. M. Aspiração de corpos estranhos. *Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro)*, v. 78, n. 1, p. 9-18, 2002.
- BLANK, D. Prevenção e controle de injúrias físicas: saímos ou não do século 20? *Jornal de Pediatria*, v. 8, n. 2, p. 84-86, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente*. Brasília, DF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências*. Portaria n. 737/GM 16 maio 2001. Disponível em: <<http://www.conselho.saude.gov.br>>. Acesso em: 27 jul. 2012.
- BRASIL. Lei n. 6.286, de 05 de dezembro de 2007. *Programa Saúde na Escola*. Diário Oficial da União.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. *Política nacional de redução de morbimortalidade por acidentes e violência*: Portaria MS/GM nº 737 de 16/05/01, publicada no DOU nº 96 seção 1E de 18/05/01. 2. ed. Brasília, DF, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde (BR). Departamento de Informática do SUS. *Informações de Saúde*. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<http://datasus.saude.gov.br/>>.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília, DF, 2013.
- BRITO, M. E. M.; DAMASCENO, A. K. C.; PINHEIRO, P. N. C.; VIEIRA, L. J. E. S. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, n. 2, p. 321-5, 2010.
- CARDOSO, V.; REIS, A.P.; IERVOLINO, S.A. Escolas promotoras de saúde. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008.

FERNANDES, F. M. F. A.; TORQUATO, I. B.; DANTAS, M. S. A.; PONTES JÚNIOR, F. A. C.; FERREIRA, J. A.; COLLET, N. Queimaduras em crianças e adolescentes: caracterização clínica e epidemiológica. *Revista Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre, v. 33, n. 4, p. 133-141, 2012.

FILÓCOMO, F. R. F.; HARADA, M. J. C. S.; SILVA, C. V.; PEDREIRA, M. L. G. Estudo dos acidentes na infância em um pronto socorro pediátrico. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, v.10, n.1, p. 41-47, 2002.

GONSALES, T. P. *Atividades de formação de professores para o trabalho com prevenção de acidentes infantis*. 2012. 183p. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

HARADA, J. Introdução. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Manual Escola Promotora de Saúde*. Rio de Janeiro, 2003. p. 3-5.

LAFLAMME, L.; DIDERICHSEN, F. Social differences in traffic injury risks in childhood and youth. a literature review and a research agenda. *Injury Prevention*, v. 6, p. 293-298, 2000.

LASCALA, E. A.; GRUENEWALD, P. J.; JOHNSON, F. W. An ecological study of the locations of schools and child pedestrian injury collisions. *Accident Analysis and Prevention*, v. 36, p. 569-576, 2004.

MARTINS, C. B. G; ANDRADE S. M.; PAIVA, P. A. B. Envenenamentos acidentais entre menores de 15 anos em município da Região Sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 22, n. 2, p. 407-414, 2006.

MARTINS, C. B. G.; ANDRADE, S. M. Queimaduras em crianças e adolescentes: análise da morbidade hospitalar e mortalidade. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 4, p. 464-469, 2007.

MARTINS, C. B. G.; ANDRADE, S. M. Estudo descritivo de quedas entre menores de 15 anos no município de Londrina (PR, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 1, p. 3167-3173, 2010.

OLIVEIRA, R. A. *Comportamentos de risco para acidentes em playgrounds: identificação e opiniões de profissionais da educação infantil*. 2008. 167 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

ROVIN, J. D.; RODGERS; B. M. Pediatric foreign body aspiration. *Pediatric Review*, v. 21, p. 86-90, 2000.

SCHVARTSMAN, C.; SCHVARTSMAN, S. Intoxicações Exógenas Agudas. *Jornal de Pediatria* (Rio de Janeiro), v. 75, p. 244-250, 1999. Supl. 2.

SENA, S. P.; RICAS, J.; VIANA, M. R. A. A percepção dos acidentes escolares por educadores do ensino fundamental, Belo Horizonte. *Revista Med. Minas Gerais*, v. 18, n. 4 (supl.), p. 47-54, 2008.

SILVA, G. P. F.; OLEGARIO, N. B. C.; PINHEIRO, A. M. R. S.; BASTOS, V. P. D. Estudo epidemiológico dos pacientes idosos queimados no Centro de Tratamento de Queimados do Hospital Instituto Doutor José Frota do município de Fortaleza-CE, no período de 2004 a 2008. *Revista Brasileira de Queimaduras*, v. 9, n. 1, p. 7-10, 2010.

SOUZA, M. F. M.; MALTA, D. C.; CONCEIÇÃO, G. M. S.; SILVA, M. M. A; GAZAL-CARVALHO, C.; MORAIS NETO, O. L. Análise descritiva e de tendência de acidentes de transporte terrestre para políticas sociais no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 33-44, mar. 2007.

TAVARES, E. O.; BURIOLA, A. A.; SANTOS, J. A. T.; BALLANI, T. S. L.; OLIVEIRA, M. L. F. Fatores associados à intoxicação infantil. *Escola Anna Nery*, v. 17, n. 1, 2013.

VILAS BÔAS, B. *Material paradidático voltado para a prevenção de acidentes infantis: levantamento de subsídios, elaboração e avaliação*. 2010. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

VILAS BÔAS, B. *Procedimentos pedagógicos no ensino fundamental voltados para a prevenção de quedas acidentais*. 2013. 83 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

WAKSMAN, R. D.; GIKAS, R. M. C. *Segurança na Infância e Adolescência*. Sociedade de Pediatria de São Paulo. Departamento de Segurança da Criança e do Adolescente. São Paulo: Atheneu, 2003.

WILLER, B.; DUMAS, J.; HUTSON, A.; LEDDY, J. A population based investigation of head injuries and symptoms of concussion of children and adolescents in schools. *Injury Prevention*, London, v. 10, n. 3, p. 144-148, June 2004.

WILLIS, A.; FOWLER, B.; REA, S.; WOOD, F. Testing nurses burn injury knowledge. *Australian Nursing Journal*, v. 14, n. 8, p. 30-31, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Violence, injuries and disability*. Biennial report 2008-2009. Geneva: World Health Organization Press; 2012.

3 ° ENCONTRO

Atividades práticas na educação infantil



Teatro de fantoches

Objetivos: promover a interação da criança com o professor e os colegas; favorecer o desenvolvimento da oralidade por meio do diálogo com os fantoches; favorecer o conhecimento e o cuidado de si, do outro e do ambiente.

Materiais: fantoches (podem ser confeccionados com caixas de leite longa vida, meias, etc.).

Procedimentos: os fantoches deverão conversar entre si, com o professor (que os manipula, e com as crianças). Criar diversas situações e escolher os nomes para os personagens. Como a atividade sugere um diálogo de fantoches, poderá ser abordado o tema da prevenção de acidentes e cuidados a serem tomados pelas crianças na escola e em casa.



Caixa de Músicas

Objetivos: promover a exploração da cultura; estimular a exploração da linguagem verbal; favorecer a ampliação do repertório oral e musical da criança, por meio das cantigas tradicionais.

Materiais: caixa com tampa, encapada com papel de presente, para chamar a atenção dos pequenos; fichas com figuras que ilustrem as cantigas tradicionais, com a letra no verso das mesmas.

Procedimentos: use uma caixa com fichas musicais dentro. Sente-se com as crianças em um cantinho da sala, previamente preparado para este momento, com tapetes de borracha ou almofadas, para que elas se orientem melhor no espaço. Faça suspense cada vez que for tirar uma ficha da caixa. Você pode fazer de conta que tem um bicho lá dentro, que quer morder sua mão, quando for tirar a figura e música do Jacaré ou poderá “miar” fazendo de conta que dentro daquela caixa mágica tem um gato, quando for cantar a música “Atirei o pau no gato”, por exemplo. Tenha o cuidado de abrir e sempre fechar a caixa, para que os bichos não escapem! Elas adoram isso. Mostre a ficha para as crianças antes de cantar. O professor da turma pode elaborar uma paródia de alguma canção popular ou conhecida pelas crianças, adaptando com cuidados para a prevenção de acidentes e inserir na caixinha de música.



Telefone sem fio

Objetivos: estimular a oralidade, por meio da audição e repetição de frases convencionais usadas ao telefone; desenvolver a exploração da linguagem verbal; estimular o brincar e o imaginar.

Materiais: aparelhos de telefone (não serve celular, pois pode apresentar risco à saúde dos pequenos).

Procedimentos: aproxime as crianças. Coloque os aparelhos de telefone no chão. Não é necessário ter um aparelho para cada criança. Outra opção é confeccionar telefones com peças de monta-tudo. Inicie a atividade com o toque do telefone: “trimmmmm” e atenda a ligação: “Alô, tudo bem?” Aqui é o professor (diga seu nome)! Quem está falando?... Usar a imaginação e criar diálogos, passar o telefone para as crianças, pare que elas também conversem e passem a ligação para outro colega. Poderá ser abordado o tema da prevenção de acidentes e cuidados a serem tomados pelas crianças na escola e em casa.



Cuidando do bebê

Objetivos: desenvolver os cuidados com seus colegas, diminuindo assim a “agressividade” comum nesta idade; que a criança perceba e respeite os sentimentos dos colegas; que a criança conheça outras formas de se expressar e demonstrar seus sentimentos, que não apenas por meio do choro, mordidas ou agressões; conhecimento e cuidado de si, do outro, e do ambiente.

Materiais: bonecas, bonecos, panos, roupinhas de boneca, mamadeiras e chupetas (de brinquedos ou para crianças), colchonetes, etc.

Procedimentos: arrume as bonecas na sala, em vários lugares, como sentadas em cadeirinhas ou sofás, deitadas em colchões, sentadas no chão, dentro de banheiras de brinquedo ou bacias (sem água). Deixe próximo às bonecas algumas roupas, panos, chupetas e mamadeiras. Peça para as crianças cuidarem dos bebezinhos. Imita o choro do bebê, diga que ele está com fome e observe as reações. Ofereça colo às bonecas (ou bonecos). Troque a fralda (que pode ser feita com tecidos). Diga que o bebê fez cocô ou xixi e peça para uma criança trocá-lo. Pergunte se alguém quer fazer o bebê dormir. Se baterem no bebê, diga que não pode, pois o bebê quer carinho, diga também que quando o bebê cai, ele sente dor, por isso chora. A criança pode orientar o bebê a não mexer em tomadas, a não pegar objetos perigosos, como tesouras e facas.



Jogo da memória com ilustrações de situações que favorecem a prevenção de acidentes

Objetivos: estimular o raciocínio, a concentração, o desenvolvimento psicomotor; desenvolver a cooperação e a socialização.

Materiais: pares de cartões com fotos de situações que favorecem a prevenção de acidentes, tamanho mínimo de 10x10 cm; cartolina, ou papel cartão; contact transparente.

Procedimentos: tirar fotos de situações que favorecem a prevenção de acidentes e imprimir cada uma duas vezes para confeccionar os cartões. Em roda, mostrar o jogo e organizar as peças para que as crianças vejam como se joga. Inicialmente propor o jogo da memória aberto (com as imagens voltadas para cima) e pedir para que as crianças encontrem os pares. Deixar que as crianças manuseiem os cartões, sem pressa, para que se apropriem das regras. Até que estejam preparadas para jogar com as imagens voltadas para baixo.



Meu caminho colorido

Objetivos: explorar as sensações e a percepção; promover o conhecimento corporal.

Materiais: papel pardo e tintas atóxicas.

Procedimentos: pinte os pés das crianças para que elas os imprimam caminhando sobre o papel. Depois deixe com que eles olhem o caminho que fizeram e observem as marcas. Orientar as crianças para que caminhem lentamente, sem correr, evitando as quedas.



Atividades práticas no ensino fundamental



Stop

Objetivos: concentração, interação, trabalho em equipe e pensamento lógico. Identificar tipos de acidentes infantis.

Materiais: papéis e canetas.

Procedimentos: jogam duas equipes. Cada uma com um escrivão. Em um papel, faz-se uma tabela com as categorias: ATRIZ/ATOR - ALIMENTO. CARRO - CANTOR/CANTORA - MINHA SOGRA E - NOVELA - ANIMAL - CEP - FILME - PROGRAMA DE TV, TIPO DE ACIDENTES – TOTAL.

Um jogador de cada equipe tira a ficha para saber com que letra será, e começa a competição. Os integrantes da equipe devem dizer para o escrivão palavras de cada categoria com a letra sorteada. A equipe que terminar de preencher a tabela, diz STOP e obriga a outra a parar. A seguir faz-se a contagem dos pontos. Respostas únicas = 10 pontos. Respostas iguais = 5 pontos. Resposta nenhuma = -5 pontos. Ganha a equipe que obtiver mais pontos na soma geral.

Continue a história

Objetivos: concentração, enriquecimento do vocabulário e estímulo da criatividade. Identificar situações de risco e segurança quanto aos acidentes infantis.

Materiais: nenhum.

Procedimentos: tentar estimular a contar uma história que aborde a questão da prevenção dos acidentes infantis.

Uma frase é dita, cada um tem que repetir e aumentar até alguém esquecer, assim por diante até que alguém esqueça e erre, por exemplo, João estava correndo... João estava correndo no chão do quarto que tinha brinquedos espalhados pelo chão...

Palavras Proibidas

Objetivos: estimular a concentração e criatividade. Refletir sobre a temática dos acidentes infantis, identificando fatores de risco e segurança.

Materiais: nenhum.

Procedimentos: o mestre escolhe alguém para entrevistar. Em 1 minuto de respostas, não se pode falar as seguintes palavras: é, não, porque. Também não pode repetir mais de 2 vezes a mesma palavra.

Dever ser solicitado que os alunos elaborem frases de conscientização sobre a temática dos acidentes infantis e relatem os conhecimentos adquiridos em sala de aula nas regras da brincadeira descrita, ou seja, atentando-se para não usar certas palavras e/ou sem repetir as mesmas palavras.

Qual acidente sou eu?

Objetivos: estimular a concentração e o trabalho em equipe. Identificar tipos de acidentes infantis.

Materiais: papel e caneta.

Procedimentos: O mestre da brincadeira deverá escrever os tipos de acidentes na lousa e escolher um deles, que não poderá ser revelado aos demais alunos. Os alunos serão dispostos em duas equipes. Cada equipe poderá fazer 5 perguntas para o mestre, que só poderá responder sim ou não. Após as 5 perguntas, a equipe diz o palpite. Se errar, o nome do acidente é apagado do quadro e continua a brincadeira até alguma equipe acertar.

Cuidando do dodói

Objetivos: estimular a concentração e a interação da equipe. Refletir sobre os cuidados para a prevenção dos acidentes infantis e procedimentos para os primeiros socorros.

Materiais: desenho de um garoto com um machucado e um curativo, fita adesiva, um lenço para vender os olhos.

Procedimentos: cada criança receberá uma etiqueta autocolante grande. De olhos vendados, deverá se dirigir até o desenho e colar o curativo na ferida do garoto. Quem colocar o curativo mais próximo do local correto é o ganhador.

Deverão ser relatados os tipos de acidentes e os fatores que contribuíram para sua ocorrência e como os mesmos poderiam ter sido evitados.

O mistério das embalagens

Objetivos: estimular o uso de alguns sentidos para prevenção de acidentes.

Materiais: objetos com formas, cores e cheiros variados.

Procedimentos: deverão jogar dois representantes de cada equipe. O mestre escolhe um objeto e coloca entre os dois participantes (garrafas com produtos sem rótulos ou outras embalagens contendo produtos de cores similares). As equipes não poderão ajudar de forma alguma. Quem acertar mais qual produto é tóxico e qual não é vence a prova.

Produções de texto

Objetivos: desenvolver habilidade de escrita e disseminar informações sobre a temática da prevenção de acidentes infantis.

Procedimentos: solicitar que os alunos abordem o tema em produções de textos narrativos, dissertativos e/ou argumentativos. O assunto deve ser previamente discutido com os alunos e após as produções de texto, podem ser trabalhados aspectos textuais, tais como: acentuação, paragrafação, ortografia, etc.

Atividades com gráficos de frequência

Objetivos: desenvolver habilidade de leitura de gráficos e tabelas. Dialogar sobre os acidentes infantis e sua prevenção.

Procedimentos: o professor verifica com os alunos quais acidentes eles ou seus amigos e familiares já sofreram e passar a construir um gráfico de frequência com as respostas. Os alunos poderão compreender os tipos de acidentes mais frequentes na turma e como evitá-los, bem como aprender a identificar informações em gráficos e/ou tabelas.

Cruzadinha de palavras

Objetivos: desenvolver habilidade leitura e escrita envolvendo a temática dos acidentes infantis.

Procedimentos: completar a cruzadinha com palavras relacionadas à temática da prevenção de acidentes infantis.

Caça-palavras (Vilas Bôas, 2013)

- 1- Encontre no caça-palavras abaixo 3 objetos de segurança que devem ser utilizados quando você for andar de patins, patinete, bicicleta ou skate.

S	P	O	Q	N	G	B	Q	C	F	Q
C	A	P	A	C	E	T	E	K	C	O
W	F	L	H	Y	X	V	E	S	O	K
H	Z	R	G	V	K	B	D	T	T	I
J	O	E	L	H	E	I	R	A	O	H
H	S	T	V	B	M	G	A	O	V	A
G	O	Y	J	F	D	M	P	T	E	R
E	V	H	I	U	C	X	Q	K	L	J
K	G	V	C	F	Z	S	C	D	E	O
W	N	M	N	J	P	G	J	V	I	R
U	E	E	T	B	O	T	P	C	R	U
Ç	Y	V	C	G	I	K	M	B	A	Q
L	R	A	O	X	Z	E	S	R	T	P
M	O	M	R	C	Q	N	O	H	A	T

Jogo de tabuleiro (Vilas Bôas, 2013)

JOGO SOBRE QUEDAS



Labirinto (Vilas Bôas, 2013)

Objetivos: desenvolver coordenação motora, raciocínio lógico e percepção visual e trabalhar a prevenção de acidentes infantis.



APÊNDICE F



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília
Faculdade de Filosofia e Ciências



QUESTÕES DE ESTUDO REFERENTES AO 1º ENCONTRO – ACIDENTES INFANTIS

1. Assinale a alternativa correta para a pergunta: “O acidente é um evento que pode ser prevenido?”
 Sim Não Quase todos os acidentes Quase nenhum acidente infantil
 Outros. Especificar: _____

2. O Programa Saúde na Escola foi instituído:
 Pelo Ministério da Educação
 Pelo Ministério da Saúde
 Tanto pelo Ministério da Educação quanto da Saúde
 Outros. Especificar: _____

3. Assinale a alternativa que retrata um fator relacionado à ocorrência dos atropelamentos:
 Excesso de veículos nas ruas Faixa etária de 3 a 12 anos Semáforos sem sinais sonoro Outros. Especificar: _____

4. Para evitar o risco de engasgo, deve-se:
 Oferecer o leite quando o bebê estiver deitado.
 Permitir que o bebê segure a mamadeira sozinho.
 Sempre alimentar o bebê enquanto ele estiver sentado
 Outros. Especificar: _____

5. Diante de uma situação de atropelamento, deve-se:
 Imobilizar a vítima e ligar para o 193.
 Deixar a vítima em silêncio.
 Afastar os curiosos e ligar imediatamente para o 193.
 Outros. Especificar: _____

6. No caso de um atropelamento, nunca deve-se:
 Conversar com a vítima. Tocar na vítima. Ficar muito tempo no telefone com o 193. Outros. Especificar: _____

7. Se um bebê engasgar deve-se:
 Colocar a criança de barriga para baixo. Colocar a criança de pé.

() Fazer a manobra de Heimlich. () Outros. Especificar: _____

8. Durante a manobra de Heimlich, deve-se:

() Fazer um movimento lento e forte para dentro e para cima, quantas vezes for necessário.

() Fazer um movimento rápido e forte para dentro e para cima, quantas vezes for necessário.

() Fazer um movimento rápido e forte para dentro e para cima, apenas uma vez.

() Outros. Especificar: _____

9. Quais foram os aspectos positivos quanto ao preenchimento desse questionário?

10. Quais foram os aspectos negativos quanto ao preenchimento desse questionário?

Agradecemos a atenção e colaboração!

APÊNDICE G



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília
Faculdade de Filosofia e Ciências



**QUESTÕES DE ESTUDOREFERENTES AO 2º ENCONTRO – ACIDENTES
INFANTIS**

Nome: _____

1. Assinale a alternativa que apresenta medidas de proteção para a ocorrência de intoxicações infantis:
 - () Ingestão de alimentos inapropriados para a idade
 - () Indevido acondicionamento de agente tóxicos
 - () Implantação de embalagem de proteção à criança, com tampa inviolável.
 - () Outros. Especificar: _____

2. Para evitar o risco de quedas, deve-se:
 - () Supervisionar as crianças durante as brincadeiras em parquinhos e/ou playgrounds.
 - () Permitir que a criança durma em beliches.
 - () Deixar janelas e sacadas sem grades ou redes de proteção.
 - () Outros. Especificar: _____

3. Para evitar o risco de queimaduras, deve-se:
 - () Manter as panelas com o cabo voltado para fora do fogão.
 - () Manter produtos inflamáveis longe do alcance das crianças.
 - () Fazer uso de toalhas compridas nas mesas durante as refeições.
 - () Outros. Especificar: _____

4. Em casos de intoxicação, deve-se:
 - () Provocar o vômito.
 - () Ler a bula do remédio e acionar o Disque-Intoxicação.
 - () Ler a bula do remédio e fazer com que a criança beba bastante líquido.
 - () Outros. Especificar: _____

5. Em casos de quedas em bebês, o limite de altura deve ser:
 - () 2,1 metros. () 1,5 metros. () 1,3 metros.
 - () Outros. Especificar: _____

6. Em casos de quedas em crianças com altura maior ou igual a 1,5, deve-se:
 - () Fazer um curativo em caso de cortes.
 - () Colocar um gelo no local lesionado.
 - () Dirigir-se imediatamente ao médico.
 - () Outros. Especificar: _____

7. Em casos de queimaduras, deve-se:

Lavar a área queimada com água fria por aproximadamente 5 minutos .

Colocar pasta de dente para aliviar a dor.

Aplicar pomada e dirigir-se imediatamente ao médico.

Outros. Especificar: _____

8. Você conhece alguma legislação que aborda a temática dos acidentes infantis?

Não

Sim. Qual? _____

9. Quais foram os aspectos positivos quanto ao preenchimento desse questionário?

10. Quais foram os aspectos negativos quanto ao preenchimento desse questionário?

Agradecemos a atenção e colaboração!

APÊNDICE H



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus Marília-SP
Faculdade de Filosofia e Ciências



QUESTÕES DE ESTUDOREFERENTES AO 3º ENCONTRO – PREVENÇÃO DE ACIDENTES INFANTIS

Nome: _____

1. Responda às seguintes questões descrevendo uma proposta de atividade com a temática da prevenção de acidentes infantis (caso precise, poderá usar o verso da folha, anotando o número do item e/ou acrescentando outros).

1.1 A atividade envolveria qual nível? () Educação infantil () Ensino fundamental

1.2 Qual(is) tipo(s) de acidente(s) envolveria?

1.3 Qual o nome/tipo de atividade?

1.4 Qual(is) o(s) objetivo(s) da atividade?

1.5 Qual local a atividade seria realizada?

1.6 Quais seriam os participantes da atividade?

1.7 Quais materiais seriam usados?

1.8 Quais os procedimentos seriam usados para realizar/aplicar a atividade?

1.9 Quais os procedimentos seriam usados para avaliar a atividade?

1.10 Quais aspectos poderiam favorecer ou dificultar que você realizasse de fato esta proposta de atividade?

2. Quais foram os aspectos positivos quanto ao preenchimento desse questionário?

3 Quais foram os aspectos negativos quanto ao preenchimento desse questionário?

4. Gostaria de fazer outros comentários e/ou sugestões?

Agradecemos a atenção e colaboração!!!

APÊNDICE I



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus Marília-SP
Faculdade de Filosofia e Ciências



**QUESTIONÁRIO PARA OS DISCENTES DO CURSO DE PEDAGOGIA
REFERENTE ÀS ATIVIDADES REALIZADAS SOBRE PREVENÇÃO DE
ACIDENTES INFANTIS.**

Nome: _____ Data: ____/____/____

1. Como você avalia:

1.1- Os assuntos abordados durante a intervenção sobre o tema da prevenção dos acidentes infantis? _____

1.2- A forma como os assuntos foram abordados? _____

1.3- As questões de estudo que foram entregues em cada encontro?

1.4- A interação entre a pesquisadora e os alunos?

1.5- Outros aspectos? Especificar _____

2. Houve aspectos que favoreceram a realização da atividade como um todo? Especifique e justifique sua resposta.

3. Houve aspectos que dificultaram a realização da atividade como um todo? Especifique e justifique sua resposta.

4. Você considera que a pesquisadora cumpriu o objetivo proposto para a intervenção, de propiciar acesso às informações a respeito dos acidentes infantis em geral e oferecer subsídios para elaboração de atividades com a temática para serem realizadas com os escolares da educação infantil e/ou ensino fundamental? Especifique e justifique sua resposta.

5. A atividade realizada trouxe alguma contribuição para a sua formação? Especifique e justifique sua resposta.

6. Você pretende abordar o tema “prevenção de acidentes infantis” em alguma atividade de estágio e/ou em suas atividades como profissional da Pedagogia? Especifique e justifique sua resposta.

7. Há outros comentários ou sugestões que desejaria fazer?

Agradecemos a atenção e colaboração!!!

APÊNDICE J



**QUESTIONÁRIO PARA O DOCENTE DO CURSO DE PEDAGOGIA
REFERENTE ÀS ATIVIDADES REALIZADAS SOBRE PREVENÇÃO DE
ACIDENTES INFANTIS.**

1. Como você avalia:

1.1- Os assuntos abordados durante a intervenção sobre o tema da prevenção dos acidentes infantis? _____

1.2- A forma como os assuntos foram abordados? _____

1.3- As questões de Estudoque foram entregues em cada encontro? _____

1.4- A interação entre a pesquisadora e os alunos? _____

1.5- Outros aspectos? Especificar _____

2. Houve aspectos que favoreceram a realização da atividade como um todo?
Especifique e justifique sua resposta. _____

3. Houve aspectos que dificultaram a realização da atividade como um todo?
Especifique e justifique sua resposta. _____

4. Você considera que a pesquisadora cumpriu o objetivo proposto no Programa de Ensino de propiciar acesso às informações a respeito dos acidentes infantis em geral e oferecer subsídios para elaboração de atividades com a temática para serem realizadas com os escolares da educação infantil e/ou ensino fundamental? Especifique e justifique sua resposta.

5. Você pretende abordar o tema “prevenção de acidentes” nesta e/ou em outra Disciplina/Estágio do curso de Pedagogia? Especifique e justifique sua resposta. (No caso de ter respondido sim, especifique também os itens de 5.1 a 5.4).

5.1 Sobre qual assunto? () Tipo de acidentes () Causas () Consequências () Tratamento () Prevenção () Outros. Especificar: _____

5.2 Qual comentário, texto e/ou atividades trabalharia junto aos alunos? _____

5.3 Quais seriam as estratégias de ensino-aprendizagem a serem utilizadas?

5.4 Como os estudantes seriam avaliados nas atividades realizadas?

6. Há outros comentários ou sugestões que desejaria fazer?

Agradecemos a atenção e colaboração!!!

APÊNDICE K



Marília, 25 de maio de 2015.

Prezado(a) Colaborador(a)

Gostaria de solicitar a sua colaboração para viabilizar a realização de parte de minha pesquisa de doutorado.

O objetivo desta fase da pesquisa consiste em caracterizar a formação de estudantes do terceiro ano do curso de Pedagogia sobre a temática da prevenção de acidentes infantis.

Neste sentido, gostaria de solicitar a sua colaboração para ser juiz na análise das respostas obtidas com o questionário aplicado durante a coleta definitiva dos dados. Para tanto, solicito que classifique as respostas com base nas categorias criadas, inserindo o número da categoria que você julgar adequada na coluna “categorias”. Caso você considere que a resposta não esteja contemplada nas categorias criadas, fique à vontade para criar uma nova categoria.

Informo antecipadamente que sua identidade será mantida em sigilo absoluto quando da divulgação da pesquisa.

Finalmente, gostaria de solicitar que o material seja devolvido em um prazo de até uma semana a partir da data de entrega do mesmo, após sua análise.

Sem mais para o momento, agradeço antecipadamente sua atenção e coloco-me à disposição para esclarecimentos adicionais.

Cordialmente,

Bruna Vilas Bôas
Doutoranda em Educação
e-mail: bru_vb@yahoo.com.br

De acordo:
Professora Doutora Sandra Regina Gimenez-Paschoal – Orientadora
Endereço para contato: Av. Higino Muzzi Filho, 737 / CEP: 17525-900
Marília – SP – Fone: (0XX14) 3402-1324/ e-mail: sandragp@marilia.unesp.br

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, por processos fotocopiadores ou outros.

Bruna Vilas Bôas.

Marília, 12 de dezembro de 2016.